

VERENA VENANCIO E VIVIAN GUILHERME
APRESENTAM



PERPÉTUO LITERÁRIO

COLETÂNEA DE
AUTORES DE RIO CLARO

PERPÉTUO LITERÁRIO

COLETÂNEA DE
AUTORES DE RIO CLARO

Copyright © 2023 by Vivian Guilherme

Capa: Avner Bonifácio

Revisão: Vivian Guilherme, Verena Venancio e Samuel Chagas

Editores de produção editorial: Vivian Guilherme e Verena Venancio

Diagramação e projeto gráfico: Luiz Marques

Impressão: BOK2

1ª edição / 2023

Produção colaborativa e beneficente. Todos os direitos desta publicação serão revertidos para a instituição de caridade Casa das Crianças de Rio Claro/SP.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Perpétuo literário : coletânea de autores de Rio Claro ; vol. 1 / Vivian Guilherme (org.). — 1. ed. — Rio Claro, SP: ed. da autora, 2023. — 212 p. — ISBN 978-65-00-83891-6

Vários autores

1. Ficção brasileira. 2. Coletânea. I. Guilherme, Vivian. II. Título.

CDD 869.98

Marcela Bianchini – Bibliotecária – CRB-8/11063

SUMÁRIO

PREFÁCIO,	5
APRESENTAÇÃO,	7
ADILSON ROBERTO GONÇALVES,	9
ANA CLARA PIRES DE ANDRADE,	13
ANA ELISABETE CARVALHO,	15
ANDRÉ NERI TOMIATE,	17
ANTONIO ARCHANGELO,	21
AURO MENDES,	25
AVNER BONIFÁCIO,	27
BALL FERRAZ,	35
BRUNA VOLLET,	39
BRUNO NASCIMENTO ALLEONI ,	41
CÉLIA APARECIDA RUFINO GOMES DA SILVA,	43
CHRISTINA AMOROZO,	45
ELIANA BAUMAN,	47
ELISANDRA PAULELI,	49
EVELYN DIAS,	53
FABIO ARANHA MATTHIESEN,	55
FRANCISCO BARCIELA ,	59
GABY OMETTO,	61
GERALDO COSTA JR. ,	65
IGOR SALOMÃO MONTEIRO,	67
ISABELLA LOPES,	69
IVAN RUBENS DÁRIO JUNIOR,	71
J. R. SANT'ANNA,	73
JAIME LEITÃO,	79
JEDIAS HERTZ,	81
JESSICA CORGOSINHO MARCUCCI,	83
JOÃO FRANZIN,	85
JONATAS OLIVEIRA,	87
JOSÉ ALEXANDRE DE JESUS PERINOTTO,	93
JOSÉ DIRCEU VOLLET FILHO,	95
JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE,	99
JOSÉ ROBERTO SECHI,	101
JULIANA LOURENÇO ,	103
KAL MACHADO,	105

SUMÁRIO

KAUHAN SABINO,	107
LEANDRO HENRIQUE ZANÃO,	111
LÍGIA MARIA CASSAVIA KARAM,	113
LIGIA MARIA CERRI,	115
LUBIS MOTORHEAD,	119
LUKS CARVALHO,	125
LUCAS KAINAN ADLER PLANCKE,	127
LUCAS ZAVARELLI,	129
MARCELA APARECIDA FRANÇA,	131
MÁRCIA FÁTIMA SPAZIANTE LEME DA SILVA,	133
MARCOS CLEMENTE,	135
MARCUS VINICIUS FARBELOW,	139
MARI NANDES,	141
MARIA DE LOURDES FRANÇA,	145
MARIA DO CARMO SPATTI LOURENÇO,	147
MÁRIO MARIONES,	149
MASSANORI TAKAKI,	153
MAURO PUCCI,	157
MILLO RIBEIRO,	159
NATHALIA SORGON SCOTUZZI,	163
OLGA GEROMEL FISCHER,	171
PEDRO H. MOUTINHO ZAMPOLLO ,	173
RAFAELA FAVARIN SOMERA,	175
RANI GOUVEIA,	177
RAPHAEL CARBINATTO DIAS,	179
RODRIGO GOMES LOBO,	183
ROGÉRIO ANTONIO DE OLIVEIRA,	187
SAMUEL CHAGAS,	189
SELMA DELIMA,	193
STHEFANI FERRAZOLI,	195
TEREZINHA REGINA LORENZON RODRIGUES,	197
VAIL JOSÉ SANT'ANNA,	199
VERENA VENANCIO,	201
VIRGILIO DE OLIVEIRA JUNIOR,	205
VIVIAN GUILHERME,	207
YAYÁ DOMINGAS,	209
ZAB FARIAS,	211

PREFÁCIO

A primeira sensação ao tomar conhecimento da proposta da coletânea Perpétuo Literário foi de surpresa, mas também de satisfação. O senso comum diz que livros estão ultrapassados e fora de moda, mas essa publicação vai, justamente, na direção contrária. Certos conceitos, de tempos em tempos, passam a ser repensados e novos pensamentos projetam o futuro, mas não necessariamente abrindo mão do passado.

O ano de 2024 marca os 160 anos da inauguração do Theatro São João em Rio Claro, espaço cultural que oferecia conforto à população de cerca de 6.500 pessoas em 400 cadeiras e 63 camarotes. Na década seguinte, foi criado o Gabinete de Leitura com a proposta de ser mais que uma biblioteca para suprir a fragilidade educacional daquele período. A efervescência de Rio Claro foi atestada por Alfredo Taunay que, em suas viagens pelo interior do Brasil, ratificou que à época a cidade de São João do Rio Claro, considerada então a terceira maior da Província, era animada e cheia de esperanças por auspicioso futuro. Amparado pelo confortável contexto econômico e cultural, o rio-clarense ainda foi brindado na virada para o século XX com o cinema Phoenix, que antes funcionava como teatro no mesmo local do Theatro São João. Desse período, não ficaram apenas fragmentos da história, mas um consistente legado em abnegados guardiões da literatura.

Essa coletânea é uma coincidência e não teve como objetivo comemorar essa data, foi organizada para servir como um documento histórico que pudesse estabelecer um retrato da produção literária de Rio Claro do início dos anos 2020. Mais do que isso, a referida obra volta-se a um dos princípios que marcou o desenvolvimento de nossa cidade: ações solidárias em prol do coletivo. Uma das principais justificativas para a produção dessa obra é a de que os dividendos serão revertidos para a Casa das Crianças, obra social de grande relevância que atende meninas e meninos entre 6 a 15 anos, com relação familiar em situação de vulnerabilidade, no contraturno escolar.

Conheço pessoalmente parte dos autores, alguns são bem próximos a mim, os outros, porém, pelo pronto atendimento ao chamamento da Vivian Guilherme - uma das organizadoras da publicação -, merecem um enorme respeito por estarem à frente da causa literária. Ações como essa podem levar Rio Claro ao protagonismo das ações culturais no País. Assim, recomendo essa leitura a todos, pais, professores, estudantes, pesquisadores, enfim, às pessoas que tenham paixão pela leitura e por Rio Claro. Os olhares e as percepções diversas sobre temas cotidianos serão sempre surpreendentes e inovadoras nos mais diferentes contextos históricos.

PREFÁCIO

Cada autor aqui presente deixa a sua marca na história e permite aos leitores percepções incontáveis e originais possibilidades da realidade. As organizadoras deste livro possibilitaram a superação de versões hegemônicas da realidade e um chamamento a quem deseja se surpreender com as nuances da alma e com a inabalável força da palavra escrita.

Renato Elston

(Doutor em Publicidade e professor universitário; faz parte da diretoria da Casa das Crianças)

APRESENTAÇÃO

Desde criança sempre tive um fascínio especial pela história de Rio Claro, o significado de seus símbolos, a trajetória de suas personalidades, o simbolismo de seus monumentos. Quando comecei a trabalhar na imprensa, pude me aprofundar ainda mais nessa temática, pesquisando materiais no Arquivo Municipal, conversando com pesquisadores e pessoas que vivenciaram a história do município; mas, mais do que isso, pude me aprofundar sobre a cultura da cidade.

Nesse trajeto encontrei muitos gargalos e o principal deles era a falta de registros sobre os artistas e fazedores de cultura. Foi possível identificar algumas coisas nas edições d'O Alpha, ou dos jornais antigos da época. Por isso, quando tive a oportunidade de ser colunista nos jornais Diário do Rio Claro e Jornal Cidade, fiz questão de trazer registros dos artistas contemporâneos, pois sabia que daqui a 50, 100 anos, esse material impresso e organizado seria a fonte para as futuras gerações.

Aliás, foi realizando esse trabalho que me deparei com artistas incríveis, em diversas vertentes e que simplesmente desconhecia. No âmbito literário, as surpresas eram muitas, com escritores publicados até fora do país, alguns até na lista de mais lidos e mais vendidos em livrarias online, outros com premiações nacionais. Foi então que me lembrei do tempo em que fiz parte do Centro Literário Rio Claro (Clirc), quando as coletâneas do grupo eram muito esperadas pelos autores e também pelo público, sendo até hoje fonte de pesquisa para estudantes e pesquisadores.

Então, com esse mesmo intuito, senti a necessidade de elaborar esta coletânea. A ideia surgiu pequena, mas compartilhada com pessoas incríveis que abraçaram a ideia e deram todo o apoio. Primeiramente, a amiga e parceira de Letras, Verena Venancio, que declarou total incentivo e fez questão de ajudar em todo o processo. Toda a ajuda voluntária também dos competentes Avner Bonifácio, capista, e do Luiz Marques, diagramador, assim como a revisão dos queridos Samuel Chagas e da Verena. Além da excelente sugestão da Rani Gouveia para o nome deste projeto. Tudo isso não teria se tornado realidade sem a divulgação do colega Geraldo Costa Jr. e, claro, de todos esses autores maravilhosos que se dedicaram e permitiram compartilhar toda essa maravilha!

Qual não foi minha surpresa ao final do trabalho em contabilizar 71 autores! É lindo demais ver todos esses talentos reunidos, histórias sobre a nossa cidade, relatos de dramas pessoais, ou simplesmente ficção bem escrita, daquelas criativas, instigantes, além de belos versos.

APRESENTAÇÃO

Tenho certeza que, assim como eu, muitos de vocês desconheciam todo esse talento que habita a nossa querida Cidade Azul! Espero que este seja apenas o primeiro volume de uma série em que poderemos eternizar nossos autores, esses artífices das palavras, nosso Perpétuo Literário. Boa leitura!

Vivian Guilherme

*(Jornalista, professora e mestre em Ciência, Tecnologia e Sociedade;
é organizadora desta coletânea)*

ADILSON ROBERTO GONÇALVES

AMIZADE EM TEIA

Carlão era uma aranha de estimação. Já estava ali quando o grupo de jovens engenheiros chegou para montar o reator de conversão de silício em fibra óptica. Coisa inovadora, diziam. Mas, Carlão os ignorava e apenas se acomodou nos interstícios de paredes e frestas para continuar sua quase eterna missão de capturar pequenos insetos, principalmente, os voadores.

Os engenheiros não notaram Carlão no primeiro dia. Apenas depois do almoço do segundo dia, um deles olhou para aquele lado atrás do suporte do reator e viu Carlão papando uma pequena mosca. Chamou os colegas; gostaram da cena, quebrou o clima ruim das últimas 24 horas, quando em nada progrediram no inovador mister de montar um reator para transformar silício comum em fibra óptica. Admiraram a lentidão do processo, a parcimônia com que Carlão fazia seu trabalho de envolver com fios da teia a presa ainda em tentativa de bater as asas, e aplicava as picadas periódicas para se chegar ao clímax final com a investidura sobre aquele pequeno bólido irreconhecível, do qual começava a sugar os preciosos néctares para seu alimento e sustentação.

O tempo passou, o final do expediente chegou e aqueles três jovens engenheiros foram embora frustrados com o trabalho e felizes pela descoberta biológica da cadeia alimentar em ação. Até então, Carlão era apenas uma aranha. Não se sabe se por lembrança de outro engenheiro mais velho que trabalhou em projetos antigos ou se foi pela facilidade do nome, no terceiro dia nossos jovens engenheiros batizaram a aranha de Carlão. Ela não pareceu se incomodar com isso, pois continuou exatamente como estava, imóvel, ainda a aproveitar a matéria sorvida no dia anterior. Trabalharam melhor nesse dia, mas ainda estava longe daquele protótipo de reator vir a converter simples silício em fibra óptica.

A irritação era constante, pois o reator era de um vidro especial e quebrava até quando alguém espirrava. Exagero, é claro, mas vá dizer isso aos jovens engenheiros. Como era aquecido a altíssimas temperaturas, tudo no reator era frágil. E não deu outra. Numa tarde voltando do almoço – a tríade fazia quase tudo de forma conjunta – deram início a mais um teste, quando a euforia de um deles fez com que quebrasse a válvula principal de entrada do reator. Som de vidro quebrado é ruim, naquele laboratório pior ainda. Xingamentos, gritos e murros a esmo foram exarados. A peça continuou quebrada. Acionaram o supervisor do laboratório de reparos que veio em meia hora e constatou que levaria uns dois dias

para soldar o reator, pois era vidro especial, vocês sabem: um reator de transformação de silício simples em fibra óptica.

Dois dias em que passaram um bom tempo admirando Carlão, com suas subidas e descidas da teia, mais uma vítima foi adquirida: agora uma pequena vespa.

“Feliz é você, ó Carlão, que não tem de depender de soldas especiais para sua teia, nem de resolver os problemas da humanidade com seus inventos. Vive e apenas vive”. O engenheiro mais novo sempre tinha as melhores tiradas filosóficas, se podemos classificar nesse alto nível a bobagem que ele acabou de dizer.

E veio o reator consertado, e passaram uma semana sem incidentes maiores, já iniciando a fase de testes com pequenas quantidades de silício, para ver o quanto poderia ser obtido de fibra óptica. Nem é necessário dizer que foi muita transpiração, mas, nenhuma inspiração para entender porque o resultado não saía.

Os fins de semana desses jovens eram sem graça, curtos por passarem boa parte do tempo estudando e pensando em seus problemas com o reator. Tão sem graça que deixemos essa questão para lá.

Voltando ao trabalho em mais um dia, notaram que a alimentação do Carlão foi farta. Não se sabe se isso deu-lhes maior empolgação, mas fato é que no afã de pôr a engenhoca para funcionar, em alta temperatura, que como sabemos é necessária para converter o simples silício em fibra óptica, houve um descontrole, quebrando a mesma válvula de entrada já consertada, mas agora espalhando gases fedorentos por todo o recinto, obrigando os três a rapidamente correrem até a porta e saírem. Olhando-se e perguntando-se incrédulos sobre o que teria acontecido, chamaram a segurança, que trouxe bombeiros que ainda bem, nada fizeram, pois o estrago seria maior se água fosse ali jogada. Apenas entraram no laboratório para abrir a outra porta e deixar a ventilação espalhar a fumaça, em projeto social de partilhar com todos a poluição ora produzida.

Após o relatório para o diretor da unidade, os jovens engenheiros voltaram para ver o prejuízo. Um primeiro olhar foi para o reator com aspecto derretido, mas de pronto lançaram seus olhares para o canto onde ficava o Carlão.

‘Cadê ele? Há fuligem por aqui. Não, não pode ser, o Carlão não!’

Procuraram por quase duas horas, removendo a sujeira que havia ficado naquele canto, retiraram mesas que não eram usadas, descobriram boa quantidade de lixo acumulada e umas quatro lagartixas, mas nenhum sinal de Carlão. Nem a teia era mais visível, nem restos dela. Agora a frustração e o desespero eram grandes. Já não os importava se não

conseguiriam pôr para funcionar o reator que converteria silício simples em fibra óptica, mas queriam o Carlão.

Com ajuda de um grupo de engenheiro de reparos, conseguiram limpar o espaço do reator, avaliaram que apenas a câmara de entrada havia sido danificada e que em uma ou duas semanas o sistema estaria completo novamente e o laboratório pronto para uso. Mas a ausência de Carlão não deixaria que eles trabalhassem felizes. Foi o que aconteceu. Carlão não mais voltou para aquele canto. Eles desanimaram, abandonando a ideia de transformar silício, o simples silício, em fibra óptica.

Ao trancarem a porta do laboratório pela última vez, não notaram que por sobre o batente, uma insistente aranha continuava a fazer sua pequena teia, esperando por pequenos insetos, especialmente os alados. Os jovens engenheiros não notaram que Carlão seguira o mesmo caminho deles dois meses antes, fugindo da fumaça, mas se instalando no conforto das frestas daquela porta.

Adilson Roberto Gonçalves é pesquisador da Unesp-Rio Claro, escreve regularmente textos opinativos sobre ciência, tecnologia, educação e meio ambiente para o Jornal Cidade e Diário do Rio Claro. Publicou o livro de poemas “O eu e o outro” pela LiteraCidade em 2016 e o de crônicas “Transformações na terra das goiabeiras” em 2017. Participou de várias antologias em verso e prosa.

ANA CLARA PIRES DE ANDRADE

SER VOCÊ...

Ser uma pessoa que demonstra,
Que quando ama, fala
Quando gosta, mostra
Quando sente,
Não mente!

Ser uma pessoa que quando ama, ama de verdade,
Demonstra a felicidade,
Aprecia a simplicidade
E ama coisas que são consideradas raridade.

Que nasceu na geração errada,
Dizem que isso é ser emocionada,
Mas não vejo nada de errado em transparecer o que sente,
Mesmo que, com muitos, aconteça raramente!

Ser uma pessoa que ainda acredita no cavalheirismo,
No amor de verdade,
No companheirismo,
Na reciprocidade!

Ser uma pessoa que valoriza as amizades,
Que acompanha nas risadas e dificuldades.
Que adora aconselhar,
E de um bom café desfrutar!

Ser uma pessoa, que ama conhecer novas histórias,
Sob as páginas literárias viajar,

O conhecimento somar
E a poesia apreciar.

Ser uma pessoa que gosta de aprender,
Gosta de dialogar,
Ama rezar,
E com a família estar.

Ser uma pessoa que não guarda rancor,
Que na fé encontra seu ardor!
Que valoriza muito uma ação,
E acredita no futuro da nação!

Ser uma pessoa, que não deixa para o amanhã o que pode dizer hoje,
Não adia o que pode ser ou fazer agora,
Porque depois pode ser tarde demais,
Me arrepender, jamais!

Ser uma pessoa que pensa...
Qual o sentido da vida senão amar?
Senão falar?
Senão apreciar?

Senão viver?
Senão aprender?
Senão compreender?
Senão conviver?

Ser uma pessoa que tem sentimento,
Que não se arrepende,

Apesar de que as vezes não entende!

Ser uma pessoa que acredita que o amor nunca é demais,
Que cada um transmite aquilo que tem no coração,
Que valoriza uma oração
E admira a união!

Essa sou eu e você,
Viva, valorize, seja você, do jeito que quer ser.
Não importa o que vão dizer
Não se coloque na posição de sofrer,
Por não ser o que é seu ser.

Ana Clara Pires de Andrade nasceu em 06/08/2007, natural de Rio Claro, interior de São Paulo. Atualmente (2023), está cursando o 1ª série do ensino médio. É apaixonada por livros, poemas e também ama escrever. Adora aprender coisas novas. É católica, ama servir o altar e se divertir com seus amigos. Tem um canal no YouTube chamado "Dicas de Livros: Ana Clara", onde compartilha suas leituras e experiências literárias.

ANA ELISABETE CARVALHO

SÓ MAIS UM DIA

O sol, sem o menor sinal de timidez, invadiu o quarto, inundando todo espaço de um matiz dourado e quente.

Seus olhos cansados por outra noite maldormida abriram-se para mais um dia de sua longa jornada na vida.

A rotina massacrante (sua fiel companheira já há algum tempo) impôs-se cruelmente neste novo dia.

Preguiçosamente, jogou as cobertas de lado, e tateando com os pés buscou os (também) velhos chinelos, que há muito tempo acolhem seus pés cansados.

Saiu.

O impacto do dia radiante feriu suas retinas...

Olhou para o céu, esparsas nuvens brincavam ao léu, dizem que formam figuras no céu,

esforçou-se para ver se realmente havia alguma figura significativa – em vão.

Deu os primeiros passos, já quase trôpegos por um caminho tantas e tantas vezes percorridos.

Ainda havia o chilrear dos pássaros, agitadas mães a alimentar seus filhotes aumentavam a

algazarra nos galhos das árvores.

Para onde seus passos o levam?

Já não há nada a encontrar a não ser as lembranças...

Lembranças...

Crianças correndo ao seu encontro, onde estarão?

A amada com os braços abertos para o aconchego – onde estará?

A esperança sentada no mesmo banco, acenando com brilhantes realizações e grandes

conquistas, jaz agora esmaecida e sem brilho.

Ao sentar-se, notou que a vida quase sem vontade ia lhe escapando...

Muitos foram...

Muitos são lembranças...

Muitos são sombras fugazes a bailar frente a seus olhos.

Onde estarão?

Deixaram-se de alguma forma em alguém? Algum lugar?

Alguns pássaros pousam à sua frente em busca de migalhas...

Migalhas que hoje são o reflexo do que foi sua vida...

Migalhas e amores mal vividos e risos (muitas vezes fingidos).
Migalhas...
Seu olhar vagueia buscando, quem sabe, fantasmas...
Súbito, uma buzina estridente o arranca de seu quase torpor...
A realidade batendo em sua mente faz com que lembranças fujam
em um brincar de esconde-esconde.
Mas... para que a realidade?
Para que constatar a fria rotina que o consome?
Ah... se pudesse se ocultar nas pregas do passado, em sua mente.
Ah... se pudesse apagar-se e de nada mais se lembrar...
Ah... se...
Se...
O sol queima sua pele envelhecida e ofusca seu olhar...
Olha novamente à sua frente. Nada o anima...
Volta-se lentamente sobre seus passos, para seu quarto vazio e frio...
Quem sabe, deitando e se entregando definitivamente, tudo termina?
Se...

Ana Elisabete Carvalho é rio-clarense, professora (inativa), revisora, editora, cantora, escritora, mãe e avó orgulhosa. Temente a Deus. Amante das Letras e da música. Cozinheira por hobby.

ANDRÉ NERI TOMIATE

O LABORATÓRIO DE ZOOLOGIA

Passada a porta de vidro emperrada, o corredor escuro e a pequena curva, finalmente, a luz natural ilumina o gabinete em que tomamos café e temos as mais variadas discussões. Resolvi que seria o dia para limpar e catalogar a coleção de crânios, atividade que, de fato, só fazia sentido em um laboratório de zoologia. Localizados em armários de metais com vidros nas portas, um a um, os crânios foram colocados na sala ao lado. Com grandes bancadas de granito e normalmente utilizada para as aulas, resolvi que seria o melhor local para agilizar o trabalho.

Pelo corredor passam alunos que nunca viram tantos crânios em bancadas e, aos poucos, chegam à porta para observá-los. Etiqueta por etiqueta, foram amarradas por um barbante aos crânios, e o tempo passou em ritmo acelerado. Menos que um dia de trabalho permitiu a renovação das identificações. Crânios de jacarés, peixes, antas, cavalos, porcos, onças e roedores dos mais diversos, agora, estavam devidamente trajados para as aulas práticas e recepção dos eventuais visitantes. Infelizmente, os crânios de aves seguiram sem novas identificações, trabalho para outro momento.

A rotina inicial sempre se repetia e frequentemente havia a presença de baratas mortas no corredor; outra característica que só fazia sentido em um laboratório de zoologia que criava baratas para aulas práticas. Por conta do feromônio emitido pela grande quantidade dessas baratas dentro de caixas, as de fora eram atraídas e davam o ar de decoração móvel ao ambiente. Com elas também recebíamos as aranhas. Em uma bela tarde utilizamos uma caixa de paçoca recém-consumida para capturar uma e, assim, evitar um acidente. Entre cafés e doces sempre surgiam discussões científicas ou mesmo comentários banais do dia a dia. Trabalhar com baratas proporciona a habilidade de identificar o cheiro delas. A ida a restaurantes nunca mais foi a mesma.

Felizmente, além das baratas rotineiramente encontradas nos esgotos, também tínhamos as baratas de Madagascar. Aquelas que ficaram famosas estrelando juntamente ao alienígena no filme "Homens de Preto", com Will Smith e Tommy Lee Jones. A mais icônica de nossas baratas, Josimar, era constante alvo de nossos comentários. Exercendo o papel de dominância na caixa, cooptava a maior parte da ração de peixe utilizada na alimentação e frequentemente fazia seu sibilar característico quando ameaçado. Da primeira vez tomei um susto dada a quebra de expectativa.

Certa vez, recebemos a coleção didática de uma escola para realizar a manutenção. Lavar vidros, substituir fixadores, retirar cobras de garrafas. Por vezes, nos surpreendemos com tudo que pode haver em coleções biológicas. Os fixadores evitam que os animais mortos se decomponham, entretanto, faz isso na mesma medida que parece tentar nos matar. O cheiro de formol queimava os olhos, as narinas e aparentemente todo o tipo de mucosa que tocava. Ao longo do tempo foram substituídos por álcool e as amostras mais novas só davam a impressão de estarem mergulhadas em uma cachaça forte, nada diferente do que estávamos acostumados a beber. No geral, a rotina de trabalho era pontual dada às diversas outras atribuições que um estagiário consegue ter. Porém, o laboratório não parava, sempre com aulas práticas para os cursos de graduação, com visitantes buscando solução para passarinhos sem ninhos, além dos mais criativos pedidos que poderiam surgir.

Alguns dias que o trabalho era intelectual, e exaustivamente discutíamos sobre como seria a organização de um seminário, a motivação para a escolha do tema, ou mesmo a busca de resolução para um problema que nem mesmo existia. Entre um café, uma picada de mosquito e a leitura de três artigos científicos, a solução se lançava à luz, mas logo se esvaía no ar. Com ela, novos problemas, novas indagações, mais café, uma piada e o trabalho seguia para outro dia.

De fora um urubu nos observava, certamente, pensava: “Intrigante o comportamento deles, ao redor de tantos animais mortos preferem beber esse líquido marrom”. O café mais uma vez norteava nossos dias, com frequência percebíamos ser televisão de urubu e torcíamos para que não fôssemos nós o alvo do desejo, enquanto ao nosso redor estavam os bichos empalhados, como dizem popularmente, ou taxidermizados, como preferem os técnicos.

Rotineiramente, as novas faxineiras se assustavam com o tubarão e o jacaré taxidermizados em cima dos armários. Ninguém espera um ataque de tubarão a 300 km do litoral ou mesmo de um jacaré fazendo emboscada dentro de um prédio. Para nós era normal. Os animais empalhados não guardavam lugar fixo e por vezes pareciam parte do cenário de um dos filmes de “Uma Noite no Museu”. Um dia o tatu-galinha virou nossa mascote. Com o carisma ímpar e a fácil mobilidade, Chiquinho, como foi carinhosamente apelidado, passou a fazer parte das nossas confraternizações usando até chapéu de festa junina. Uma vez que estava morto não trazia o risco de seus parentes vivos de transmitir a lepra, ou atualmente chamada de hanseníase.

Cada novo estagiário ganhava sua própria gaveta e com frequência pregávamos peças, a exemplo do dia que um granito quebrado virou adorno de gaveta junto de uma mensagem de boas-vindas. Infelizmente, o desatento dono nunca chegou a descobri-la. Entre uma atividade, café e conversas sem compromisso, entendíamos a história de cada um, além da motivação para estar ali e as características de personalidade. A minha gaveta permanecia, mas já não seguiria tendo a rotina da porta emperrada, corredor escuro e gabinete com um café quente ao meu aguardo. A cada dia o laboratório estava mais vivo, com mais estagiários as coleções biológicas estavam pujantes, tanto no quesito manutenção quanto no recebimento de novos materiais.

Em uma de minhas visitas, vejo um rosto projetado contra a janela do corredor escuro, um aluno vislumbrava um exemplar de nossa coleção. E com frequência apareciam outros, como em romaria para visualizar a imagem daquele ilustre organismo. Para a nossa surpresa, o motivo de aglomeração consistia em um feto de porco com má formação, um exemplo dos efeitos da teratogênese, ou seja, de como substâncias químicas, ações físicas ou patógenos podem provocar alterações no desenvolvimento embrionário normal. Certamente, uma raridade recém-descoberta pelos nossos visitantes e mais um exemplar único de nosso acervo, com um olho único, foi denominado de porco ciclope.

Um dia, já em outro laboratório, ouvi sobre fogo no prédio em que o de zoologia se localizava. Quando saí à rua, vi que havia fumaça preta saindo do exato local. A maior preocupação era quanto a quem trabalhava lá, que felizmente foram facilmente localizados. O fogo consumiu o laboratório e de longe era possível ouvir os vidros que armazenavam os animais explodirem, cheios de álcool, a chance de que algo fosse recuperado beirava o impossível.

A porta não existe mais, o corredor e a curva desapareceram, o gabinete em que tomávamos café pareceu nunca existir. A luz iluminou as cinzas e tudo era cinza. Os crânios eram cinzas, os armários de metais estavam retorcidos, os vidros estourados e mesmo a sala ao lado estava pulverizada em cinzas. Já não existia mais local de trabalho, local de convivência. E aos que dizem que as baratas sobreviveriam às condições mais inóspitas da Terra, nem as baratas ali permaneceram. Nem sinal de Josimar, ou mesmo de Chiquinho.

Após o recolhimento dos entulhos, a cor cinza permaneceu e com ela o sentimento de que onde antes havia o laboratório, hoje consiste em um grande vazio. Já não existe o local de nossa convivência, já

não existe o local de nossas memórias, e se não fossem as fotos seria difícil conseguir imaginar a arquitetura desse espaço inerte. Já não existe a coleção biológica e o sentido da existência de um laboratório de zoologia.

André Neri Tomiate é paulistano, mudou-se para Rio Claro em 2015 para a realização do curso de Ciências Biológicas da UNESP, seguiu para mestrado e doutorado na mesma instituição. Apaixonado pela natureza e ficção científica, tem a expectativa de ver a ciência compreendida e acessível.

ANTONIO ARCHANGELO

ANDROCLEPTOCRACIA

Há Mariannes,
Judites,
Joana d' Arc,
Saint-Milhier,
Bourgougnoux,
Marie Carpentier,
Olympe de Gouges,
Pauline León,
Claire Lacombe,
Théroigne de Mericourt,
Marie Deschamps,
madame Perrier?

— A mulher é pública, prostituta!

E as filhas anônimas,
de Benjamin Constant?
E as mulheres dos soldados,
rumo ao golpe do dia 15?

— A mulher sobre o homem,
Desde que mãe e esposa!

E as vivandeiras?
Prostitutas dos rebeldes?
Ou simpáticas monarquistas meretrizes?
Talvez a mariolatria católica?
Anti Isabel, a redentora?

— Diga a Chiquita de Floriano:
Política é coisa de homem!

E a Maria ou Clotilde
a negra brasileira?

— Não há índias, mulatas ou negras!

E a Pátria,
Moema, Iracema,
Joana Angélica,
Anita Garibaldi?

Pois onde vai, Xavier?
Não é momento de passear com as filhas?

A carioca,
A francesa
Maria Quitéria?
Anna Néri?
Jovita Feitosa?

— Cooptadas pela igreja!
Pela igreja!

E Antonieta Feitosa?
Bárbara de Alencar?
Clara Camarão?
Dandara dos Palmares?
Laudelina de Campos Melo?

— Esfarrapadas, esfarrapadas!

E Luiza Mahin?
Maria Felipa?
Nise Silveira?
Sóror Joana?
Zilda Arns?
Zuzu Angel?

— Corrompidas!
— Pervertidas!
Marias e cocottes, eis a sina!

— Não!
Foram silenciadas!
Todas dilaceradas!
Abusadas!

Foram amaldiçoadas!
Estão renegadas!
Caladas!

Escandalizadas;
Porém disfarçadas!
Usadas!

Continuam forçadas!
Em memórias desencontradas
Em histórias 'inesquecidas'!

[outubro 11, 2023]

CRIOULÊS

Não há em Portugal,
nem em toda lágrima que virou sal,
de maneira galega ou ligeira,
um português crioulo como o do Brasil!

Não há os gritos de Cunhambebe em Ipanema,
Não há a milícia de João Ramalho, però!
Não há gamba zumba, nem a polenta, muita polenta!

Não há português, de Portugal!
O que anda por aqui, pelos becos, pelas ruas,
é filho seu, porém, rebelde!

Ele anda por Maputo, Luanda, Díli, Macau, mil lugares...
A espreita nos guetos, dos insurretos, dos iletrados,
dos que derrubaram a realeza na cidade do Porto!

Vive, mas não órfão.
Das mãos surradas de suas várias mães,
Das lágrimas escravas e desesperadas...

Vive e evolui,
arrebenta a fibra dos lusitanos,
que vulgarmente gestaram seu modo de latim!

Talvez seja isso!

Filho destronou o pai,
E foi ser gauche na vida!

[maio 06, 2020]

AURO MENDES

MULHER, MULHERES

No campo e na cidade
Em todas as funções
Em todos os países, nações
Transformam a realidade.
Mulher, mulheres...
Percepções femininas,
Finas sutilezas,
São sempre realezas,
Adultas ou meninas.
Mulher, mulheres...
Várias, únicas, una.
Plural ou singular,
Não importa. É verdade.
A vida se torna vazia, sem graça,
Sem rumo, sem charme,
Quando no mundo
Falta uma.
Mulher, mulheres...

RIO CLARO: NÃO VIVO LONGE DE TI

Rio Claro
Do céu límpido e azul,
Das praças e da floresta,
Muito aprendi.

Rio Claro
Das lindas orquídeas
Que adornam os corações!
Lembranças que jamais esqueci.

Rio Claro
Do lago e da ferrovia,
Muitas recordações!
Experiências que tive aqui.

Rio Claro
Com o seu povo acolhedor
Quantas emoções!
Não vivo longe de ti.

Prof. Dr. Auro Mendes é geógrafo e professor de Geografia junto ao Departamento de Geografia e Planejamento Ambiental-IGCE-UNESP de Rio Claro. Escritor e poeta, também é Pastor e Psicanalista.

AVNER BONIFÁCIO

A PAPA CAPIM

ATO I - Capivarinha

Não tem coisa mais bonita que uma capivarinha. Corpo gordinho abraçado à sarjeta, pancinha apoiada sobre a calçada, pernas entrelaçadas como uma dama. É, não tem coisa mais bonita que uma capivarinha. Sim... mesmo morta. Morreu com estilo, com olhos charmosos como em vida. Por um momento fui ingênuo e pensei que ela estava apenas a dormir, a descansar num lugar onde alguma hora havia água e estaria fresco. Tive esperanças de ver o pulmão subir, mesmo de leve, mesmo que com receio de que isso realmente acontecesse. Abandonamos muito facilmente um corpo morto e, por fim, foi o que fiz.

O sol ainda não aparecera por completo quando a vi, logo após a última curva antes da portaria do trabalho. A rua estava deserta e pude parar o carro ao seu lado para vê-la de perto. Fiquei nervoso pela ilegalidade da vaga e tentei ser rápido. Ela parecia intacta. Teria morrido de quê? Seria um filhote ou um adulto? É bem verdade que nunca vi uma capivara adulta de perto para poder comparar. Queria fazer algo, tirá-la da guia, dar-lhe alguma dignidade. Colocaria no carro? Quanto tempo leva para um corpo se decompor? Tempo passando, não posso me atrasar... não posso me atrasar. Afinal, sou um exemplo.

Então, acabei fazendo a coisa mais insignificante – e estúpida – que poderia. Estiquei o braço para fora da janela e deixei cair um botão de rosa em cima dela. Por que diabos eu tinha uma rosa no carro? Porque eu andava apaixonado, algo que julgava nem ser possível novamente. Com o carro ainda em ponto morto, olhava em volta como quem fez algo improvável. Ninguém à vista, engatei e acelerei bem a tempo de entrar antes do ônibus de funcionários.

Já na vaga, segurava minha pasta com as duas mãos e sentia um vazio mais doído que o normal. No retrovisor, o clima habitual se apresentava. Cada soldadinho dirigindo-se aos seus postos, uns sonolentos, outros pilhados de cafeína, uns arrumados como para uma festa, outros que fizeram o mínimo necessário para que pudessem ganhar o dia. Eu também deveria estar no meu posto, mas a capivara me impactou mais do que esperava. Tanto que apertava a pasta e não descia do carro. Tempo passando. Por que fui deixar a rosa? Uma noite inteira de planejamento que vai pelo ralo, não estou me reconhecendo... Isso não se faz. Siga o plano, sempre siga o plano, caramba!

Atravessar o longo pátio, passos moderados para as pedras não esmagarem os sapatos, postura ereta para mostrar confiança, sorriso contido para não dar intimidade. Parar primeiro na mesa, retirar o material de trabalho da pasta, guardar a pasta, posicionar tudo de forma organizada, acessar o computador e, só assim, buscar um café na cozinha.

Ora, começava um dia normal.

Não, hoje não era um dia normal.

Atrasado, andei mais rápido, escorreguei nas pedras e quase deixei a pasta cair. Sorri visivelmente sem graça e fui direto à cozinha. O maior erro.

— Olha quem está aqui, a essa hora! Você ‘tá’ doente, né? Só pode... Apesar que você já veio bem doente e mesmo assim o ritual estava em pé. Conta, ‘quê’ tá pegando?

— Ah, é bom mudar de vez em quando e...

— Pode parar com isso! Concordo com a Cleide, isso não acontece à toa, não.

— É... Tô atrasado, pessoal, melhor eu ir. Só vim pegar um cafezinho aqui... ou uma água...é... daqui a pouco eu volto.

— Pode falar com a gente se precisar, minha bolsa é uma farmácia pra todo gosto. Tem pra dor de cabeça, dor no corpo, ressaca. É ressaca!? Aí seria surpreendente demais, não?

— Sim, seria.

Na sala, o silêncio predomina. Quando entro, todos me olham e entreolham-se. Faço meu ritual da mesma maneira. Aquele vazio ainda comigo. Senha colocada, acesso liberado, decido ir à cozinha novamente. Sempre siga o plano.

— Ei, você não é o cara das capivaras?

— Se você diz.

— Ué, eu vi aquela foto lá. Ficaram te enchendo, né? Mas, o bicho é fera. Você viu essas imagens do Pantanal? A coisa tá feia por lá...

— Eu sei.

— Olha essa capivara!

Então, ele enfia o celular na minha cara e não consigo desviar. Enquanto vejo uma capivara semicarbonizada, meio que sangrando, seu rosto aparece atrás com um leve sorriso. Viro o rosto e continuo enchendo minha caneca de café. Ele não desiste.

— Foda, hein?

— Por que esse sorriso?

— Eu, sorrindo? Não, acha... Sei lá, não estou, não. Judiação do bichinho.

Meu ritual funciona, definitivamente. Chegue cedo, vá à cozinha com ela ainda vazia.

O ar-condicionado não dá conta do meu suor, potencializado pelo dia maluco e pelo café pelando que usei para tomar meu medicamento, já que até da água eu me esqueci. Abro meu e-mail e as letras estão mais difíceis de ler. Limpo os óculos e, num gole, tomo todo o café restante, que desce queimando minha garganta. Penso na capivara queimando. Penso também na capivara abandonada.

Meu telefone toca. Sou chamado a comparecer na sala da chefia.

— Oi, Rosa... como vai? Bom dia. Tudo bem, já estou indo... Muito obrigado!

Tentei fazer uma voz bonita e animada, mas só tentei mesmo. Não me ajudou que a voz dela estivesse muito diferente do normal, sisuda, até um pouco trêmula. A reunião já era esperada, eu mesmo a pedi há tempos. Tão esperada que eu não deveria ir de mãos vazias. Siga a merda do plano!

É difícil que alguém vá até aquele setor, os chefes não gostam e eu não faço o tipo rebelde. Agora eu estava suado, um pouco amarrotado, visivelmente desconfortável e de mãos abanando. Na falta de beleza não é possível dar-se a esse luxo. Uma parte da sala está um pouco mais eufórica. Algumas risadas e cochichos. Me viro disfarçando e novamente me olham. Uma jovem, recém-chegada a ponto de eu esquecer seu nome, se levanta e estica bem o braço, com a tela do celular virada pra mim e sorri nervosamente.

Alguém filmou a capivarinha bem de perto, ainda deitada na mesma posição e com a rosa em cima de sua barriga. A pessoa coloca o pé em cima dela e dá uma leve chacoalhada, provavelmente, conferindo se está mesmo morta.

— Qual é a dessa rosa, gente? Gente doida! — diz um.

— É macumba! — diz outro.

Viro as costas e saio sem nada dizer. De fora da sala, paro num corredor vazio e tento me acalmar. Arrumo a gola da camisa e me certifico de que o cordão do crachá está escondido nela. Aliso o tecido, confiro os botões do punho e respiro profundamente algumas vezes.

Não adianta de nada, mas, não posso demorar mais.

Conforme se vai em direção à chefia, as salas e corredores vão ficando rebuscados, com luzes amenas, belas cozinhas e banheiros próprios. As salas são mais cheirosas, com mais plantas e até um aquário como decoração. E claro, há a Rosa, a secretária executiva que cuida apenas dos três figurões.

Devo passar por ela rapidamente e apenas acenar com a mão? Ou, faço algum comentário, algum elogio? Do jeito que as coisas vão, só vou me prejudicar... qual a chance de isso dar errado? Por fim, me escapou um cenário pior.

— Olá, Ângelo... boa tarde! Como você está?

— Ahh... Éee...

— Um pouco nervoso, já entendi. É normal, vai dar tudo certo. Fiquei sabendo que é coisa boa, viu? Vai que vai, você merece.

Como você não se preparou para o cenário em que ela puxa conversa, imbecil?

— Muito gentil, você é muito gentil.

Com a cara queimando, adentrei uma antessala antes de ser chamado, e por um instante, troquei em minha mente, a imagem da capivara pelo sorriso da Rosa. De lado, abrindo pouco a boca, os dentes reluzentes. Mas os olhos...tristes, ou com medo? Não sei, nem isso estava correto hoje.

— Olha ele aí... Seja bem-vindo, aceita um café, um chá, algo?

Este era o irmão mais velho. O que gostava de ser temido, mas queria ser visto como simpático e educado. Gente como a gente.

— Obrigado, Sr. Rômulo... Estou bem.

— Só Rômulo, pô... Senhor tá no céu.

Sorrisos nada espontâneos.

— Olá, Ângelo. Boa tarde. É um prazer recebê-lo.

Essa era a irmã. Muito educada, mas visivelmente não queria parecer gente como a gente.

— Obrigado, dona Rafaela. O prazer é meu.

Por último, não podendo faltar, o playboy metido a malandro.

— Fala Ângelo... Chega mais.

— Opa...obrigado, Ricardo.

Era bem sabido que ele odiava ser chamado de senhor, ou qualquer outra coisa que o fizesse lembrar que ele não tinha a idade que gostaria de ter.

Sentamos à mesa redonda central, de madeira brilhante, com os três num semicírculo de um lado e eu do outro. Percebi que tudo era bonito, obviamente, mas mais por uma olhada de canto de olho do que uma observação séria. Já tinham três para que eu prestasse atenção, afinal, eu que havia solicitado tal reunião. A única coisa que não passou despercebida foi uma janela imensa à minha direita, por onde entrava claridade e ar fresco, mesmo estando muito quente lá fora. Dei duas olhadelas rápidas enquanto nos sentávamos, mas na terceira me demorei um pouco mais. Mesmo que um pouco distante, essa janela mostrava a saída do estacionamento privativo, que era também o local exato onde a capivara estava e, ao que parecia, agora com algumas pessoas já em volta do cadáver. Como deixei isso passar!

— Muito bonita a vista daqui.

Disfarcei.

— Bom, vamos aos negócios, meu caro.

Você já está com a gente há quase dez anos, vimos na sua ficha. Você levou algumas demandas ao seu supervisor e ele nos repassou. Inclusive ele não está presente porque nós assim quisemos, pra você poder ter liberdade de nos falar abertamente o que pretende, quais seus planos, críticas... se é que as tem...

A voz do chefe número um foi ficando em segundo plano, quando notei que as pessoas eram crianças, e nesse instante uma delas cutucava minha amiguinha com um pedaço de pau.

—... pedimos pro pessoal reunir seus resultados nesse ano e estamos surpresos, positivamente surpresos. Todos sabemos do seu empenho, sempre bem-arrumado, é um dos primeiros a entrar e um dos últimos a sair. Veste a camisa mesmo, mas ainda assim, surpresos.

Só consegui soltar um obrigado, e ainda assim, com uma voz fraca e sem sorrisos.

— Temos a questão social, você deve saber. – Assumia a ‘chefá’ – Algumas pessoas se incomodam com você ser muito fechado, metódico, não participar das festas e confraternizações. Hoje isso é cada vez mais importante para uma empresa que, como nós, quer se manter moderna e atualizada. Se puder comentar um pouco sobre isso, agradecemos.

— Cacete de molecada! – soltei entre os dentes.

— Ângelo... Quê é isso?

Disse Rômulo com um sorriso nervoso. Bem relaxado na cadeira, Ricardo ria confortavelmente.

— Não são apenas os mais jovens que dizem isso sobre você. – emendou Rafaela em tom pesado.

— Não, não... Estou falando de outra coisa, peço desculpas. Posso comentar sobre isso sim. Me desculpem.

— Rick, tem algo a acrescentar antes de deixarmos o rapaz livre pra falar?

— De boa, nada a acrescentar.

— Você parece um pouco nervoso, pra dizer o mínimo. Vou pedir pra Rosa trazer um copo d’água, pode...

— Não!

Saiu mais alto do que imaginei. Tudo que eu não precisava era que Rosa me visse naquele estado. Uma hora ou outra ela já saberia do vexame que essa reunião promete ser, então que seja depois.

Esfreguei a mão no rosto, pronto pra começar, me ajeitei na cadeira e ouvi mais alta a risada e gritaria das crianças. Gritos eufóricos de quando estão aprontando. Respirei fundo e comecei.

— Peço desculpas por esse primeiro momento, um pouco constrangedor, confesso. Mas, juro não ser nada relacionado a vocês ou nossa reunião. O dia não começou muito bem.

Virei mais uma vez a cabeça para a janela, agora sem disfarçar, e vi um garoto erguendo o pedaço de pau e descendo com o máximo de força no corpo da pobre capivara. Parecia até que eu conseguia ouvir o som seco da madeira contra o corpo já endurecido. Franzi o rosto junto com a pancada e senti meu corpo fora de mim. Arrastei a cadeira, corri e me apoiei com uma das mãos no parapeito da janela, enquanto a outra acenava para o garoto.

— Moleque dos infernos! Larga isso agora!

O grito saiu potente. Todos correram em direção à janela e viram um grupo de crianças me mostrando o dedo e ainda chutando a bunda da coitada, visivelmente, de pirraça.

Pulei a janela desajeitadamente, meu pé de apoio escorregou e caí de cara diretamente num canteiro, agradecendo por ali ser um jardim, mas sentindo imediatamente meu olho direito ardendo, pelos galhos que passaram ali com força. Me levantei, a camisa branca toda com terra, e fui bufando até as crianças.

— Ângelo, Ângelo... você se machucou, o que está acontecendo?

Me senti muito ameaçador enquanto pisava firme e ouvia o som dos galhos que se quebravam sob o meu másculo mocassim sem meia. O mesmo não achou a criança com o pedaço de pau – com um prego na ponta.

— E aí, tiozão... Sai pra lá, otário! Quê que você quer?

Tudo isso enquanto empunhava a ripa em posição de ataque.

— Solta já isso aí... E deixa o bicho em paz.

Tentei parecer o mais bravo possível. Nada.

— Xi, ah lá... Doidão! O bicho tá morto, seu esquisito. A gente não tá fazendo nada demais!

Acho que assisti filmes demais, mas foi o que me veio à boca e cuspi sem pensar.

— Vou contar até três, e se no zero esse taco não estiver no chão e vocês saindo daqui, vou tomar de você e enfiar no seu... Onde o sol não bate!

Suava e tremia enquanto dizia isso, e ouvia atrás de mim, os chefes e mais pessoas da empresa gritando meu nome e vindo em minha direção.

— Humm... Du, eu acho que ele quis dizer que vai enfiar essa ripa no seu c...

E gargalhavam todos, enquanto Du, sem tirar os olhos de mim, apoiava o pé e soltava o peso na capivara.

— Ângelo! Que loucura é essa? Deixa os meninos, vamos pra dentro... Você não está bem.

— É só um bicho morto, mandaremos o Serafim retirar.

— Que absurdo Ângelo, você quer bater em crianças? Que horror!

— Agora não, Rafa.... Agora não.

— É tia, tira esse monga daqui, senão vou acertar ele, ó!

Sentia uma mão no meu braço, e outra no ombro, provavelmente dos irmãos, pois não tinha desviado o olhar do menino a alguns metros de mim.

O que diabos eu estava fazendo? E agora, o que deveria fazer? Recuar, sair escoltado, ouvindo discursos solícitos sobre saúde mental enquanto preparam minha demissão? Olhei para aquele bichinho ali no chão, indefeso, e senti nos seus olhos que ele me pedia socorro.

— É isso mesmo! Vou enfiar no seu c... de pivete metido a besta!

Parti pra cima do menino como uma fera, vi o medo nos olhos dele e retirei o pedaço de pau num puxão só. Rômulo e Ricardo me soltaram atônitos. Me surpreendi com a fúria desprendida e me senti bem, pela primeira vez no dia. Todos se afastaram. Um, dois passos para trás. Eu era imprevisível com aquela arma na mão. Compreensível. O guarda que acompanhava os chefes sacou a arma, mas, manteve-a abaixada. Todos sinalizavam para que ele não reagisse.

Fui até a capivara, vi as perfurações e amassados que fizeram nela. Soltei a ripa e me agachei para agarrá-la e lhe dar um enterro digno. Três coisas muito interessantes aconteceram neste momento.

Primeira: ela estava intacta na parte de cima. Apenas na parte de cima. Quando a levantei do chão, uma quantidade assombrosa de bar-rigada, sangue, gordura e sei lá mais o que despencaram no chão, nos meus pés, calças e até em um pouco em quem estava mais próximo.

Segunda: Me esqueci de que não era forte como estava me sentindo – pelo contrário – e ao tentar ajeitar aquele peso todo nos meus braços, dando uma jogadinha pra cima, inclinei minhas costas muito para trás e ainda escorreguei nas tripas sobre a calçada. Com o peso dela todo sobre o meu peito, meu corpo virou uma gangorra onde as pernas subiram e meu tronco e nuca quicaram e estralaram no asfalto quente. Perdi os sentidos por um momento e quando os recobrei, estava sufocando. Na queda, ela rolou pelo meu peito e parou em cima do meu rosto, fraturando meu nariz e enchendo minha boca com sangue.

Ouvi gritos abafados de horror enquanto, com dificuldade, a empur-rava de cima do meu rosto, agora também sendo rodeado por moscas. Levantei tossindo, afogado, segurando o vômito e cuspidando o máximo possível, sem ter nem um pedaço de roupa limpa onde pudesse raspar

minha língua, muito menos água para me lavar, na vã tentativa de aliviar aquele sabor de morte que engoli, muito mais presente no meu cérebro que em minhas papilas.

Finalmente, em pé e ainda tossindo, tiro os óculos quebrados e sujos, cambaleante e com a visão turva, avisto a terceira coisa interessante: Rosa, que em algum momento se juntou aos espectadores, perdendo até a alma de tanto vomitar.

Pego o botão da outra rosa que deixei ali mais cedo, caído no chão, não tão ensanguentado, e estico em sua direção. Ela me olha com pavor e sai correndo e gritando de volta às instalações da empresa. Rômulo, com a mão na boca, me olha sem nada dizer. Ricardo estica o celular para me fotografar e, por isso, estico também a rosa em sua direção. Os moleques continuam lá, à distância. Rindo e me mostrando os dedos novamente.

— Vou chamar meu pai pra te pegar, seu bosta!

Juntos todos viram as costas e se vão. Ao longe, alguns funcionários vão ao encontro dos chefes, outros me olham petrificados. Nenhum se aproxima.

Me debruço e deito lentamente no asfalto, ao lado da capivara, descobrindo várias dores no processo. Adeus, adrenalina.

Corpo estirado, mãos no peito, olhos para o céu. Minhas costas queimam com o calor do asfalto e o sangue da camisa vai secando instantaneamente. Pareço um figurante de cinema zumbi jogado no chão. Animalesco. Desumano. Sinto muitas coisas. O vazio de outrora, não mais.

Fecho os olhos.

[excerto do folhetim "A papa capim", no prelo. Acompanhe o autor nas redes para ver os Atos II e III.]

Avner Bonifácio é apaixonado por muitas coisas e nada ao mesmo tempo e lida com essa dicotomia através da arte – como muitos. Paga as contas através do Design Gráfico, profissão que exerce há pelo menos uma dezena de anos, e se aventura pela música, cinema, ilustração e escrita. Publicou seu primeiro conto no livro *Vidas Encontradas*, da editora caruarinense Mundo Neolatino; e o segundo nesta coletânea, em que assina também a capa.

BALL FERRAZ

AUSCHWITZ (MORADA DA MORTE)

Eu não tinha o que fazer quando fui descoberto em uma floresta tentando fugir do campo de concentração de Auschwitz. Falhei na única chance que tinha, eu e alguns amigos fizemos um plano simples durante longos meses e ao executá-lo, falhamos. Conseguimos fugir do lugar mais sombrio da história, mas fomos descobertos pelos cães farejadores, depois de dois dias escondidos em uma fria vala coberta de neve na floresta. Mas eu me sentia mais vivo naquela fria vala do que me sentira no campo de concentração. A vida perdera todo o sentido, eu estava vegetando no meio de uma guerra física e emocional, estava respirando no momento mais dolorido e sombrio da história, mas em Auschwitz, esse era o único sinal de vida que poderia ser notado em minha figura.

Eu era um colecionador de perdas, em pouco tempo, numa sequência ininterrupta fui perdendo quem mais amava. Estava destruído por dentro e por fora, assim como as ruas e avenidas da Holanda que havia sido vencida pelo exército alemão. A guerra havia mudado o rumo do mundo e, particularmente, destruído o meu próprio mundo. O sociopata Adolf Hitler — com seu desprezível bigode estranho — havia afetado a história da humanidade e gerado em mim um vácuo existencial. Minha história havia sido interrompida, talhada com a lâmina de um bisturi, os cortes sangrariam para sempre. Não havia cura. Não havia remédios. A morte ali era certa. Tudo era questão de tempo.

Fomos colocados em um comboio para o campo de concentração. Quando despertei, com cada fibra do meu corpo chacoalhando de frio, estava novamente em Auschwitz. Quando estacionamos, o portão central se abriu, o medo violou minha alma sem pedir licença. Eu sabia que seria brutalmente advertido, e assim foi.

Estava fraco, vulnerável e desnutrido, já não fazia ideia de quantos meses que não me alimentava direito: um caldo de batata não é comida. Quando encontrava uma casca de batata no chão do pátio, o meu dia se tornava menos triste, ao menos teria algo para mastigar disfarçadamente.

Ao chegar, fui recepcionado por um soldado que aparentava ter apenas dezenove anos. Ele era alto; forte; cabelo louro, fino e bem penteado. Agarrou meu uniforme listrado rasgado e molhado, e me segurou forte. Não sei porque tanta força se eu não oferecia nenhuma resistência àquela altura.

— Sabe o que acontece quando alguém tenta escapar deste inferno?
— seu rosto contorceu-se de raiva. — Hein, seu judeu imundo?

Eu até deseja responder cuspiendo-lhe o rosto, mas não tinha força nem para isso.

— Vai morar no outro inferno antes da hora! — respondeu ele mesmo, zombando com um sorriso de dentes arianos brancos e perfeitos, saboreando o momento.

Então ele desferiu vários golpes no rosto, no abdômen e na cabeça. Inclinei meu corpo para a frente quando senti sangue escorrendo sobre o meu rosto. Desabei no chão, engatinhei alguns centímetros confuso, quando recebi um chute na boca. Senti um gosto estranho, cuspi, eram alguns dentes quebrados. Àquela altura, agindo por impulso desejava a morte. Em pensamento supliquei por ela, roguei por ela, mas a hora ainda não era chegada. O soldado jovem percebeu a minha hesitação e lançou novamente um chute certeiro nas costas usando o bico da bota brilhante, tentei esquivar-me em vão, minha cabeça explodiu contra uma pedra. Toquei minha cabeça para conferir o estrago, podia sentir com a ponta dos dedos um grande talho que se abrira, a dor era insuportável.

— De quem foi a ideia? — vociferou o soldado fixando seus olhos azuis em mim.

Com as mãos trêmulas e com muita dificuldade, aponte para mim mesmo. Não havia escolha.

— Mi, mi, minha — gaguejei tomado de pânico e medo.

O soldado jovem acenou para os soldados que estavam em posição com as armas apontadas e carregadas. Só ouvi tiros e mais tiros, os quais seguiram-se quase que imediatamente de cadáveres desabando sobre o que sobrou do meu corpo. Meus amigos estavam mortos, mas estavam salvos, estavam livres. A dor havia cessado para eles.

Minha cabeça rodopiou, senti meu sangue gelar, fiquei com medo, a princípio com muito medo.

— Quanto a você, terá uma morte lenta e esmagadora. Pois vi a dona morte entrar pelo portão principal e em passos lentos — pigarreou e baixou a cabeça esboçando um risinho sádico. — Talvez ela demore um pouco até chegar aqui! — disse o soldado explodindo numa gargalhada infernal.

Fiquei ali várias horas sozinho, ao lado dos corpos fuzilados dos meus amigos, os quais tocavam o meu braço, pingando sangue na tatuagem numérica esverdeada, ela foi o presente de boas-vindas que recebi ao chegar aqui. Eu estava congelado e semimorto, ou talvez já estivesse morto, não tinha certeza. Olhei para o céu cinzento que cuspiam neve sobre o meu corpo praticamente nu, a noite fria me faria companhia.

Pensei em tantas coisas, refleti em outras.

Onde estaria minha família, será que estariam vivos? Minha mulher Esther foi morta na câmara de gás quando chegou no campo. Minha

filha Raabe, onde estaria? A última vez que a vi foi no gueto, onde comemoramos em segredo seus 4 anos e então fomos separados. Sinto sua falta minha filha. Me perdoa por não poder te proteger, como o papai prometeu. O mal nos separou, mas o bem nos unirá novamente.

O frio era congelante e cortante, sentia dificuldade para respirar. Virei a minha cabeça ensanguentada e vi: no meio daquele céu escuro e frio, uma estrela distante e brilhante irradiando uma paz nunca jamais sentida. A luz que outrora um dia havia se apagado, estava lá acenando pra mim.

Essa mesma paz invadiu-me peito adentro, atravessou a minha alma ferida e machucada. A dor que era insuportável foi diminuindo, cessando, perdendo a força. O fardo tornou-se leve, meus olhos ficaram embaçados, já não enxergava mais a estrela solitária. Senti-me livre do medo, livre das dores, livre dos portões de arames farpados de Auschwitz.

Não saberia dizer se era alucinação ou realidade, mas ouvi uma voz doce de criança, semelhante à uma canção de ninar, sussurrando em meus ouvidos calmamente:

— Pai, volte pra casa, já vai anoitecer. Mamãe está te esperando no portão, com sua sobremesa quentinha e favorita, torta de maçãs. Vem, vem logo, conte uma historinha pra eu dormir. Vem pai. Aqui é muito bonito, tudo é azul como o céu.

Hitler e seu bigode esquisito já não podiam mais me machucar, me ferir. Um sorriso tímido brotou naquela escuridão fria, mas era aconchegante. Inexplicável, incrivelmente inexplicável. Sentia que minha hora estava chegando, chegando, chegando... Até que finalmente eu não me mexia, meu corpo perdeu os movimentos, meu peito inchado foi se movendo lentamente. A respiração desacelerou, meu coração foi batendo as últimas batidas sem pressa. Meu corpo rapidamente esfriou e de repente uma grande e dourada porta, com um brilho semelhante ao ouro terreno, se abriu e vi milhões de luzes brancas. Também ouvi vozes de um coral e o seu som era como de muitas águas. A escuridão preta como o carvão foi se dissipando quando me senti envolvido por um facho de luzes incandescentes que me aqueceram, senti-me protegido, vivo e livre. Foi então que aconteceu, a morte chegou e a vida que soprava em mim se foi para dar lugar à vida eterna. E como disse minha filha Raabe, é tudo lindo aqui, parece o céu.

Ball Ferraz é mais conhecido como poeta do amor, desde sempre carrega dentro de si uma paixão surreal pela escrita. Ball Ferraz não faz poesia, a poesia o faz. Ele respira, transpira e inspira poesia, na sua forma mais enraizada, literal e nata. Em 2019 publicou seu primeiro livro, "Lute como uma Maria", uma história vivida à flor da pele por sua mãe. Fã de Stephen King e autor de vários contos entre eles, "A casa cor de sangue" e "Uma noite fria de verão".

BRUNA VOLLET

(IRELAND, DEC/2017)

Que coisa mais linda
Essa sua menina
De cachos soltos
E esse sorriso no rosto.

Que coisa mais linda
Sua pequena menina
De olhos marejados
E coração todo despedaçado.

Que coisa mais linda
Essa sua menina
Que pena que não brilha
Como sua lágrima cintila.

Que coisa mais linda
Essa tristeza íntima
Que a sua menina
Esconde de todos.

AS CORONA E TUDO

Não tinha nada lá fora.

Não tinha uns carro, não tinha umas gente,
não tinha os barulho tudo da cidade
que me dizia
– até quando eu não queria –
que a gente tudo tava acordado.

Não tinha os carros.
Não tinham as conversas.
Não tinha nada lá fora.

Tinha uma coroa, invisível,
que procurava cabeças a serem enfeitadas.
Caçava bem quieta quem em quantos premiaria.
Soava como loteria.
Da pior sorte para subir nesse mundo.

Agora tem carro, tem barulho, tem gente.
Gente que grita batendo no peito
que tem que abrí tudo.
Só que tem muito lá fora,
esperando a próxima vez;
não precisa de esforço nenhum
porque todos já pegaram a senha
para receber em nossas cabeças a coroa da vez.

[30/04/2020]

Bruna Vollet é professora de inglês concomitante à estudante de Letras na Universidade Federal de São Carlos. Também atuou como filha, irmã, amiga e tia (meu posto preferido). Ainda usa a escrita para todos os mundos e realidades que criava quando pequena no Colégio Puríssimo a fim de encontrar um breve sossego para o desassossego que a adolescência trouxe no Colégio Koelle. O resto é confete e serpentina.

BRUNO NASCIMENTO ALLEONI

REFLEXÕES DE UMA IMAGEM

Uma vez conheci um homem, estava ali parado, diante de mim, olhando nos meus olhos, lá no fundo, profundo, misterioso, assombroso não era, mas dengoso, não também. Só sei que estava ele lá, com o pensamento longe... não sei onde, mas de frente pra mim. Olhei por completo, vi um homem robusto, moreno, alto, deveria ter por volta de 1,80m de altura, pesando uns 70kg, quiçá. Os olhos eram castanhos, com o cabelo castanho e curto, já grisalho, mas parecia ainda jovem. Acho que assumiu muitas responsabilidades logo cedo... Afinal, a experiência, muitas vezes, independe da idade, mais vale o que se faz no tempo que tem do que o tempo que efetivamente se vive.

Logo percebi que era um homem simples, humilde, ingênuo, que acreditava nas pessoas. Vixe, minha Nossa Senhora! Vejam só, em pleno século XXI... acreditar nas pessoas, doido. Vivia sozinho, fechado, só podia, tinha que ser assim, devia ser internado, não no hospital, não era doente, no manicômio, era doido. Muitas pessoas não achavam, mas muitas outras diziam: - Ele é doido, bate palma pras plantas, puxa o cabelo e conversa sozinho... Uns diziam, pegando em flagrante: - Olha lá ele falando com a sombra; mas, outros logo corrigiam: - Não, não, ele não está conversando, vejam! Ele está cantando... Quanta sabedoria, ao menos dessa ele escapou; fazia das falas em verso e colocava melodia e assim orava, cantava, conversava...

Achei logo estranho que ele não se olhava no espelho, nem de relance, nem pro cabelo. Dizia ele que era para não se ver ao contrário, confundia a mente. E, por acaso, a mente se confunde? A mente é o corpo que sente pra gente, que brinca de um jeito, a respeito da única pessoa em sua perspectiva ativa e contextual.

Ele já se conhecia, claro, sábio, tinha o corpo presente, não precisava saber como os outros lhe viam, não precisava ver da maneira invertida que as pessoas o viam. O espelho sim engana, lhe mostra uma face, mas você vê outra, ao contrário, e depois reclama, fala que aquela não é sua imagem, "conto do vigário". A mente não se engana, quem nos engana são os objetos, as pessoas, até os animais, veja do que é capaz uma pequena lagartixa, um camaleão, um macaco ou o próprio leão... Até a planta é capaz em uma simples distração...

Ele, ah, sim, voltando para ele... era esperto, inteligente, com suas múltiplas formas de linguagem, sabia das coisas no mundo, fingia ignorância para que os outros lhe explicassem determinados assuntos, conversassem

com ele. Ele era só, só podia, quem é culto, é doido, tem que estar separado, viver no mundo isolado. Contudo, ele tentava, se esforçava para interagir com as outras pessoas, os que lhe achavam normal e os que não lhe achavam. Vivía perdido. Tentava de tudo, mas tudo que tentava não dava certo, enjoava, não era aquilo, estava errado, mundo trocado.

Vagava nas ruas, à noite, até de madrugada, passada larga, nem a lua acompanhava. Também era visto, ficava entre amigos, mas esses e com alguém, por pouco tempo, viajava no mundo, de moto, de carro, de ônibus, de avião já foi também. A mais longa de todas eram aquelas para dentro de si, introspecções intermináveis em suas conexões...

Uma vez distraído, foi traído, um dia decisivo, passou por um instante ali, na frente da penteadeira, precisou afastar a cadeira e viu um vulto a passar. Era eu... sim, eu estava ali, esperando para olhar de novo para ele. E ele voltou, curioso, como bondoso era, me levou.

Decidiu usar o espelho, e sempre me levar, foi caminhar para ver o mundo invertido. Acertou, não deu outra. Fez sucesso, viu o mundo da maneira mais incrível. - Que loucura, pensou ele. Era essa a sua sociedade, assim viviam as pessoas?!?! E ele viu que não eram só as imagens que estavam invertidas, os valores também se inverteram. E iam se invertendo a cada dia, até um momento que não se sabia mais qual era o jeito invertido.

Assustado, logo voltou para casa, olhou-me profundamente, ali bem de frente... no espelho, ele encontrou-me. Diante dele, estava ali parado, sempre esteve. E no meio da sala, o espelho ficou para a cada dia olhar e não ficar esquecido o que havia perdido, porém agora encontrado.

Bruno Nascimento Alleoni nasceu em 29/05/1982 em Piracicaba, passou a infância em Goiânia e aos 17 anos de idade, para estudos, veio morar em Rio Claro, onde reside até hoje. Formado em Educação Física e Pedagogia, mestre e doutor em Desenvolvimento Humano, especialista em Gestão Escolar e instrutor de Capoeira. Foi membro do Clube dos Escritores de Piracicaba.

CÉLIA APARECIDA RUFINO GOMES DA SILVA

OS SABIÁS E A BIBLIOTECA

O casal de Sabiá fez um ninho no jardim da biblioteca. Este era notável pela existência dos seus filhotes e também dos de chupins. Todos os dias o seu canto majestoso era ouvido pela comunidade usuária. Os filhotes antes de alçarem voos, caminhavam pelo chão sem serem intimidados pelos grupos de alunos que ali estudavam ou jogavam o jogo de xadrez nos horários de almoço.

Os Sabiás imponentes observavam tudo o que acontecia nas dependências da biblioteca. Eles notaram certos comportamentos dos usuários, viram que alguns gostavam de estudar nas mesas menores para favorecer o estudo individual, enquanto outros gostavam de estar nas mesas maiores para se reunirem com outros colegas, e assim estudarem em grupos ou iniciarem uma conversa prazerosa.

Os pássaros atraídos pelas luzes, várias vezes entraram no hall maior da biblioteca, ali sobre as estantes de livros observaram que alguns alunos dormiam no sofá preto ou nos pufes coloridos. A qualquer barulho ou movimentos de passos nos corredores, logo eles retornavam para o jardim. Estes fantásticos pássaros pareciam interagir com a realidade de cada usuário e assim dialogavam através dos seus esplêndidos cantos. Que grande paz e contentamento para eles e a todos que utilizavam aquele espaço!

Ah! Mas foi na segunda quinzena do mês de março do ano dois mil e vinte, que tudo mudou, logo os Sabiás sem saberem o que estava acontecendo, perceberam que a porta da biblioteca não abriu, as luzes não acenderam e as vozes e os risos não ecoaram, pois a comunidade usuária e os funcionários não estavam ali.

Os Sabiás que estavam habituados com os espaços praticamente todos ocupados da biblioteca, passaram então a assistir um novo cenário: o prédio vazio, silencioso e a ausência do calor humano, dali em diante passaram a entoar o novo canto: o apelo para que a biblioteca física humana volte ao normal.

Célia Aparecida Rufino Gomes da Silva trabalha na Biblioteca da Unesp Câmpus de Rio Claro-SP como Assistente de Suporte Acadêmico. Bacharel em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela Universidade Federal de São Carlos-UFSCar. Licenciada em Letras pelo Claretiano - Colégio e Centro Universitário.

CHRISTINA AMOROZO

O MENINO E O FANTASMA

Fazia muito calor, o sol brilhava com raiva, disposto a derreter o azul do céu e fritar tudo debaixo dele. O menino estava cansado de andar. Queria uma sombra para descansar e um pouco de água para matar a sede. Não, um pouco não, precisava de muita água para matar aquela sede, um rio inteiro. Mas ali só havia areia e mais areia, além de um grande buraco e algumas pedras. Não conseguia dar mais nem um passo. Sentou-se em uma pedra, abraçou os joelhos e começou a chorar.

Por que você está chorando? O menino levantou a cabeça para ver quem falava, mas não havia ninguém. Estou aqui em cima, disse a voz. Ele olhou para cima e viu flutuando no céu uma figura meio desfocada. Estou com muita sede, estou torrando nesse sol, falou. Como é seu nome? Martim, e você, quem é? Sou a lara, a mãe d'água, ou melhor, eu era a lara, agora sou só um espectro. O que é espectro? Um fantasma. Assim como esse lago aí na sua frente. Mas não tem nenhum lago aqui. Aqui já teve um lago e uma floresta. Não acredito. Só vejo areia e pedra.

Me dê sua mão, disse o fantasma da lara. O garoto ficou em dúvida. Ele nem conhecia o fantasma. Mas deu. E assim que sua mão tocou a da lara, viu-se em um lugar totalmente diferente. Água! Correu para a beira do lago, se debruçou e bebeu até ficar empanturrado. Deitou-se de barriga para cima à sombra de uma árvore, feliz.

Que lugar é esse? Perguntou. É aqui mesmo, você não saiu do lugar. Martim não acreditou. É o mesmo lugar, trinta anos atrás. Ele olhou em volta. Em vez de areia e mais areia, viu muitas árvores. Um riozinho despejava suas águas no lago, cantando na língua dos riozinhos.

O que aconteceu? Cortaram a floresta, e a água foi embora. Por quê? A água e a floresta são muito amigas. Quando chove, a floresta abraça as gotas, segura bem elas nas suas folhas e raízes; a água gosta desse abraço, e fica morando naquele lugar. Quando não tem mais árvore, nem planta pra abraçar, as gotas de chuva caem e vão embora. E com o tempo, desistem de cair ali e tudo vai ficando cada vez mais seco. Vamos, me dê sua mão, temos que voltar para o tempo em que você vive. Não quero, aqui é muito mais legal. Mas você não pode ficar aqui, esse tempo já passou e ninguém pode viver no passado.

Martim não queria de jeito nenhum voltar para aquele lugar de secura e tanto calor. Correu para a floresta, para se esconder da lara. Não adiantou, ninguém consegue se esconder de fantasmas. A lara ficou

com pena dele. Você vai encontrar um jeito de melhorar as coisas. E, pegando em sua mão, levou-o de volta a seu tempo e desapareceu. O menino ficou pensando, pensando, até que teve uma ideia.

Dias depois, um urubu que passava por cima do areal seco viu ali uma quantidade enorme de crianças. Curioso, voou mais baixo para saber o que elas faziam. Elas faziam buracos na areia com suas pás e plantavam mudas e sementes de árvores. Pobrezinhas, pensou, assim, nada vai crescer. Acho que vou dar uma mãozinha. E foi conversar com as nuvens.

O escorpião, que era um dos poucos habitantes do areal, também notou a movimentação das crianças. Pobrezinhas, pensou, nessa areia feia, nada vai crescer. Acho que vou dar uma mãozinha. E foi falar com suas amigas minhocas e seus amigos tatuzinhos.

Quando as crianças terminaram de plantar, a chuva caiu e as gotas se abraçaram às mudinhas e sementes. E as minhocas e tatuzinhos fizeram um berço de terra fofa para as pequenas raízes que estavam chegando.

Um dia, um menino brincava entre as árvores, quando avistou alguém sobre uma pedra, no meio do lago. Você é a lara, né? Sou. E você, como se chama? Martim. Uma vez conheci um garoto com esse nome, a lara falou. Era meu avô; ele me contou a história desse lugar. A lara sorriu. E para que Martim sempre se lembrasse, pegou sua mão e o levou para conhecer o areal que antes havia ali.

Christina Amorozo é bióloga, com mestrado em Ecologia e doutorado em Antropologia. Trabalhou como docente na Universidade Estadual Paulista (UNESP), em Rio Claro. Após encerrar a carreira acadêmica, dedica-se à escrita ficcional, tendo publicado o livro de contos *Histórias quase comuns* (2022) e participado de algumas coletâneas de contos.

ELIANA BAUMAN

BEIJA-FLOR

Pela grade da janela, te vi a voar
Trouxeste ao meu peito uma doce emoção
Mas de repente...
Invadiu a minha sala, como num sonho
E assustado, percebeu
Que a tua liberdade perdeu

Entre folhas verdes, teu desejo florescia
Mas as paredes em concreto sufocaram teu voo
Aqui, entre paredes e teto
Descobriste
Que por mais que batestes as tuas asas
A tua vontade, força e poder se esvaíram

E o teu mundo livre, ficou distante no ar
Pois, a tua curiosidade fez algo
Que a tua alma precisava provar

Depois de tanto sofrer
Alguém surgiu
E com a sua mão te tocou
No momento, o medo te invadiu
Mas, ao ser lançado para o teu mundo livre
Feliz, voando, agradeceu.

O SEGREDO DA VIDA

No palco silencioso da existência humana
A vida, um segredo, trabalha com sutileza
Como um livro com páginas em branco e sem fim
Revela-se apenas quando os nossos olhares se entrelaçam

Nas manhãs douradas e noites estreladas
A história se desdobra, misteriosa e sem fim
Cada passo, cada escolha, uma nova página virada
E a vida, a cada instante, mostrando seu desenrolar

É um enigma que desafia a compreensão
Um quebra-cabeça complexo, formando-se com intenção
Na contemplação atenta, no amor e na paixão
A beleza desse mistério encontra sua razão

Então, com olhos abertos e coração aberto
Nos equilibramos...
Exploramos, aprendemos
Despertamos e dilatamos nossos sentidos

Esse enigma que desafia a mente e a razão
É no propósito que se encontra a solução.

Eliana Bauman é escritora e terapeuta holística nascida em 11 de junho de 1956, na cidade de Rio Claro, com formação em Letras conquistada em 1981. Sua paixão pelas palavras deu origem a obras como "Caminhando no Alfabeto das Emoções", "O Retorno à Luz", "Amor, Sempre o Melhor Caminho", "Por Detrás das Sombras", "Quem Escolho Ser", "A colheita das Mandalas" - em parceria com a arteterapeuta Selma Delima.

ELISANDRA PAULELI

VIAGEM AO MUNDO DOS PENSAMENTOS

Num lindo bosque encantado, Pedro vivia com sua irmã Vivi, sua avó Dona Amélia e muitos outros amigos: Júnior, Zeca, Sr. Bento, entre outros. Havia também uma escola onde todas as crianças frequentavam.

Certo dia, enquanto Dona Amélia recolhia suas roupas do varal, ouviu-se um alvoroço: as crianças tinham saído da escola e estavam fazendo uma grande algazarra! O Sr. Bento, que naquele momento passava com uma sacola cheia de laranjas, viu tudo cair no chão; quase foi derubado por um grupo de garotos. Logo, entendeu o que estava acontecendo: Pedro, junto a outras crianças, corria atrás de Zeca e zombava dele! Isso acontecia todos os dias; o coitado de Zeca não aguentava mais!

Zeca era um bom aluno. Não entendia porquê Pedro, Júnior e os outros o perseguiram tanto, o ameaçavam e até faziam com que ele entregasse sempre o lanche que sua mãe lhe preparava com tanto carinho.

– Zeca, seu medroso, venha aqui! Venha aqui que você vai ver uma coisa!

As brincadeiras de mau gosto eram constantes e diárias dentro da escola. Todos os outros alunos riam e zombavam de Zeca e achavam Pedro o máximo. Vivi também já tinha presenciado aquela triste cena por diversas vezes.

Naquele dia, mais tarde, conversando com Pedro e Júnior, Vivi percebeu que seu irmão e o amigo pareciam não se importar com as notas na escola e com os sentimentos de Zeca. O que eles gostavam mesmo era de perturbar constantemente o colega de escola. Júnior, o amigo mágico de Pedro, gostava de fazer mágicas que deixavam os outros assustados e Pedro divertia-se perseguindo os outros e fazendo ameaças.

Certa vez, Júnior transformou o boné de Sofia em um rato e ela saiu abanando a cabeça desesperadamente. Ninguém entendia porque ninguém fazia nada. Apenas achavam aquilo engraçado.

No dia seguinte, Vivi acordou se sentindo estranha. Parecia que o mundo estava esquisito. As pessoas ignoravam umas às outras. Ninguém se importava com ninguém. Decidiu visitar Júnior. Ele havia lhe contado que o avô guardava um livro mágico e Vivi acreditava que neste livro poderia encontrar as respostas para tudo o que ela estava vendo nos últimos tempos: tristeza, desânimo, sofrimento, falta de solidariedade...

Na casa de Júnior, depois de muito procurar, encontraram o livro mágico. Assustados, começaram a ler. O livro falava sobre um tal de MUNDO DOS PENSAMENTOS e dizia: "Toda ação do mundo tem origem no MUNDO DOS PENSAMENTOS, pois, sem conhecê-lo e respeitá-lo, é

impossível haver harmonia e esclarecimento sobre as dúvidas da vida...” Vivi e Júnior entenderam que tudo o que acontecia no mundo real, acontecia primeiro no MUNDO DOS PENSAMENTOS. Era preciso conhecer esse tal mundo! Mas como?!

– Anda Júnior, leia rápido! O que temos de fazer para chegarmos até esse MUNDO DOS PENSAMENTOS?!

– Espere... estou lendo. Preciso decifrar as palavras. É tudo muito confuso. Estou com medo!

Tinham que encontrar uma poeira prateada mágica, deixada no mundo real por guardiões, misturá-la a uma lágrima de uma criança que não acreditasse no MUNDO DOS PENSAMENTOS e depois assoprá-la, pensando em coisas boas. Assim, chegariam ao mundo que o livro falava. Havia também um tambor. Mas para que serviria? Descobriram que quando chegassem ao MUNDO DOS PENSAMENTOS precisariam dele! Ao falarem com alguém, precisariam tocá-lo para receberem atenção e serem entendidos. Vivian carregou o tambor com ela.

Voltando para casa, Vivi viu um lenhador. Ele era muito severo com seu empregado que carregava a madeira, cansado. Também não se preocupava nem um pouco em estar destruindo o bosque. Lembrou-se que o lenhador carregava com ele um frasco. Era a poeira mágica! Ela o cumprimentou, mas ele nem ligou, nem mesmo olhou para ela.

Pedro estava na janela de sua casa quando Vivi passou e o viu: “Vou conversar com ele!” – pensou.

– Você não acha que o mundo está estranho, Pedro? O que será? – indagou Vivi.

Mas Pedro não achava nada diferente, nem mesmo prestou atenção. Foi quando a vizinha, Dona Margarida, saiu de sua casa, feliz, usando um novo vestido e querendo ser notada. Pedro olhou para a vizinha e mostrou a língua. Dona Margarida ficou muito desapontada.

Vivi resolveu contar sobre o livro de magias do avô de Júnior! “MUNDO DOS PENSAMENTOS”? – riu Pedro. Ele não acreditava de jeito nenhum. E ela, insistentemente, dizia que precisavam fazer alguma coisa, pois ninguém se dava conta nem mesmo do descaso do lenhador com o bosque.

Vivi se recordou: “É preciso uma lágrima de uma criança que não acredite no MUNDO DOS PENSAMENTOS para misturá-la com a poeira prateada mágica. Vivi beliscou Pedro e pronto! Agora tinha a tal lágrima:

– Pedro! Está decidido! Você vai comigo e com Júnior conhecer o MUNDO DOS PENSAMENTOS! Agora vamos! Precisamos pegar a poeira mágica – disse Vivi, entregando o tambor que carregava para o amigo e explicando como deveria usá-lo.

Não foi fácil pegar o frasco de poeira mágica do lenhador. Vivi, Pedro e Júnior esperaram pelo momento certo: o descanso do lenhador e seu empregado. E mesmo sem o livro de magias, que Júnior esqueceu na casa de seu avô, misturaram a lágrima de Pedro à poeira prateada, assoopraram e pensaram em coisas boas. Uma fumaça se formou... E quando saíram dela estavam lá... no MUNDO DOS PENSAMENTOS!

Que lugar lindo! Até as flores tinham um aroma especial! Escondidas, as três crianças observavam pessoas que passavam. Elas não pareciam felizes, reclamavam como no mundo real. Resolveram, então, se apresentar para pedir ajuda. Mas, apesar de tocarem o tambor para serem entendidos, como dizia o livro de magias, ninguém dava atenção.

Sr. Geraldo, um vendedor de doces que caminhava por ali, viu as crianças e as cumprimentou. Enfim, alguém dava atenção a elas. Vivi, Pedro e Júnior contaram que queriam mudar o MUNDO DOS PENSAMENTOS, pois, desta forma, também mudariam o mundo real. A tarefa não era fácil. Sr. Geraldo aconselhou que procurassem Sr. Bento! Ele era o guardador de pensamentos do Universo e podia dar as respostas que as crianças procuravam.

A caminho da casa do Sr. Bento, viram um peão montado a cavalo. Ele estava triste. Contou que era seu último dia de trabalho. As pessoas achavam que não sabiam mais cantar e não trabalhavam direito. Mas, quando Vivi e seus amigos o animaram, pedindo para que ele cantasse uma música tocando seu violão, algo dentro do peão o reanimou. Ele percebeu que podia cantar e ser feliz novamente. O peão seguiu em frente agradecido e confiante!

Pedro pensou e algo o tocou:

– Faz tempo que não me lembro do vovô...

Finalmente, chegaram à casa do Sr. Bento. E, após baterem palmas insistentemente, foram atendidos. “O que está acontecendo aqui no MUNDO DOS PENSAMENTOS?” – perguntaram as crianças. “Sabemos que tudo o que acontece aqui, acontece lá no mundo real!” – continuaram. E o Sr. Bento, guardador dos pensamentos do Universo, mostrou a eles uma caixa onde havia um talismã mágico.

Uma caixa vazia! O talismã não existia?! Sr. Bento lhes explicou que o talismã existia sim! Estava dentro de cada pessoa. Apenas podia senti-lo quem deixasse de ter pensamentos e atitudes egoístas. Pedro, Júnior e Vivi entenderam que para mudar o mundo real era preciso ensinar a todos o caminho da felicidade, com bons sentimentos e boas ações. Bons pensamentos e ações positivas transformariam o mundo real.

Sr. Bento perguntou a Pedro:

– Você é feliz Pedro?

Pedro, meio encabulado e cabisbaixo, respondeu:

– Não sei...

– Pedro, mude suas atitudes que você saberá me responder positivamente!

E com a fumaça mágica e os ensinamentos, voltaram para casa. Só que agora, estavam muito diferentes. Mudaram suas atitudes, passaram a ajudar as pessoas e a serem mais amáveis e obedientes. Ninguém sabia o que estava acontecendo, mas isso fazia com que todos mudassem de comportamento também: o lenhador passou a se preocupar com o seu empregado e o bosque; Dona Margarida retribuía os elogios que recebia por seu vestido novo, entre muitas outras coisas.

Zeca estava sentado quando Pedro se aproximou. Ele ficou apavorado! Sabia que ia ser maltratado de novo. Tentou fugir, mas Pedro pôs a mão no seu ombro:

– Espera Zeca... Não vou judiar de você!

– Não vai?! – Zeca perguntou, desconfiado.

– Quero lhe pedir desculpas por tudo de mal que te fiz! Espero que aceite minha amizade! - redimiu-se Pedro.

– O que aconteceu?! O que te fez mudar assim? -questionou Zeca.

– É uma longa história... Mas eu vou contar pra você! - retrucou Pedro.

E assim, no bosque, que agora estava cada dia mais lindo, surgia uma nova e duradoura amizade...

Elisandra Pauleli é nascida em Rio Claro, formada em Marketing de Negócios e Pedagogia, realizou projetos direcionados ao combate ao bullying, tanto no ambiente escolar, quanto em ambiente de trabalho e familiar, recebendo vários Prêmios de Moção de Aplausos, pela Comissão de Direitos Humanos da OAB da 4ª subseção Rio Claro-SP. O Prêmio Moção de Aplausos foi concedido em reconhecimento aos trabalhos e eventos desenvolvidos para prevenção do Bullying.

EVELYN DIAS

GAIOLA DA VIDA

Um passarinho preso na gaiola.
Acostumado a ver o mundo pela janela,
Observar o céu, infinito azul.
Queria voltar a voar, livre no ar,
Bater suas lindas asas,
Mas estava vivendo preso há muitos anos.

Queria se libertar,
Cansou da vida, da rotina.
Tinha água, comida,
Um lugar para dormir
E uma linda paisagem da janela,
Mas queria mais.
Queria mudar de vida.

Quanto mais o tempo passava,
Nada acontecia
E na gaiola permanecia.
Olhava em volta e tudo envelhecia.
Quantas primaveras já vivia?
Será que vou morrer aqui?
Não aguento mais,
Quero fugir...

Até que um dia a gaiola se abriu,
Era a chance que sonhou por toda a vida.
Voar até a imensidão,
Conhecer novos horizontes.
Um mundo novo.

Deu o primeiro passo,
Não acreditando.
Chegou até a janela e conseguiu ver além,
É agora ou nunca,
Abriu suas asas rumo a liberdade.
Ir embora agora é realidade.

Tudo tão lindo,
Mas tão diferente.
Sonhei por tanto tempo
Com esse momento
E agora o que fazer,
Quanto tempo perdi.

O medo dominou,
Fraquejou.
Para onde ir assim,
Não era mais aquele passarinho
Novinho,
Envelheci,
Mas a ansiedade foi mais forte.
Ficou com medo da morte.

E quando eu sentir fome, sede,
Sozinho,
Desprotegido vou ficar.
Quem vai cuidar de mim?
O melhor é não me arriscar,
E para a gaiola voltar.
É tarde demais para me aventurar.

Evelyn Dias, uma apaixonada professora e amante das poesias, traz sua luz ao mundo da educação e da expressão artística. Nascida em 1982 em São Paulo, desde cedo demonstrou uma curiosidade insaciável pelo conhecimento. Essa chama ardente a levou a trilhar o caminho da educação, onde descobriu sua vocação. Moradora de Rio Claro há 6 anos, onde atua como professora na Rede Estadual de Ensino.

FABIO ARANHA MATTHIESEN

ENVIADO POR DEUS

Não era aquela a primeira vez que me indicavam para ser coordenador de um ciclo de palestras do Departamento de Zoologia da Unesp de Rio Claro. Na época, eu não estava ainda aposentado, é claro. Eram palestras de divulgação, sobre assuntos relacionados com essa área. Uma promoção cultural do Departamento.

O sucesso de um ciclo de palestras, diga-se de passagem, depende muito da escolha dos participantes, assim como depende das pessoas envolvidas, o sucesso de todo e qualquer empreendimento.

Quanto a esse aspecto, eu já tinha em mente uma relação dos que eu pretendia convidar para colaborar. Segundo meus prognósticos, eu não poderia deixar de solicitar colaboração a certo professor da ESALQ, de Piracicaba. Tratava-se de um dos melhores palestrantes que até então eu conhecera. Lembrei-me de uma palestra sua, à qual assisti em meu tempo de ginásio. Uma palestra que me impressionara sobremaneira. E que jamais se apagara de minha lembrança. Posteriormente, em várias ocasiões, tive oportunidade de comprovar essa minha "avaliação", se assim posso dizer. De ampla cultura, dotado de extraordinária capacidade de se comunicar, era uma pessoa que, sem dúvida, despertaria o interesse do público, por quaisquer temas que abordasse.

Convidado, aceitou prontamente. E de antemão sugeriu seu tema: "Em torno da Evolução". Por sinal, um excelente tema.

No dia e hora marcados, eu e o motorista fomos buscá-lo em Piracicaba. Antes de mais nada, adianto aqui, que foi durante nosso percurso de Piracicaba a Rio Claro, que ele relatou uma passagem, que considerei digna de figurar entre umas tantas que venho paulatinamente colecionando. Adquiri esse hábito, estribando-me num modo particular que adotei, de ver tudo que se passa perto de mim, através de uma lente imaginária. Uma lente mágica capaz de garimpar fatos que considero dignos de serem registrados. Fatos que expluem em meu caminho. Expluem como certos fogos de artifício. E como estes, expluem e desaparecem. São fatos que considero divertidos, curiosos, pitorescos e por vezes, terríveis e chocantes, relativos à minha própria pessoa ou a outrem. Ponho um lote deles numa peneira: a peneira da seleção. Uma peneira fictícia que rejeita os miúdos. A maioria, portanto. E retém os graúdos: a minoria. Digo graúdos e miúdos no sentido figurado, é claro. Procuo assim salvar os melhores, dessa implacável enxurrada do tempo. Uma enxurrada que, de

roldão, leva tudo para uma fossa sem fundo, insaciável. Uma fossa que engole tudo indistintamente. E onde tudo desaparece, para todo o sempre, a não ser que...

Mas... Basta. Deixemos as divagações. Deixemos essa trilha secundária. Voltemos à principal.

No dia e hora marcados, fomos buscar o Professor em Piracicaba. Garoava. Céu escuro. Noite prematuramente fechada.

Durante parte do percurso, como não podia deixar de ser, entre outros, a conversa girou em torno de assuntos profissionais principalmente. Na altura da Assistência, porém, esses assuntos deram lugar às condições climáticas, pois, aquela garoa ininterrupta dera lugar à chuva. E esta logo "engrossou". A espaços o céu era iluminado por relâmpagos. E num dado momento o Professor, tirando o caso do baú da memória, falou:

"Esta noite, escura e chuvosa... E nós aqui na estrada... me fez lembrar de uma viagem que fiz à Itália. Isso foi há vários anos. Cheguei a Roma. Chovia muito. Chovia como está chovendo aqui agora. Desembarquei e ... Tudo parado no aeroporto. Greve dos transportes urbanos. Greve dos transportes interurbanos. Não havia como sair do aeroporto. Eu, forçosamente, teria que passar a noite lá, recostado em algum lugar. Isso, depois de tantas horas de viagem! Pelos meus planos, pretendia chegar a Roma e logo seguir para... (não lembro o nome do lugar)."

"Estava pensando na noite dura que teria que enfrentar, na greve, nas complicações... E enfim, numas tantas coisas igualmente negativas sem futuro."

"Nisso, um rapaz bem apessoado, percebendo certamente a situação em que me encontrava, veio falar comigo. Muito simpático. Atencioso e falante, disse estar sensibilizado por me ver ali, em tais condições. Perguntou-me de onde eu viera, etc. Contei-lhe que estava há muitas horas viajando. Cansado, e sobretudo surpreso com o que encontrara em Roma. Pretendia chegar no aeroporto e logo seguir para meu destino. Ele quis saber onde eu gostaria de ir. Falei. E ele se ofereceu para me levar. Com prazer. E que eu ficasse tranquilo, pois estaria em meu destino antes das onze horas da noite."

"É claro que aceitei. Ele mesmo pôs minha bagagem no automóvel. E logo partimos. Foi conversando o tempo todo. Disse chamar-se Fontana e que estaria a meu serviço, etc. Fez perguntas sobre minha viagem até Roma. Sobre a finalidade da viagem, sobre o Brasil, sobre futebol... Educado, desculpou-se por sua curiosidade. E passou a antecipar suas perguntas com um "não quero ser indiscreto, mas..."

Deu-me informações sobre hotéis, restaurantes, preço disto e daquilo. E “dicas” sobre lugares que eu poderia visitar, se tivesse tempo. Falando e gesticulando sempre, de quando em quando se empolgava e largava do volante para se expressar melhor. Pulava de um assunto para outro. Em dado momento, começou a falar de si próprio. De sua vida particular. Abriu-se comigo. Tinha três filhos pequenos aos quais, dentro de suas exíguas possibilidades, faria tudo para dar um bom futuro. A esposa sofria de uma moléstia crônica. Ele, desempregado. Suas poucas economias, gastara-as para comer. E com a doença crônica da esposa. Idem com a filha mais nova que tivera sérios problemas de saúde. Disse também que se aventurara num negócio em sociedade com um amigo. Mas este lhe dera um “golpe”. E desaparecera. Talvez tivesse até saído do país. Tinha pagamentos a fazer. Pagamentos esses cujos prazos estavam prestes a vencer. Estava numa situação crítica, angustiante, calamitosa. Era isso tudo que o levava a estar ali, àquela hora, se sacrificando e arriscando-se na estrada com um tempo como aquele. E chamou-me a atenção para as nuvens que mal apareciam na escuridão, mas se evidenciavam com tantos relâmpagos. Enquanto falava foi pouco a pouco diminuindo a velocidade. Depois, saiu da pista. Puxou o freio de estacionamento. Voltou-se para mim e disse: “agora o senhor já sabe de minha situação. Mas tenho mais a lhe dizer. Preciso de mil dólares. Sei que o senhor tem esse dinheiro. E vai me dar esses mil dólares. O senhor foi enviado por Deus, para me salvar dessa situação. Não vou nem tocar em sua pessoa. Vai me dar esse dinheiro de “livre e espontânea vontade”. Não vou tirar do senhor. Ou quer ficar aqui na estrada, debaixo de chuva, com essa bagagem? E sozinho nessa escuridão?”

“Todas as vezes em que tocou no nome de Deus, Fontana se benzeu.”

“Eu ia dizer algo. Mas senti dificuldade para falar. Ele tornou: “Se não quer ficar aqui... entre com o dinheiro””

“Não tive alternativa. Dei-lhe o dinheiro. Ele conferiu. Fez cara de aprovação e de satisfação. Agradeceu. Pôs o motor em funcionamento. E retornou à pista.”

“No percurso, continuou muito prosa. Uns quilômetros adiante, parou para um descanso rápido. E muito amável, pagou-me um cafezinho e um sanduíche.”

“Deixou-me no destino. Desejou-me tudo de bom. E que “Deus me acompanhasse”, me guardasse e me livrasse de todos os males”.

O professor então, olhou para fora, e disse:

“Felizmente a chuva amainou. Estamos quase chegando. Acabamos de entrar na via de acesso.”

Como eu já esperava, a palestra do Professor “Em torno da Evolução”, foi realmente um sucesso. Para mim, uma satisfação.

E o caso do “Enviado Por Deus” passou desde então a fazer parte de minha coletânea de curiosidades preservadas, embora inúteis.

Fabio Aranha Matthiesen, professor universitário formado em História Natural pela USP, e Doutor em Ciências pela mesma universidade. Foi professor e pesquisador na UNESP Rio Claro, na área de Biologia, até sua aposentadoria. Dedicou-se principalmente ao estudo de escorpiões, descobrindo o único caso conhecido até então no mundo que se reproduz por partenogênese, da espécie *Tityus serrulatus*. Admirador da natureza, e exímio contador de histórias, acaba de lançar seu primeiro livro de contos, “FREDERICANDO, histórias que vivi e ouvi contar”.

FRANCISCO BARCIELA

PARA MINHA FLOR

Eu tenho uma flor
que não veio do bosque
não veio do campo
muito menos da floricultura
Eu tenho uma flor
que não é de plástico
não é de finados
e também não é de dia dos namorados
Eu tenho uma flor
que não tem pétalas
nem cheiro de sabonete
a não ser quando sai do banho
É uma flor de carne e osso
que por vezes pode ser um tanto espinhosa,
sobretudo quando está com sono,
ou quando é impedida de devorar seus doces
Minha flor não fica no vaso
pelo menos não o dia todo
geralmente ela vai ao vaso a noite
e diz: "quando acabar eu te chamo"
Minha flor é doce
sei disso porque sinto quando a mordo
ou quando a assopro
ou quando a aperto cafunhando sua cabeça
A flor me obrigou a ser meio sol
meio solo
meio chuva
até meio jardineiro pra cortar algumas coisas
me fez pai
me fez chorão,
mas principalmente
admirador de flores.

A VIDA É BELA EM GOLD COAST

Peço dinheiro emprestado
e procuro bicos
porque o salário é pouco
não chega no fim do mês
Enquanto o patrão cobra produtividade
com ameaças e assédio
seu filho está na Austrália
no intercâmbio estuda inglês
Esse jovem é mesmo um menino prodígio
muito inteligente
às custas do meu trabalho
faz o que meu filho não fez
Meu filho cursa Senai
tentando uma vida melhor
sem estudo o destino é certo
com um ensino técnico talvez
A vida é mesmo bela
linda de se viver
lá em Gold Coast
a meritocracia do burguês

Francisco Galvão do Amaral Pinto Barciela, talvez um pouco mais conhecido como Francisco Barciela e um tanto mais conhecido como Chico. Nasceu e cresceu em São Paulo, veio parar em Rio Claro para fazer faculdade e por aqui ficou desde sua chegada em 2010. Hoje é professor de Educação Física da rede municipal, mestrando em Educação, atleta de futebol amador e pai da Maria Flor.

GABY OMETTO

A MULHER MISTERIOSA

Conforme se afastava do rio, o som da correnteza diminuía, foi abraçada pelo silêncio da noite. Os pés descalços deixavam um rastro na areia fofa, marcando sua trajetória.

Arrumou os longos cabelos negros, agora secos, até que não tivesse um fio fora do lugar. Passou a mão pelo tecido floral, dando a ela uma aura de inocência, enquanto o delicado decote cobria os seios fartos. Instigando a imaginação de quem via.

O silêncio foi substituído pelo som de violas, sanfonas e gaitas. Toda uma vila unida para festejar a vida. Mesmo em meio às árvores, conseguia ver o brilho da fogueira.

Chegou atraindo a atenção de todos pela beleza estonteante, quase mística. Alguns ali se perguntavam quem era ela, como havia chegado ali sozinha na noite escura, porém, assim que começou a dançar ao redor da fogueira, qualquer dúvida sobre ela foi esquecida.

As lembranças fugazes de quem estava lá, descriam a dança como a mais bela presenciada em suas vidas. A mulher parecia flutuar, seu corpo se movimentava como seda ao vento, delicado e sensual.

Ninguém presente naquela festa conseguia tirar os olhos da mulher que dançava ao redor da fogueira, ninguém era tão bela quanto ela. Se perguntavam como um humano poderia se mover com tamanha graça e graça.

Dançou até seus pés cansaram, seu peito estava arfante contra o tecido floral, uma fina camada de suor cobria a pele. Havia dançado por horas, encantando a todos. Parou diante da fogueira, olhando para as labaredas dançantes, seu único parceiro cabível.

Se misturou entre as pessoas que aproveitavam as festividades, caminhou entre eles, sempre sorrindo a todos os homens que passavam.

Ninguém se aproximava, não sabiam como o fazer, sentiam que não poderiam respirar perto daquela criatura tão perfeita.

A festa estava animada, o álcool corria pelo sangue da maioria quando alguém tomou coragem e se aproximou dela com um sorriso no rosto. À primeira vista era um gesto inocente, beirando o encantador, mas ela sentia toda a malícia e maldade, ocultos atrás daqueles dentes levemente tortos.

Era seu tipo preferido.

— Você não é daqui, moça — afirmou ele, se lembraria de alguém como ela vivendo ali.

— Soube da festa, então eu vim. Amo festejar.

Um sorriso maroto se abriu nos lábios carnudos, tirando momentaneamente o poder de fala daquele homem.

— De onde você é? Está ficando tarde para voltar sozinha — perguntou o homem, mostrando-se preocupado com a segurança da garota, se aproximando um passo dela.

— Você poderia me acompanhar... — insinuou, fazendo um biquinho.

— Seria uma honra — concordou, notando que estava sendo muito mais fácil do que ele imaginava.

Os dois ficaram juntos pelo restante da festa, todos ali viam a troca de sorrisos entre os dois, as promessas escondidas nos olhares. Todos os homens daquela festa se encheram de inveja, queriam estar no lugar dele, ter a coragem de se aproximar dela.

Embora muitos quisessem, ninguém se aproximou do casal e atrapalhou o flerte descarado dos dois, apenas acompanhavam com os olhos cheios de inveja.

— Sabia que passa um rio aqui perto? — perguntou ele, após a mulher ter bebido sua segunda cerveja.

— Jura? — Ela piscou os olhos castanhos, parecia animada com a informação. — É muito longe?

— Não, é aqui pertinho, quer conhecer? — Fez um esforço para não sorrir maliciosamente, estava quase conseguindo, não podia estragar tudo.

— Eu iria adorar! — concordou, pegando na mão dele.

Sem se preocupar que muitos estavam os observando, entrou na mata guiando a bela garota. Depois ele poderia inventar uma história qualquer, dizer que ela havia ido para casa com seus amigos, ninguém suspeitaria.

Ninguém nunca suspeitava.

— O rio é tão lindo! — exclamou a mulher abrindo os braços, sendo iluminada pela lua cheia. — Vamos entrar!

Não teve tempo de ele responder, o vestido foi tirando, revelando a pele perfeita. Caminhou com graciosidade até a margem do rio, até que seus pés fossem molhados, olhou sob o ombro, um sorriso arteiro brincava nos seus lábios, um convite irrecusável.

Continuou seu caminho, enquanto o homem se apressava em se livrar das roupas, nunca iria se perdoar caso perdesse uma chance de ouro como aquela. Correu para o rio, notando que ela estava em seu centro, na parte mais profunda do rio, apenas seu pescoço estava fora d'água.

O homem engoliu em seco, titubeando por alguns segundos. As águas ali eram fundas e conhecidas por serem traiçoeiras, era um risco entrar a noite. Ele ignorou os sinais de alerta de sua mente e se juntou a ela, que imediatamente enlaçou seus braços no pescoço e o beijou com desejo.

Foi o melhor beijo que ele já ganhou. Se perderia naqueles lábios e nunca mais soltaria, mas ao sentir algo escamoso roçando em suas pernas, se assustou, interrompendo o beijo.

— Qual é o problema? — perguntou ela, inclinando a cabeça para o lado, magoada pelo bruto afastamento.

— Algo encostou em mim. — Ele revelou, perturbado.

— Deve ser apenas um peixe, estamos dentro do rio. — Ela disse, dando ombros.

A bela mulher tentou roubar mais um beijo, mas ele se afastou. Mesmo a desejando com todo o fervor, não estava se sentindo confortável em águas tão profundas.

— Acabei de me lembrar, não perguntei seu nome — disse, ganhando tempo para reorganizar a sua mente e esquecer os medos tolos.

— É lara...

— Como a mãe d'água — observou sorrindo, a beleza era semelhante.

— Exatamente.

Novamente sua perna foi tocada, desta vez lentamente, ele conseguiu sentir as escamas, eram duras. Aquilo não era um peixe. Olhou para lara alarmado, que sorria, aquele mesmo sorriso atrevido que havia encantado a tantos. Um arrepio percorreu o corpo dele, piscou algumas vezes sem acreditar no que via.

Os dentes estavam pontiagudos, dando um aspecto aterrorizador ao rosto dela. Ele tentou fugir, mas ela o segurou com força descomunal e se aproximou de seu ouvido.

— Você sabe o que eu faço com homens maus como você, não sabe?

— Ela perguntou num sussurro.

Foi tudo muito rápido, num segundo ele abriu a boca para gritar por ajuda, no outro estava dentro d'água, não teve tempo de prender a respiração, logo a água invadiu seus pulmões.

lara sorriu enquanto arrastava o corpo morto para o fundo, tinha seu alimento para aquela semana, se deliciaría com a carne humana.

Não via a hora de chegar a próxima festa, adorava se banquetear com carne fresca, mas nada se comparava com o fascínio da caça, encantar os homens e os arrastar para o fundo do rio.

Gaby Ometto é uma escritora independente na Amazon de 25 anos. Seu gênero favorito é fantasia com um toque de romance, ama criar mundos mágicos e histórias envolventes.

GERALDO COSTA JR.

QUANDO O SOL SE PÕE

“Tem certeza, madame?”

“Tenho – disse ela, convicta – Tenho sim. A mais absoluta certeza. Como jamais tive qualquer outra em toda a minha vida”.

“Pois não. Devo então chamar o chofer?”

“Já devia tê-lo feito”.

“Queira me desculpar, madame. Irei fazê-lo imediatamente. Com sua licença”.

O criado, o mais antigo da casa, estava acostumado com aquelas reprimendas, que nem sentiu-se ofendido. Retirou-se da presença da patroa e desceu rapidamente as escadarias, a fim de avisar o motorista que deveria preparar o carro o mais rápido possível.

No quarto, madame ainda permanecera, o olhar escapando pela janela aberta, perdido em direção ao nada. Sempre soubera que aquele momento chegaria. Há cerca de um ano vivera situação semelhante. Mas naquela oportunidade cederá aos argumentos que normalmente convencem as pessoas civilizadas a resistir, com bravura e alguma dignidade, às loucuras da vida por vezes necessárias. Pesou a honra, o nome, o dinheiro, as aparências. Mas agora não. Tudo isso perdera o valor, eram apenas palavras ocas, sem vida e comuns na boca de pessoas inocentes e imbuídas de boa-fé.

Estava a deixar aquela casa, sem saber ao certo para onde iria. Talvez um hotel, retirado do centro da cidade. Um lugar discreto onde não poderia ser facilmente reconhecida e nem importunada. E melhor seria se o local, além de discreto, fosse bom e barato. De repente, essas coisas tidas como tolices até pouco tempo, haviam adquirido uma tremenda importância. Afinal, saía em definitivo daquela casa, nas mesmíssimas condições em que entrara, ou seja, desprovida de recursos, a palavra elegante quando pessoas educadas evitam mencionar dinheiro.

Madame continuava olhando para o nada, através da janela. Sentia inevitavelmente um vazio, um sentimento de ausência que poderia perfeitamente ser tomado como agonia, que, noutras oportunidades, já teria lhe provocado tremor, náusea e palpitação. Mas agora, de fato, tudo que sentia era um vazio, imenso e inofensivo.

“Decisões devem ser tomadas – dizia-lhe o pai, quando ainda bem juvenzinha – ou a vida não se modifica.” Nunca recorrera tanto a esse oportuno ensinamento do pai, como naqueles últimos dias.

“Decisões acarretam consequências – dizia-lhe o marido, que estava prestes a deixar – E você, querida, certamente não está, porque nunca esteve, preparada para lidar com as tais consequências.”

Não estava mesmo. Mas, naquele momento, isso era o de menor importância. Importante, era deixar nascer, enfim, das entranhas da sua alma oprimida, a esperança de que ao sair daquela casa, e abandonar aquela vida, pudesse ser feliz. Como, não sabia.

A noite já cobria o céu com seu manto negro, quando começara a chover. Fechou as janelas antes de deixar o quarto. Lá embaixo, seus pertences, poucos, eram colocados no porta-malas do carro pelo sempre atencioso e eficiente motorista. Os criados haviam abdicado da oportunidade de se despedirem dela. Na verdade, estavam era muito satisfeitos por se verem livres da patroa.

Ela entrou no carro, e antes que este se colocasse em movimento fechou os olhos e os manteve assim por algum tempo. Um tempo em que sua respiração permaneceu em suspenso e a vida, em silêncio, ganhara contornos de eternidade. Pôde sentir com alívio uma lufada de vento que entrara pela janela da porta de trás do automóvel, como que acarinhando-lhe o rosto. O carro agora seguia lentamente no rumo do portão e ela sorria satisfeita porque era a última vez que o atrito dos cascalhos com os pneus iria irritá-la. E antes que o automóvel passasse finalmente pelo grande portão e ganhasse a rua, ela arriscou um olhar para trás, como que a saudar a sua vitória. Mas então nesse instante, viu a silhueta de um homem já se confundindo com a penumbra da noite, apoiado numa bengala, enquanto segurava uma garrafa com a outra mão. Por um instante, ela pensou que iria ceder novamente, fez menção para que o motorista parasse o carro. Mas a sua vontade de ser feliz, enfim, prevalecera.

Geraldo Costa Jr. é autor de 3 livros publicados “A Tarde Demora a Passar”, “O Intermediário” e “Sob o Manto da Noite”. É colunista semanal do jornal Diário do Rio Claro, no qual também é redator esportivo. Já colaborou com outros jornais, sites e revistas. Atualmente finaliza um romance e um livro de contos que pretende publicar em breve.

IGOR SALOMÃO MONTEIRO

OLHE QUE PROFISSIONAL

O sofrimento, acolhe
Escuta os segredos, recolhe
O que e como dizer, escolhe
O fruto da mudança, colhe

Empaticamente escuta
Cuidadosamente perscruta
É humano como a gente
Surpreendente, diferente

Psicólogo é profissional
Está na clínica, no tribunal
Na rua, no CAPS, saúde mental
Na empresa, no hospital

Psicólogo é farol, não foca em si
Ilumina as consciências dos outros
Em noites angustiosas e escuras
Pode ser alívio, até cura

Psicólogo se importa com a dor
É calado, conversador
Distraído, observador
Percebe as razões da dor

Psicólogo é conversor
Converte lixo mental em flor
Recebe choro e dissabor
Devolve respeito e amor

Psicólogo é poeta
Seu raciocínio não é uma reta
Ouve confissões abjetas
Diz verdades indigestas

Psicologia é multiplicidade
Diversa, respeita a diversidade
Requer sensibilidade, habilidade
Serenidade e humanidade

A profissão avançou
Expandiu, proliferou
O estigma se freou
E a muitos já ajudou.

[26 de agosto de 2020]

Igor Salomão Monteiro nasceu em Cuiabá/MT, em 06/11/1982. Graduiu-se em Psicologia pela UFSCar, campus de São Carlos/SP, em 2010. Na UFSCar, trabalhou na Biblioteca Comunitária, de 2004 a 2014. Reside em Rio Claro com sua esposa Sara e seus 3 filhos (Filipe, Samuel e Alice) e trabalha como psicólogo na Unesp, campus de Rio Claro, desde junho/2014. Gosta de escrever, é poeta.

ISABELLA LOPES

O ÚLTIMO SUSPIRO DA IMENSIDÃO

Tu me chamas sutil amor
Que na encosta dos braços
Atracou o barco de velas içadas
Para repousar a ligeira fé.

A fé dos marginalizados pela dor
Que mais implora pelo afago
E se humilha pelo fulgor
Do enlace de um grande amor.

Oh! Linda flor em sua pequenez
Que a torna imensa e potente
Haveria de chegar o tempo
Em que o sol seria poente.

Navegar pelos oceanos da dúvida
Cruel e infeliz intuição
Que salga a boca e arde o coração
Pare a tripulação, não há para onde correr.

Oh! Grande escultura de ossos e pele
Guiada pelo feroz desejo de conhecer
Venha educar-se sobre meus olhos
E deixar-me brotar como gotas na tempestade.

Velejar por entre as entranhas da insegurança
Ser um naufrágio esquecido no tempo
Entre lhe dizer sobre o amor
Ou partir para longe dele.

Por rochosos espaços a flor se abre
Buscando a vida que se faz nascer
E o amor latente revive
E ainda não sei o que lhe dizer.

Ainda que os vales existam sob os pés
A maré alcança o medo de haver
E então numa lenta ocasião
Os ventos atiçam a ira do vulcão.

Impiedosa alma mundana
Que arranha o céu da boca e da vida
Que espreme as vísceras
E arranca o mel que o pavor revela.

O amor, o amor, o estranho amor
Que tanto mata e tanto salva
Entre as correntezas da dúvida
Se me desejas ou não,
Se me ofuscas ou não,
Digo de peito aberto como águia na escuridão
Que ei de amar até o último suspiro da imensidão.

Isabella Lopes, 22 anos, reside na cidade de Rio Claro. Iniciou sua jornada poética ainda criança após escrever sua primeira poesia, representando a escola Marcelo Schmidt. Com o tempo se dedicou a poesias autorais, totalizando hoje 81 textos escritos. Apresentou-se em saraus e culminâncias, participou do livro "Escola Bonita" da E.E. Marciano de Toledo Piza.

IVAN RUBENS DÁRIO JUNIOR

EXPRESSO SAUDADE

Rio Claro tem sua história marcada pela ferrovia. Quem não ouviu histórias desse tempo? Tais marcas estão na cidade: a estação ferroviária situada exatamente na Rua 1 com Avenida 1. As oficinas da antiga Companhia Paulista. O Horto Florestal Edmundo Navarro de Andrade, o Museu do Eucalipto e... vai por aí.

Começou a circular o Expresso 2222 / Que parte direto de Bonsucesso pra depois / Começou a circular o Expresso 2222 / Da Central do Brasil / Que parte direto de Bonsucesso / Pra depois do ano 2000.

A ferrovia entrou em declínio e, desde então, é como se uma nuvem de nostalgia cobrisse a cidade. Percebo nos mais velhos uma certa saudade...

Dizem que tem muita gente de agora / Se adiantando, partindo pra lá / Pra 2001 e 2 e tempo afora / Até onde essa estrada do tempo vai dar / Do tempo vai dar, menina, do tempo vai.

Saudade é uma palavra interessante. É um sentimento geográfico, uma espécie de território. Explico: a saudade de uma pessoa que está longe. É histórico também. Saudade descreve a mistura dos sentimentos de perda, falta, distância e amor. A palavra vem do latim 'solitatem' (solidão), passando pelo galego-português 'soidade', que deu origem às formas arcaicas 'soidade' e 'soudade', que sob influência de "saúde" e "saudar" originaram sua forma atual: 'saudade'.

Segundo quem já andou no Expresso / Lá pelo ano 2000 fica a tal / Estação final do percurso-vida / Na terra-mãe concebida / De vento, de fogo, de água e sal (...) / Ô, menina, de água e sal.

O carnaval também é uma espécie de território. Uma espécie de infância. São 4 dias de folia onde a suposta 'ordem' está suspensa para fruição da alegria e da festa. Fruição do corpo onde nos permitimos ser outro/a, sermos reis, homens-mulheres, piratas, Napoleão, Guevara, anjo-diabo.

Dizem que parece o bonde do morro / Do Corcovado daqui / Só que não se pega e entra e senta e anda / O trilho é feito um brilho que não tem fim / (...) Ô, menina, que não tem fim / Nunca se chega no Cristo concreto / De matéria ou qualquer coisa real / Depois de 2001 e 2 e tempo afora / O Cristo é como quem foi visto subindo ao céu / Subindo ao céu / Num véu de nuvem brilhante subindo ao céu.

Também podemos pensar a ferrovia como uma linha de vida, e o trem como a cápsula que nos carrega em viagens no tempo e no espaço. Mas falo de uma saudade concreta: no dia 21/jan/2016 nasceu, em Rio Claro, o BLOCO da SAUDADE. Aos pés do cristo no início da Avenida

da Saudade que finda no cemitério. Numa quinta de carnaval que finda na Quarta-feira de Cinzas. Finda na geometria da cidade, finda na frieza do calendário gregoriano. Permanece viva no desejo que empurra a alegria para frente. Permanece viva no desejo de festa, no imponderável dos encontros. Na magia do ser-outro/a, da fantasia, do permitir-se. Quando a alegria rompe os limites do corpo e explode na rua. Um, por assim dizer, Expresso dionisíaco que passa lentamente convidando a todos e todas, dançando nas ruas, um mar de corpos em esbarramento. Segundo quem já andou no Expresso, o Bloco da Saudade vem 2222 em 2020.

Expresso 2222 é uma canção de Gilberto Gil.

Ivan Rubens Dário Junior é rio-clarense nascido em 1971. Em Rio Claro estudou Geografia na Unesp e, levando o curso a sério, foi para o mundo. Seu mundo é o Brasil. E nesse trânsito por este país imenso, continua estudando a cultura, as tradições do povo em seus rincões. Pós-graduado em Educação, tem se dedicado a registrar suas experiências e seus encontros. Conheça as Andarilhagens no blogdoivanrubens.blogspot.com e no [spotify](https://open.spotify.com/).

J. R. SANT'ANNA

A INCRÍVEL HISTÓRIA DO ANJO DA CONCÓRDIA

Da região de Toscana, na Itália, passando por São Paulo, até chegar a Rio Claro, a trajetória da estátua do Anjo da Concórdia foi acompanhada desde sua origem por um rio-clarense italiano em uma incrível sucessão de episódios.

Fonte

O testemunho do personagem central da história que aqui segue foi registrado em 2007 pelo professor Yedo Godoy em livro que reúne suas crônicas publicadas no jornal "O Diário do Rio Claro". O professor conta que como afilhado do protagonista Ettore Cardini, dele ouvia os relatos quando era criança. Yedo Godoy era integrante do Centro Literário Rio Claro (CLIRC).

A história

Em suas crônicas, o autor conta que seu padrinho Ettore Cardini nasceu, talvez em 1896, em Pietra Santa, pequena cidade da província de Lucca, região da Toscana, que tem como capital Florença, berço das artes italianas.

Ettore foi escultor em ateliê na cidade em que nasceu, próxima das montanhas de onde se extrai o mármore de Carrara, famoso desde o Império Romano e utilizado em igrejas da Idade Média e por Michelangelo na Renascença.

Como irá se ver, depois da I Guerra Mundial Ettore Cardini veio para o Brasil. Dois de seus irmãos foram para os Estados Unidos. Em Rio Claro ele casou-se com Maria José Godoy. Ela era sua vizinha e professora na escola Joaquim Salles.

O casal tornou-se padrinho de Yedo, também seu vizinho. O casal morava na Avenida Cinco. Ettore instalou seu ateliê, um barracão, na esquina com a Rua 9; ali esculpiu imagens que até hoje se encontram no cemitério municipal. Quando criança, Yedo o acompanhava no trabalho no ateliê. Foi ali que o professor ficou sabendo da história do Anjo da Concórdia.

Na Itália

A história começa quando Ettore Cardini era aprendiz de escultura no ateliê de Pietra Santa. Em uma cidade vizinha morava a poderosa e rica família Camaiore. Na cena entra, então, um jovem membro daquela fa-

mília. Ele era ótimo na natação. Conduzia canoas a remo com perícia. Em época de verão, entre junho e agosto, o jovem fazia incursões pelas praias da região, que conhecia tão bem. Tinha espírito aventureiro.

Em certo dia, ele foi pego de surpresa por uma tempestade enquanto navegava sozinho. Não voltou para casa. Já era noite. De início, a família não se preocupou por ter certeza de que ele era exímio nadador e sabia se cuidar. Estimou-se que tivesse encontrado algum abrigo para se proteger da tempestade.

Como ao longo do dia seguinte o jovem não apareceu, a família se alarmou. A preocupação se tornou geral. Naquela noite eles avisaram a polícia. Na manhã que se seguiu começaram as buscas pela região.

Em local não muito distante, o barco foi encontrado em uma das praias, mais adiante, os remos; e, finalmente, encontraram o corpo do jovem que morrera afogado. A comoção foi geral na província. Assunto dos jornais.

A estátua

Meses depois da fatalidade, os pais do jovem estiveram no ateliê de escultura na vizinha cidade de Pietra Santa. O casal em luto encomendou uma estátua que perpetuasse a memória do filho. Ettore Cardini, o aprendiz de escultura que trabalhava naquele ateliê e viria a morar em Rio Claro, testemunhou a cena toda.

Eles descreveram como queriam que fosse a estátua: um barco, açoiado pelas ondas, os braços erguidos para o céu e segurando uma grinalda de rosa. Um estreito lençol cobriria sua cintura e, como o rapaz era um modelo de filho, deveria ser uma figura de anjo, com grandes asas e expressão de paz e concórdia.

Não perguntaram quanto ficaria a obra. Escolhido o bloco de mármore Carrara, uma equipe de escultores se concentrou na execução da obra.

Do inicial desbaste da pedra seguiram-se os traços em carvão desenhados pelo mestre. A forma definitiva ficou para os mais especializados, conforme o modelo já feito em gesso. Depois do incidente da quebra de um dos braços ao alto, uma adaptação bem sucedida fez os braços modelados junto ao peito, como se vê hoje. Não se sabe quanto tempo foi gasto até a conclusão.

Os trabalhos foram acompanhados periodicamente pela família, que dizia estar satisfeita com os resultados.

A estátua pronta ficou em exposição no ateliê para admiração dos moradores da cidade. O anjo equilibra-se sobre uma barca em mar agitado. A perna esquerda fica para frente, enquanto a direita se mantém um

pouco atrás. A asa esquerda está reta para baixo, enquanto a outra, vira-se para a direita, dando a impressão que o anjo acabara de descer sobre o barco, trazendo nas mãos uma grinalda de flores.

Destino

Daí a história segue para um desfecho surpreendente que nunca foi esclarecido. A família que encomendara a obra a acabou recusando. A estátua foi posta de lado e a memória do jovem e a dor por seu falecimento acabaram no esquecimento.

O momento político na Itália era conturbado. O reinado passava ao poder fascista de Mussolini. Logo após a I Guerra Mundial, Ettore Cardini, já profissional em escultura, viera para o Brasil.

Tempos depois, certo dia, para sua grande surpresa, ao visitar uma marmoraria em que havia trabalhado em São Paulo, ele encontrou nada menos do que a estátua do anjo que vira ser feita na Itália.

A loja

Até aqui, o relato de Yedo não deixa referências sobre onde ficaria tal loja onde esteve a estátua. No entanto, num episódio paralelo, mais recentemente, Luiz Roberto Macha, o Tigrão, presidente da Escola de Samba “Os Indaiás”, veio a identificar qual era a marmoraria de São Paulo em que esteve a escultura.

Assim conseguiu, porque uma foto do Anjo aparece em uma propaganda de arte tumular publicada em antiga revista paulistana. O anúncio era de uma loja na Rua da Consolação, na vizinhança do cemitério. A descoberta foi feita quando Macha pesquisava a história de Rio Claro para desenvolvimento de samba enredo para os “Indaiás” nos anos 1980.

Rio Claro

A história da estátua permaneceu em São Paulo até Rio Claro entrar em cena por seu aniversário de cem anos, em 1927, a ser comemorado com festas durante todo o mês de junho. Aquela foi certamente a maior comemoração que a cidade promoveu em todos os tempos. O prefeito era Irineu Penteadó.

Aconteceu, naquela data, que os membros da Sociedade Italiana resolveram homenagear a cidade com um grande presente de aniversário que simbolizasse a imigração ao Brasil e Rio Claro pela concórdia entre seus moradores.

Em meio à dificuldade de escolha de algo com tão amplo significado, Ettore Cardini, já com seu ateliê na esquina da Avenida 5 com a Rua 9, lembrou da estátua que estava na loja de São Paulo. Diante da sugestão,

uma comissão formada por integrantes da Sociedade Italiana foi com ele até a Capital para avaliar a peça. A avaliação concluiu que não haveria melhor presente do que aquele para o centenário de Rio Claro.

Dias depois, a estátua chegou à cidade. Ficou guardada na sede da Sociedade Italiana. Preparou-se uma festa para sua apresentação aos moradores. Um pedestal foi erguido no Jardim Público para recebê-la, onde passaria a representar seus significados para a posteridade.

A entrega

Em memorável evento, em um domingo, dia 19, às 13h30, a estátua do Anjo da Concórdia, no Jardim Público, foi entregue à cidade pela colônia italiana. A solenidade pode ser conferida ainda hoje por haver sido filmada pelo cineasta Caetano Matanó.

Filme

Em produção patrocinada por Nicolau Mazziotti e pela matriz de São João Batista, o filme “Os festejos do Centenário de Rio Claro” traz ampla cobertura das comemorações daquele aniversário da cidade e encontra-se em exposição do Museu Histórico e Pedagógico “Amador Bueno da Veiga”.

Anos 60

Jovens que se reuniam no espaço do Jardim Público em torno do monumento nos anos 1960 se denominaram “Turma do Anjo”.

Hoje

Depois de um longo período de deterioração, após restauro e protegida por grades no início dos anos 1990, no governo de Azil Brochini, a estátua acaba de ganhar uma série de melhorias.

O monumento recebeu serviços de limpeza, restauro e nova pintura foi feita na grade de proteção no entorno. A grama ao redor da escultura foi substituída por calçamento, voltando às características originais.

A revitalização do Anjo da Concórdia foi feita por um grupo de amigos sem custo ao município. Além dos serviços de limpeza e restauração, o monumento também ganhou iluminação especial com quatro refletores. A entrega das obras foi feita ao prefeito João Teixeira Júnior na segunda-feira, dia 20 de janeiro, às 10 horas, pelos representantes do grupo de amigos: Milton Mônaco, José Geraldo Favaro, Antonio Luiz Ferreira e Adilson Luís Reali.

Memorial

O professor Yedo Godoy trata a estátua do Anjo da Concórdia como “um dos símbolos mais amados de nossa cidade”.

[Janeiro, 2020]

J. R. Sant’Ana é pedagogo, jornalista e profundo conhecedor da história local. Foi diretor de Patrimônio Histórico na Prefeitura de Rio Claro e diretor legislativo e de Comunicação na Câmara Municipal da cidade. Na imprensa, atuou como chefe de redação no Jornal Cidade, correspondente na empresa Eptv Campinas, editorialista e repórter no Diário do Rio Claro, além de editor na empresa Edição Extra, repórter e colunista no Jornal de Rio Claro. Foi presidente do Grupo Banzo e programador e repórter na Rádio Clube.

JAIME LEITÃO

BAILARINAS

Bailarinas
dançam no quintal.
Cada dia em um ritmo.
Hip hop, contemporânea, tango, valsa, rumba, clássico, forró.
Sempre no mesmo horário.
Fim de tarde.
Alucinação poética
ou degeneração macular?
O mistério
permanece
e nem precisa ser desvendado.
Que as bailarinas
continuem dançando
e o poeta continue escrevendo.
E enxergando.

HUMANOS?

A selvageria
humana
transforma
um tigre
em um gatinho.
Um leão
em uma borboleta.
Feroicidade daqueles
que matam crianças
em nome de Deus
em uma distorção
horripilante.

AGORA

Estou escrevendo
este poema
agora.

Você está lendo
este poema
agora.

Como entender
essa simultaneidade?

Poesia
não é para entender
mas para perceber
e sorver
a força e a magia
desse enigma
indecifrável.

Jaime Leitão nasceu em Franca-SP em 1953, mas passou a residir em Rio Claro aos dez anos. Promoveu aqui com Antônio Ventura a Primeira Noite de Poesia Moderna, no Jardim Público, aos 15 anos. É autor de 16 livros: de poesia, teatro, didático crônica, microcontos, nanocontos e infantil. Duas peças teatrais de sua autoria foram montadas profissionalmente no Rio, em 1989, no Teatro Posto 6, em Copacabana, e em São Paulo, em 1990, no TBC.

JEDIAS HERTZ

ARETA

Areta morreu sem ar.

...e também sem Areta. Areta era ela, ou o ar que saiu de Areta?

Na hora da morte de Areta, Areta sentou. Seu relógio velho, de ponteiros enrugados, ou melhor, enferrujados, relesmente reliam as horas. Eram duas horas, antes ou depois da morte de Areta.

Areta saíra da farmácia com sua caixinha de remédios, a luz do sol reluzia nas fivelas de seus sapatos novos. Areta olhava o relógio, esperando que dessem duas horas, ela mal sabia, que em casa, os mesmos remédios jaziam na gaveta da penteadeira. Aqui, com remédios nos bolsos e passos lentos, Areta andava na calçada, feliz pela sorte de ter tido o tempo de comprar seus remédios sem maiores complicações. Areta, há muito tinha problemas de saúde, desses problemas sérios e irreversíveis que chegam nos apressados passos do tempo. Seus principais sintomas, dor no peito, pernas inchadas e falta de ar.

Areta já não andava tão ereta. Olhava pra cima, com a cabeça tombada de lado, tentando ver o sinal de trânsito, ofegante e cansada da curta caminhada que fizera de casa até a farmácia e de volta para casa. Caso tivesse chegado, em sua casa vazia, ninguém a aguardava, a não ser seus velhos livros com traças. Eram as traças mais letradas do bairro, e por consequência, traiçoeiras. Há não ser pelas traças, Areta era sozinha desde moça, e por mais que traçasse planos para acabar com elas, era sempre em vão. Areta achava traças até por entre suas tranças. Ela tentou de tudo, principalmente veneno, mas as traças eram resistentes e por fim quem ficava sem ar era Areta.

Areta gostava de arte, lia arte, fazia arte e vivia arte. Areta artista, pintava, escrevia, compunha, tocava piano e cantava. Vez ou outra entre as espadas-de-são-jorge, atuava, encenando seus prediletos clássicos de Shakespeare & outros. Areta arteira, artista, gostava das cenas de beijo e de grandes paixões de tirar o fôlego.

Em seu jardim, que tampava qualquer vista da casa, Areta plantava de tudo, mas principalmente artemísias, o chá de artemísias da Areta era famoso por todo o bairro. Areta tinha o costume de levar seu chá de artemísias para qualquer vizinho que julgasse mais irritadiço, mesmo que na maioria das vezes, ou melhor, nunca fosse requisitada. Apesar disso, Areta não era a vizinha mais amada pela vizinhança, nem por isso era a mais odiada. Areta pelo menos não tinha o costume de vigiar seus vizinhos por entre as plantas de seu jardim, ou de falar mal deles, ou de falar

bem deles ou de... falar com eles. Pelo menos Areta não causava incômodos, exceto às duas horas da manhã, quando Areta, vez ou outra, sufocava a noite. Era algo relacionado aos seus problemas de saúde, diziam. Mas quando Areta ficava sem ar, todos perdiam o sono.

Uma vez, quando Areta passou mal, procurou por seus remédios por toda a casa, nos armários da cozinha, nos armários dos banheiros, debaixo da cama, nas gavetas da geladeira, na caixa de correio, em todo lugar que podia imaginar, mas não achou... Areta, cada vez mais sem ar, pedia ajuda pela janela. Felizmente seus vizinhos chegaram a tempo, e desde então ela morria de medo de ficar sem seus remédios, fazendo questão de guardá-los sempre nos mesmos lugares, e de sempre saber onde eles estavam.

Areta na rua, sozinha com sua sombrinha, fazia questão de pouca coisa. De guardar seus remédios no armário da cozinha, de cuidar de seu belo jardim, de ter em mãos seus livros de arte e de ter sapatos novos apesar das roupas comidas por traças. Só que há um tempo, Areta andava meio esquecida. E mesmo as poucas coisas das quais fazia questão, às vezes eram demais para sua cabeça cansada.

Areta atravessou o sinal em linha reta, e ao chegar do outro lado, alerta e assustada, lembrou de olhar seu velho relógio: Eram duas horas, a hora exata da morte de Areta. O ar deixou seu corpo, como que sugado para fora de seus pulmões, e Areta foi embora com ele.

Areta morreu sem ar, e também sem Areta.

Areta, arteira, artista, nos deixou às duas horas.

Seu sepultamento se dará no cemitério municipal, sem velório.

A todas as traças, os nossos mais sinceros sentimentos.

Jedias Hertz, nascido em 24 de maio de 1992, é artista de Rio Claro-SP. Tem como principal trabalho a música, com trabalho fortemente influenciado pela Tropicália, MPB anos 70, Rock Psicodélico e pelo Folk. Além disso, ele explora diversas formas de expressão artística, incluindo fotografia, pintura, poesia e literatura.

JESSICA CORGOSINHO MARCUCCI

TEMPO

Tempo, rápido ou vagaroso
É um recurso precioso
Pra trabalhar, estudar, viajar,
Pra descansar e ficar um pouco ocioso

Tempo,
De grão em grão
A areia mede sua fração,
Na ampulheta escoo a medição

Vejo o relógio,
O tic e tac escuto,
É o som dos ponteiros,
De segundo a minuto

Faça chuva, faça sol,
Granizo ou vento,
Aproveite o melhor da estação
Viva o momento

Cada época tem sua beleza
Tem tempo de plantar, tem tempo de colher,
Tudo se transforma com certeza,
Conforme o ciclo da natureza

Temos sonhos e objetivos
Que queremos alcançar
Além do tempo para planejar,
É importante agir para os realizar

O tempo também traz herança
De parte do passado que se faz presente,
Pode ser uma memória, uma foto, uma lembrança,
Marcas na paisagem sobre o sol nascente

Quando chega a tristeza
Os olhos entram em pranto,
Mas, o tempo passa e muda com sutileza
Revelando o sorriso, o riso e o canto

Comer e beber,
É um tempo de alegria
E o sabor do alimento é melhor,
Quando se está em boa companhia

Há uma forma
Para superar o ódio e o rancor,
É quando dedica-se tempo,
Para cultivar a paz e o amor

Sigo a caminhar, peço a Deus uma direção,
Escolhido um destino, me aventuro,
No curso da vida com o pulsar do coração,
Sigamos rumo ao futuro!

JOÃO FRANZIN

PRIMAVERA

Vou me vestir de flores,
No intenso realce das cores,
Cores exuberantes e belas,
Chegou a primavera!!

Especial, particular e “tão” ela,
A incomum flor amarela,
Invoca o poeta,
O canto do rouxinol,
Para sublimar o girassol.

Símbolo do romance ardente,
Pulsa o coração.
É amor! É paixão!
Declarado em verso e prosa,
Como seriam sem as “rosas”?

Antiga, senhora e mãe das flores,
Sinônimo da pureza e encanto,
Perfume mágico em cada canto,
Sim: “Olhai” os lírios do campo.

Doce, doce, nada é tão doce
Como o perfume da noite,
Essências que colam em mim,
Virtudes do revigorante jasmim.

Poções Medicinais, marca da fertilidade,
Símbolo da modéstia e lealdade,
Em castelos suntuosos ou favelas
Estás: “Violetas na janela”.

Chegou a primavera!!
Cores exuberantes e belas,
No intenso realce das cores
Hoje, vou me vestir de flores.

O ATO DE ETERNIZAR...

Era semente, nasci
Ao longo do tempo, cresci
Sob o sol fulgurante, flori
Os corações dos homens, senti
Com sua alegria, embeveci
Pelas câmeras, apareci
Marcada pela luz, reluzi
Multicolorida, me vi
E tornei-me estrela, estreelei
Em obra de arte, transformei.
A qualquer momento, perecerei
E das mais variadas formas,
Eternizada fiquei.

João Franzin é escritor e poeta rio-clarense, participou de vários concursos de poesia pela secretaria local, estadual e nacional de cultura. Coordenador do grupo Circuito de Poesias há 10 anos, realizando eventos pela cidade. Saraus envolvendo poesia, música, palestras sobre artes, biografias de escritores e poetas, arte da Ikebana, e etc..

JONATAS OLIVEIRA

O CÉU DOS PATRIOTAS

Patrícia abriu os olhos e não reconheceu nada ao redor. Ela usava um vestido branco um pouco largo e em nada parecido com a calça jeans azul e a camiseta verde e amarela que trajava em sua última lembrança. Além disso, estava sem seu bem mais precioso:

– Cadê meu celular? – disse, levantando-se em um pulo da maca onde estava deitada, enquanto um ser jovem trajando calça social, paletó, camisa e gravata brancos se aproximou.

– Ah, finalmente você acordou. Tudo bem? Eu sou o Rafael e vou te guiar durante o processo por aqui e...

– Onde estou? Quem é você e cadê as minhas roupas? – ela indagou, observando tudo de forma assustada.

– Bom, por aqui o traje é esse, senhora... Deixe-me ver aqui nas anotações... Senhora Patrícia Inácio da Silva. Era esse seu nome, não é?

Ela se aproximou de Rafael e disse baixinho em tom irritado:

– Fala baixo! Se alguém souber que tenho “Inácio” e “Silva” no nome, vou ser tachada de comunista. Por isso que meu nome nas redes sociais é “Patrícia Patriota”.

– Ah, minha senhora! Aqui tanto faz isso, viu. Infelizmente vou precisar chamá-la pelo nome é... “Nome de Batismo”, como vocês costumam falar.

– Isso é censura! – bradou Patrícia, fazendo todos ao redor olharem para a cara dela.

– O que está acontecendo aqui? – disse outro ser um pouco mais velho, trajando uma roupa igual a de Rafael, enquanto se aproximava.

– Senhor Miguel, essa senhora aqui insiste que eu a chame pelo nome que ela usava nas redes sociais e me acusa de censura simplesmente porque disse que vou chamá-la pelo nome de batismo, que está na ficha.

– Deixe-me ver... – Rafael passou a ficha para Miguel, que leu em silêncio para depois comentar – Hum... Interessante... Ah, já sei... Ela é daquela leva?

– Este rapaz, meu senhor, está querendo me censurar. Eu tenho liberdade de expressão e não quero ser chamada de Patrícia Inácio da Silva e parecer que sou parte do movimento comunista! Meu nome é Patrícia Patriota e ponto final! – interrompeu ela.

Miguel respirou fundo e disse calmamente:

– Minha senhora, aqui isso tanto faz. Ninguém está nem aí. Só não podemos chamá-la pelo nome das tais “redes sociais”, pois isso é um

surto coletivo. Outro dia mesmo, tivemos aqui um tal de Maduro24cm e, mesmo a contragosto, ele continuou sendo chamado de Francenildo Pereira e assim vai ser com a senhora e com todo e qualquer outro que chegar aqui. Estamos entendidos?

Patrícia olhou em volta e disse em tom de revolta:

– E o senhor pode me dizer que lugar é este? Certamente é algum campo de concentração comunista! É óbvio! O comunismo ascendeu no Brasil e nós, que pensamos diferente, teremos que viver confinados!

– Não é nada disso, minha senhora. A senhora está na morada eterna e... – tentou dizer Rafael, sendo interrompido logo depois.

– Ah, é esse o nome do lugar? Eu sabia! A esquerda tomou o poder e agora terei que ficar aqui até a morte, fazendo trabalhos forçados e... Eu quero o meu celular!

– Seu celular não funciona aqui, minha senhora – disse Miguel.

Patrícia subiu de volta à maca, ficou em pé e começou a gritar:

– Eu estou sendo censurada! Censura nunca mais!

Nesse momento, uma mulher com um vestido branco, parecido com o de Patrícia, se aproximou e disse:

– Miguel, o que está acontecendo aqui? Essa mulher está atrapalhando o trabalho das outras pessoas e assustando os outros...

– Ah, finalmente uma mulher! Como é seu nome, queridinha?

– Prazer, meu nome é Sara.

– Sara? Bonito nome. Eu tenho uma grande amiga chamada Sara. Patriota roxa, faz de tudo pelo país! Está acampada em frente a um quartel e será uma força importante no combate ao comunismo em nosso país! – disse Patrícia descendo da maca.

– Ah, eu sei. Nos próximos dias ela chega por aqui também.

– A Sara também foi presa?

– É... Eu não diria que ela foi presa, não é bem esse o nome que usamos por aqui. Só um instante, por favor...

Sara se aproximou de Miguel e Rafael e disse baixinho:

– Miguel, vá ajudar o Josué, acabou de acontecer um acidente e vai chegar uns 30 para a gente atender. Rafael, fique aqui perto e apenas observe, está bem?

Miguel se afastou e Sara, por sua vez, pegou a ficha de Patrícia das mãos de Miguel e se voltou para Patrícia, que disse:

– Eu não gostei desse senhor. Ele tem um ar de comunista, apoia a censura, a mamadeira de piroca, banheiro público unissex... Por isso precisamos da intervenção militar em nosso país! Só eles poderão nos livrar da ameaça comunista!

Sara tentou conter um sorriso e falou:

– Olha, Patrícia... aqui, nenhuma dessas tais ameaças fazem sentido. Nada disso existe. Tudo é um delírio infundado lá de onde você veio, e aqui é um absurdo completo.

– Você está querendo dizer que eu sou doida? Ah, pronto! Primeiro vem um querendo me calar, e agora aparece outra dizendo que eu sou maluca! Eu quero falar com o gerente ou diretor desse lugar!

– Eu acho que Ele não vai poder atendê-la do jeito que a senhora imagina, mas Ele está em todo canto. Fique à vontade para falar com Ele...

– Eu quero meu celular! Vou fazer stories denunciando essa censura e, certamente, alguém virá me tirar daqui. Meus amigos patriotas vão acionar a polícia, a imprensa que não foi comprada e todos os órgãos que estão do nosso lado! Vamos denunciar você e essa corja toda! Eu guardei seu rosto, viu? Sou influente, tenho contatos! Eu só preciso do meu celular.

Sara olhou para Rafael, que tentava segurar o riso. Ele olhou de volta, coçou levemente o queixo e tentou esclarecer:

– Senhora Patrícia, aqui pouco importa, ou melhor, nada importa os seus contatos. O nosso Diretor é soberano e está acima disso tudo e de qualquer coisa que você invente.

– Eu sabia! O tal diretor dessa espelunca foi comprado! – retrucou Patrícia – As instituições estão compradas, todas elas! Estamos no meio de uma ditadura chefiada por uma máfia comunista! Somente Deus poderá nos livrar disso! – nesse momento, um trovão soou ao longe – Um sinal divino! Eu sabia! – Patrícia se ajoelhou, fechou os olhos e continuou em tom e gestos de súplica – Senhor, peço Sua ajuda, pois somente Tu poderá me tirar das garras desses comunistas e, como sou humana, teemente às Suas leis e preocupada com o próximo, peço que não pese a Sua mão no dia do juízo final, na hora de julgar esses dois que estão à minha frente, incluindo aquele outro que se foi há pouco.

Sara olhou para cima, respirou fundo e disse:

– Senhora Patrícia, se hoje a senhora pode nos ver, falar com a gente... E se estamos aqui dando toda a atenção que a senhora merece, é porque...

– Deeeeeeeeeus! Ela insiste em blasfemar e novamente ousa me interromper nesse momento santo. Perdoa, Senhor! Ela não sabe o que faz!

Outro trovão se ouviu ao fundo e Sara olhou para Rafael, que cada vez mais sofria, tentando segurar o riso.

– Já que os militares nada fizeram por esse país, eu peço a Sua intervenção, oh, Deus! O Brasil é Teu lar, lutei a Santa Luta em Teu nome. Pai nosso que estais no céu...

Sara se ajoelhou, colocou a mão nos ombros de Patrícia e buscou mais uma vez consolá-la:

– Patrícia, está tudo bem. Aqui essas orações não fazem tanto sentido assim, pois temos contato direto com...

– Deeeeeeeus! Agora ela ousa dizer que aqui Tu não entras e que Teus domínios não alcançam este lugar! Perdoa, Senhor! Perdoa! – Patrícia então abriu os olhos e disse – É isso! Ele me colocou aqui para trazer a Verdade! Eu não fui presa à toa! Ele é perfeito em tudo que faz e... leve-me ao seu chefe!

– Senhora Patrícia, como eu já disse, meu Chefe está em todo e qualquer lugar e...

– Deus, ela agora blasfema contra a Tua sacralidade e quer me vencer que o Chefe dela és Tu!

Sara segurou firme nos ombros de Patrícia e, irritada, disse de modo bastante enfático:

– Senhora Patrícia, a senhora está morta, porra! – nesse momento, um raio cortou o céu assustando todos em volta e Sara olhou para cima – Desculpe, Chefe! Foi mais forte que eu.

Rafael se aproximou de Sara e comentou:

– Sara, cuidado com a sua forma de abordagem, pois você sabe muito bem o que aconteceu com o último rebelde que...

– Quem, o Lúcifer? Ah, com aquele ali, o negócio foi bem mais embaixado, se é que você me entende... aliás, você nem estava aqui e... Ah, Rafael! Fica na tua! – Sara se voltou para Patrícia, que estava com os olhos arregalados, fitando de volta a sua interlocutora – Entendeu, Patrícia? Acabou! Você morreu! Ou, como vocês dizem nas tais “redes sociais” que vocês criaram para fortalecer o surto coletivo que é viver na Terra, você foi de base, olavou, arrastou para cima, virou pó... Ah, sei lá! Quer uma prova? Rafael, traga um copo com água que vou transformar em vinho ou... ou você acha que seria melhor andar em cima de um lago para ver se ela lembra...

Patrícia se levantou e seu olhar alternava entre Sara e Rafael. Após alguns minutos atônita, ela gaguejou:

– Se vocês são anjos, cadê as asas?

– Ah, não! Aí já é demais! – disse Sara, levantando-se e novamente ouvindo um trovão ao fundo – Patrícia, você acredita em um tal de “mito”; que vacinas contêm chips de internet e fazem as pessoas virarem jacaré; vocês cantam o hino do seu país para um pneu, transformam um muro do exército em Muro das Lamentações... Ah, me poupe, né?

Patrícia ficou novamente em silêncio, dessa vez por alguns minutos, até que resolveu perguntar:

– E... E como eu morri?

Rafael, percebendo a irritação crescente e cada vez mais aparente de Sara, respondeu no lugar dela:

– A senhora pegou Covid de uma das pessoas que acampavam em frente a um quartel com a senhora, a doença evoluiu...

– Mas eu tinha saúde de ferro, histórico de atleta, tomava vitamina C todo dia, fiz tratamento preventivo com Cloroquina...

– Ah, mas é que contra a Covid é só vacina mesmo. E consta aqui na ficha que a senhora era antivacina. Aí não tem muito o que fazer... – explicou Rafael.

De repente, Miguel chegou esbaforido e interrompeu a conversa:

– Sara, preciso da sua ajuda. A amiga dessa aí, aquela que tem seu nome, está chegando.

– Mas já?

– E para piorar, a novata acha que Jesus incentivou o uso de arma de fogo.

Sara respirou fundo novamente, revirou os olhos e foi atrás de Miguel.

Jonatas Oliveira é jornalista por formação, com passagens pelo G1 e Estadão, comunicador por vocação, inquieto por criação, além de ser apaixonado por música, ironia e fotografia. Como escritor, publicou de forma independente os livros “O Diário de Arthur Ferrau”, escrito quando morava em Rio Claro e inspirado nos cenários da cidade, “Águas de Março”, “Depois da Chuva” e “O Cara da Camiseta Azul”.

JOSÉ ALEXANDRE DE JESUS PERINOTTO

TEMPO...

Tão simples,
rico tanto,
que não se entende o quanto...
INCOMENSURÁVEL,
É!
Muda paisagens,
revoluções,
oceanos,
mares.
Montanhas vêm e vão
E nós, frágeis, egoístas,
pretensiosamente,
"no auge da criação".
O tempo ensina.
Muitas vezes amados,
... amamos como se ele não existisse.
Mas ele, insensível,
simplesmente,
PASSA.
Anos e anos são somados.
Nada,
absolutamente,
nada, pode retê-lo.
O que está por vir, está por vir!
É de um tempo que não existe.
Nada no ontem...nada no amanhã.
Só no A G O R A.
Só!
Instante, fugaz,
efêmero.
Viver cada presente,
intensamente
o melhor tempo que temos!
É o tempo!

QUANDO...

Quando?
Quando a brisa é sentida em cada manhã
Quando tudo se mescla de cor
Quando a vida vem pulsar:
Essa é a hora,
É o lugar.

Quando um segundo tem a dizer
Quando a poesia torna a viver
Quando se volta a sonhar:
Essa é a hora,
É o lugar.

Quando o instante tem plena atenção
Quando a presença está a sorrir
Isso é alma, é vida,
É emoção.
Quando?
Este é o tempo,
livre da razão,

Quando o caminho é o do coração.

[2022]

José Alexandre de Jesus Perinotto, nascido em Rio Claro, nos idos de 1954. Geólogo de paixão, professor na Unesp por opção. Casado com Cecília, pai do André, Rafael e Fábio e coruja avô da Flora e da Pietra. Poeta de vez em quando, ama a vida e a ela referencia como única neste rico e frágil planeta.

JOSÉ DIRCEU VOLLET FILHO

LEMÃO GALEGO

Diziam sempre que o velho era azedo, e que era por isso que o tinham apelidado de “Lemão Galego” - um trocadilho com sua ascendência alemã, evidente nos cabelos e na barba louros já agrisalhadados, e seu ar ranzinza e silencioso. Não respondia muito, passava de cara fechada e olhos fixos no horizonte por todo lugar. Naquela cidadezinha, São Joaquim da Alta Serra, ele era bem conhecido, mas fora o padre e o cachorro caramelo que vivia lhe trançando entre as pernas, quase ninguém ouvia sua voz. Tinha até quem achasse que ele era mudo.

Mas já chego nele.

Eu tinha uns dezesseis anos, e tinha ido com minha mãe visitar minha avó num sítio na região. Lá na vó, minha mãe pediu pra voltar até a cidade buscar carvão - meu tio tinha resolvido fazer churrasco. Peguei o carro, sem carteira, e fui. Chegando lá, não tinha nada aberto, exceto pela “Venda do seu Zé”, o mais próximo de um mercado que tinham ali.

Eu parei, peguei o carvão, e após andar uns duzentos metros com o carro, o volante começou a puxar para a direita... Pneu furado.

Bom, eu não tinha carteira de motorista... pergunta se eu sabia trocar um pneu?

Fiquei ali, naquele lugar que o próprio Deus lembrava só de vez em quando... imagina se o sinal do celular dava o ar da graça.

Começou a escurecer, ninguém na rua... E eu, ali, andando de um lado para o outro, sem saber o que fazer. Dali a pouco, ouvi um latido, e vi o Galego vindo. Eu sempre tive medo dele, aquela cara amarrada que eu conhecia desde criança me deixava tremendo.

Eu disfarcei, encostei no carro, fiz de conta que tentava pegar sinal. Ele parou, a uns quatro metros de mim. Ficou me olhando, aquela cara amarrada mastigando qualquer coisa. Ajeitou o chapéu surrado. Parecia esperar que eu sáísse do telefone.

Ele ficou uns dois minutos esperando. Pareceram mil anos.

Enfim, sem graça, eu desisti do fingimento, olhei para o lado dele, dei um sorrisinho amarelo e falei: “É... Sinal...” E dei de ombros.

Ele ficou quieto. Ficou me encarando um tempo. Olhou pra cima, o céu ficando escuro.

“É. Pega não.”

Eu me assustei - nunca ouvi a voz dele antes! Ele percebeu.

“O carro parô?”, ele falou, com aquele sotaque carregado.

“Não, foi o pneu que...”

Ele mal deu tempo de terminar a frase.

"I ocê num tem estepe não, moço?"

Eu fiquei mais sem graça... A luz fugidia escondia minha vergonha.

"Tem, tem sim..."

"I ocê num sabe trocá, é isso?" - ele falou, aproximando e olhando direto pro pneu no chão. O cachorro veio direto em mim. Ele me cheirou, cheirou e lambeu minha mão.

"Dêxa o moço, Quinzé" - ele falou, e o cachorro imediatamente foi pra perto dele. Eu fiquei surpreso pelo controle... E por descobrir que o cachorro que todo mundo chamava de "Caramelo" tinha nome.

"Não, tudo bem..."; eu falei. "Eu não sabia que ele chamava Quinzé..."

"Hmm", ele resmungou, ajoelhando pra ver o pneu.

O Galego olhou, olhou e levantou. Chegou perto de mim, eu instintivamente dei um passo pra trás.

Curioso... Não senti cheiro. Acho que eu esperava que ele cheirasse a álcool... E me envergonhei de novo.

"Eu troco procê", ele falou. Eu verdadeiramente me animei, mas estava ficando cada vez mais escuro, e eu lembrei que não tinha lanterna... E o céu a leste já estava praticamente escuro. "P-puxa, obrigado... Mas... o senhor consegue trocar no escuro?"

Ele cuspiu qualquer coisa que mascava e mexeu com o cachorro, olhando pra baixo.

"Ara, eu troco cas mão, não cos zóio."

O homem era uma surpresa atrás da outra.

"Mai vamo logo. Ocê tem macaco aí?"

Péra. Macaco?

Eu acho que foi a primeira vez que eu vi esse homem com algo que não fosse uma carranca. Ele deu um risinho de canto de boca.

"Hehe. Abre o porta mala, moço."

Eu abri, ele bateu por ali - tinha umas bugigangas da minha mãe, mas ele foi certo. Pegou a ferramenta - descobri o que era o tal macaco - e a chave de roda.

Aí eu gelei.

"Não tem estepe! Cadê o estepe?!" eu falei, entre o nervoso e o desespero - por não ver estepe e por ter aquele estranho com uma chave de roda na mão.

O Galego fez um "hmpf" em resposta, enfiou a mão num canto e fez um clec. Um estrondo embaixo do porta-malas.

E lá estava eu, com uma réstia de luz, assombrado com aquela bruxaria: o estepe ficava embaixo do Fiestinha, e tinha uma trava no porta-malas pra soltar o suporte!

"Vem cá, moço. Vô insiná" - e eu sem jeito fui aprender como soltar a trava, como soltar o estepe, como prender o macaco e içar o carro... Com aquele jeitão direto, sem muitas palavras, o Lemão que não era tão azedo me ensinou a trocar o pneu na pouca luz de uma meia lua e na iluminação pobre das lanternas do carro - porque o céu já tinha escurecido mesmo.

Muito sem jeito, mas muito agradecido, eu ofereci uma carona até onde ele quisesse.

"Carece não, moço. Vai pra casa que a senhora sua mãe deve de tá aflita."

"Posso te pagar, então?", eu perguntei. Ele me olhou feio.

"Ara! 'Sas coisa num se cobra, moço. Oê dêxa pra ajudá arguém que precise."

Eu estava mesmo desconcertado. Sempre tive medo desse homem.

"Muito obrigado, seu Lem..." - e terminei de completar minha vergonha. Nem perguntei o nome dele.

"Osvaldo... Mais cê pode chamá de Lemão memo, que é como tudo mundo chama. E num carece de agradecê, não."

Eu agradei de novo, mexi com o Quinzé, e fiquei olhando aquele homem simples, sisudo, que num fim de tarde me ensinou duas coisas que eu nunca esqueci: a trocar o pneu de um carro, e a não julgar pelas aparências.

[11/04/2021]

José Dirceu Vollet Filho é nascido e criado em Rio Claro, físico por formação, mas com profundo amor pela arte da escrita desde a mais tenra idade. Embora tenha seguido carreira acadêmica no Brasil e no exterior, atuando em pesquisas envolvendo o desenvolvimento de tecnologias para a área da saúde e a divulgação científica, sempre teve como hobby a escrita em forma de prosa e verso, em estilos tão diversos quanto reflexões, romance e terror. Um de seus contos, "Não Chora", foi publicado na edição nº6 da coletânea "Revista Diário Macabro", e outras de suas obras estão disponíveis por meio de suas redes sociais.

JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE

VOCÊ É ESPECIAL, LEMBRE-SE SEMPRE DISSO

Às vezes esquecemos de nosso potencial e acabamos seguindo a “boiada”, o que os outros estão sentindo. Você quer ser gentil na maioria das vezes com seu interlocutor e acaba aceitando as informações negativas que ele está dizendo, e aí já sabe no que vai dar, não é?

Há uma história que pode representar isso. Conhece? Um famoso palestrante em uma sala com 300 pessoas segura na mão uma nota de 100 dólares e pergunta: - Quem quer essa nota de 100 dólares? Imediatamente várias mãos se levantam.

Ele diz ainda: Ok! Eu darei esta nota a um de vocês, mas primeiro deixem-me fazer o seguinte. Ele amassa a nota. E novamente pergunta: - Quem ainda deseja esta nota? Todas as mãos continuam erguidas.

- Bem, diz ele, e se eu fizer isto? Deixa a nota cair no chão e começa a pisoteá-la, esfregando-a ao chão. Agora, imunda e amassada, novamente pergunta: - E agora? Quem ainda quer esta nota? Todas as mãos permanecem erguidas.

- Meus amigos, vocês deveriam aprender esta lição. Não importa o que eu faça com este dinheiro, vocês ainda irão querer esta cédula porque ela não perde o seu valor. Ela ainda vale 100 dólares.

Isso também acontece com cada um de vocês. Muitas vezes, em nossas vidas, somos amassados, pisoteados e ficamos sujos por decisões que tomamos pelas circunstâncias de nossos caminhos.

Assim, às vezes, poderá se sentir desvalorizado, sem importância. Porém, acredite, não importa o que aconteceu ou o que acontecerá em sua caminhada pela vida. Nunca perderá o seu valor aos olhos do Criador.

Então, quer esteja se sentindo sujo ou limpo, quer amassado ou inteiro, nada disso altera a importância do que você é, o que você realmente acredita sobre você. Você é importante, especial e único, e isso faz uma grande diferença. O preço que você paga pela sua vida não é pelo que você faz ou sabe, mas pelo que você é. Pense nisso!

NÃO HÁ ATALHOS NO DESERTO

Quando se caminha pelo deserto à procura de uma estrada bem sinalizada, um asfalto bem pavimentado, livre de tempestade de areia e uma temperatura bem agradável, muito provavelmente não terá a chance de encontrar esses benefícios que uma boa rodovia poderá lhe proporcionar, é perda de tempo.

Quem se prepara para realizar uma empreitada pelo deserto, por certo não encontrará nenhuma moleza, o que você irá observar será somente areia por todos os lados e um sol escaldante capaz de fritar um ovo e fritar os miolos. Não é para qualquer um realizar essa empreitada.

Não há atalhos no deserto: ou você enfrenta esse desafio ou não sairá do lugar em que está. Os ousados, os já acostumados com essa experiência, os beduínos, ainda sabendo lidar com esses desafios, sofrem e valorizam muito o aprendizado que tiveram de seus antepassados.

O mesmo ocorre em sua vida quando quer mudar um comportamento, um estilo de vida, uma profissão, ou ir em busca de algo melhor em sua vida. Se for na área de saúde poderá encontrar desafios, como tomar seu remédio na hora certa, fazer a dieta corretamente e repousar no tempo certo.

Em qualquer área de sua vida, se deseja mudança, por certo encontrará obstáculos e desafios que terá que superá-los e alcançar a Terra Prometida. Ou seja, onde tudo estará plenamente a seu favor e desfrutando do mérito de chegar com sucesso onde merece estar.

As desculpas são as barreiras que provavelmente irá encontrar em qualquer área de sua vida que deseje mudar. Ouvirá muito “estou muito velho”, “não tenho dinheiro”, “estudar à noite, nem pensar”, “o governo é o culpado”, “os meus pais não colaboram”, “já fiz tudo o que é possível” e outras desculpas esfarrapadas.

As pessoas de sucesso ignoram as desculpas, deixam de ser vítimas, assumem seu papel e a responsabilidade pelo que estão realizando e deixam de prestar a atenção nas dificuldades e se concentram onde desejam chegar. Não há atalhos no deserto, somente desafios a serem vencidos, assim como também em sua vida.

José Roberto Teixeira Leite é cirurgião dentista e coach, especializado em PNL. Há mais de uma década é colunista e colaborador no jornal Diário do Rio Claro. É autor do livro “Uma boca que não para de crescer”, voltado para o público infantil. Escreve sobre o cotidiano com mensagens positivas e motivacionais.

JOSÉ ROBERTO SECHI

FOMOS FORNOS

fomos
fomos
fomos
fomos
fornos
fornos
fornos

MUNDO MUDDO

mundo
muñdo
muñdo
muñdo
muñdo
muñdo
muñdo
muñdo
muñdo

José Roberto Sechi – SECHI. Artista visual, mailartista, artista performático e poeta experimental. Na poesia trabalha com a visualidade junto ao texto, a tipografia, a sonoridade, os palíndromos, os ambigramas e a videopoesia. Publicou cinco dezenas de livros artesanais pela sua editora samizdat “EDIÇÕES 100”.

JULIANA LOURENÇO

LEMBRANÇAS DE CRIANÇA

Ainda há quem acredite que as crianças não compreendem o que acontece ao seu redor, mas elas são observadoras e carregam consigo suas lembranças, muitas delas, pela vida toda.

Final dos anos setenta

Uma de minhas lembranças mais antigas: um sítio, um cômodo de madeira com muitas motosserras e ferramentas, que eram de meu avô paterno. Além dele, havia muita gente no sítio, meus pais e minhas tias também estavam lá. Não tão distante dali, uma praia, onde peguei alguns peixinhos. Tinha quase três anos. Tempos depois descobri que a praia de minhas lembranças era uma represa, próxima a minha cidade.

Morava no mesmo bairro de minha avó materna. Eu e minha mãe a visitávamos quase todos os dias. Lembro-me dela sentada no sofá da sala com o terço nas mãos, rezando em voz baixa, enquanto eu brincava no chão com algumas coisinhas que ela me dava. Não conheci meu avô materno, pois ele já havia falecido há muitos anos.

Gostava muito de brincar com a terra, enchia latinhas e fazia bolinhos. Certa vez coloquei todos os meus bonecos na área de casa, ao redor de uma mesinha. Fiz um "bolo" e coloquei uma vela nele. Minha vizinha chegou e perguntou o que era aquilo tudo e, então, expliquei-lhe que era aniversário do Chiquinho (um dos meus bonecos).

Também brincava com terra na casa de minha avó materna. Meu tio acendia palitinhos nos bolinhos, como se fossem velas de aniversário, para que eu soprasse. Certo dia fez para mim uma pipa, grande e toda colorida, mas um de meus primos se transformou no Incrível Hulk e a rasgou.

Eu tinha um gato e gostava de brincar com ele, mas ele não gostava muito de mim. Certa vez o peguei no colo e fui levando-o para dentro de casa, mas não percebi que ele estava fazendo suas necessidades. Ele sujou todo o chão do corredor, meu quarto, meus pés e sapatos. Eu tinha também um balanço no quintal e queria que ele ficasse sentado, vendendo-me brincar. Em um desses momentos, quando o vi indo embora, fiquei gritando, assustando meu pai, que logo pensou que eu havia caído e me machucado.

Lembro-me também de que tinha medo de dormir no meu quarto à noite. Eu via baratas e aranhas correndo pelas paredes. Minha mãe acendia a luz, mostrava-me que não havia nada, e, de fato, não tinha nada. Ela apagava a luz, ia embora e os bichos voltavam. Eu gostava mais quando

eu ficava olhando para o telhado e ele se abria, e eu ficava olhando para o céu e as estrelas.

Eu tinha muitos vestidos coloridos, feitos pela minha avó paterna. Estava cada dia com um diferente, mas não gostava muito do meu cabelo. Às vezes colocava uma touca na cabeça só para não ter de penteá-lo.

Eu achava que toda a comida que uma pessoa comia ia parar nos pés...

Fiquei enjoada das figuras dos meus jogos de quebra-cabeça, então comecei a montá-los do outro lado, do lado que não tinha figura.

Não consegui entender direito porque o Coelho da Páscoa trouxe-me o ovo de chocolate que minha mãe havia comprado no supermercado. Eu fui junto com ela e a vi comprando.

Também fiquei com vontade de comer morango com chantili. Minha mãe ficou dias procurando o tal chantili, pois não havia no comércio próximo ali de casa. E depois eu comi só um pouquinho e disse: "Não gostei".

Lembro-me de que gostava muito de televisão: dos desenhos, dos cantores e também das novelas. Certa ocasião, em uma cena de novela, um dos personagens tinha morrido. Fiz perguntas à minha mãe e ela me explicou que ele havia morrido de mentira. Eu fiquei um bom tempo pensando nisso e fiquei feliz em saber que as pessoas não precisariam morrer de verdade se não quisessem, poderiam morrer de mentira!

Eu via os cantores na TV (Rita Lee, Amelinha, Lilian, Sidney Magal) e gostava de ficar cantando as músicas deles na área de casa. A minha vizinha passava em frente ao portão e dizia que eu seria cantora.

Anos 90

Certo dia, dentro de um ônibus aqui em Rio Claro, vinha sentada ao lado de um senhor que, percebendo que eu carregava várias revistas de música - letras e cifras de violão, começou a me fazer algumas perguntas, se eu gostava de música, de cantar, tocar... Vim conversando com certo cuidado, mas percebi que era uma boa pessoa, parecia-me muito culto. Ele falou-me sobre sua prima, que também cantava e disse-me que eu a conhecia, chamava-se Rita. Fiquei pensando por alguns instantes, tentando me lembrar se conhecia alguma Rita que cantava e tentando me lembrar também se conhecia aquele senhor de algum lugar.

Fiquei repetindo o nome dela, Rita... Rita... (tentando me lembrar).

Então ele me falou: Rita Lee.

Juliana Lourenço nasceu aos dezessete de março de mil novecentos e setenta e seis na cidade de Rio Claro. Graduada em Letras e Pedagogia, a leitura e a escrita sempre fizeram parte de sua vida. Entre os gêneros de textos, tem preferência pelas crônicas, abordando especialmente temas como histórias de vida e assuntos da atualidade.

KAL MACHADO

SOLIDARIEDADE É A DOR DO OUTRO DOENDO EM MIM

A Primavera que boceja é a Páscoa da natureza. Para a flora, é a ressurreição da vida.

É a mão invisível do Criador se materializando, e nos brindando com a antevisão do Paraíso prometido, através de uma deslumbrante e fascinante poesia de flores, cores e fragrâncias, já que, viver é a arte de tricotar sonhos no tecido da nossa existência.

Metaforicamente, talvez seja por isso que foi criado o “Setembro Amarelo”.

Primeiramente, como um sinal de alerta para estarmos atentos aos silenciosos gritos de socorro, daqueles angustiados que nos cercam e, acima de tudo, também oferecer apoio afetivo, a essas almas atormentadas, na esperança de que elas possam se libertar de sua pungente masmorra emocional, com a leveza das asas de borboleta.

Pois, como espicaça o notável escritor moçambicano, Mia Couto: “Não é o corpo que pesa, é a alma”.

Que atire a primeira pedra quem nunca flertou com a depressão. Como diz a voz da sabedoria: O fundo do poço é um dos lugares mais visitados do mundo, mas ninguém faz selfie nele. Não se iluda com a “vida perfeita” das pessoas nas redes sociais, exibindo viagens a lugares paradisíacos, ostentando suas festas, gaiolas de ouro e pseudo zonas de conforto.

Infelizmente, segundo relatório da OMS (Organização Mundial da Saúde), o Brasil ocupa a oitava posição, dentre os países com maior número de suicídio.

Pasmem, segundo especialistas, 90% dessas mortes poderiam ser evitadas, se esses amargurados tivessem recebido algumas doses de empatia e solidariedade, de pessoas próximas.

Não é preciso ser um percuciente especialista em psicanálise, para estar convencido da gravidade dessas descidas às lúgubres cavernas abissais da mente humana.

O silêncio e a solidão são almas gêmeas, com enorme vínculo afetivo entre si. É no aconchego da solidão que a alma encontra abrigo e espera, em vão, mitigar suas dores, culpas, ressentimentos, abandono, amores mal resolvidos, rejeições, frustrações, em suma, encontrar um bálsamo para aliviar suas feridas e desorientação emocional.

São fases cinzentas, kafkianas, em que atolada na tristeza, a vida se arrasta e a melancolia produz naufragos de si mesmos. Na maioria das vezes, a única companhia é essa ausência de vozes e palavras, cujo silêncio é extremamente ruidoso e ensurdecedor.

Nessa hora, em que a morte parece ser a única saída, capaz de dar fim à profunda tristeza que se instalou, é preciso pedir ajuda, notadamente, quando a ajuda espontânea não vem.

Felizmente, como é sabido, “crise e oportunidade” também são almas gêmeas. É fundamental para quem emergiu no ambiente soturno do negativismo, erigir-se rapidamente, com a iluminação interior depurada, renovada, servindo de farol e revelando a potenciais vítimas, o perigo de navegar nas trevas a que todos somos arrastados, quando presos à miserável espiritualidade e materialismo da maioria.

Como diz Ana Jácomo: “Parece milagre, mas as sementes da cura comecem a florescer nos mesmos jardins onde parecia que nenhuma flor brotaria. A alma é sábia, enquanto achamos que só existe dor, ela trabalha, em silêncio, para tecer o momento novo. E ele chegará”.

Luiz Carlos Kal Iamondi Machado é natural de Rio Claro-SP (04/04/1951). Engenheiro Civil, Empresário, Professor, Gestor Educacional, e escritor com 6 livros já publicados. Presidiu inúmeras Instituições e Entidades de Classe. Na política foi Vice-Prefeito e Prefeito de Rio Claro, Deputado Estadual, Consultor Parlamentar na Câmara dos Deputados, em Brasília. Membro dos Conselhos de Administração e Fiscal das Empresas Estatais: Prodesp, CDHU e IPT. Produtor do Programa Viver Sustentável, exibido pela Rede Vida de TV.

KAUHAN SABINO

HUMANÓIDE INTERPLANETÁRIO

I.

Projetam nos meus olhos
Hoje um filme de terror,
É muita briga e pouco amor;
Vê se não te apavora ao calor!
Na saída
Me agarra essa paranóia,
Mas em casa
Dizem estar tudo jóia.
Me cansei
Dessas banais preocupações,
Não quero mais
Esconder minhas emoções.
Falo sempre, sociedade,
Em primeira pessoa,
Como aquele que no inferno
Agora soa e caçoa
De ti,
Assalariado das pregações.

II.

Quando tu choras às escondidas,
Eu sou a lágrima
Que se recusa a secar.
Salgada feito o mar
Com toda a certeza
Que jamais voltaremos a nos cruzar.
O seu anel enigmático
Encobrimdo o prazer da loucura
E tu fingindo,
Fria,
Fazendo-se complicada.
Mas a tua feição
E teu jeito exagerado
Non dimenticherò mai,
Anche con la pietra sulla strada.

III.

De minhas lamúrias
 O que de mim eu levo são vestígios
 Únicos e irrepetíveis de uma vida preto no branco,
 Feito xadrez na Catedral de Londres.
 Lamúrias que por meio da constância,
 Enfermas, com doses psicodélicas de
 “Burrocracia” e incompreensão partilhada.
 Sou por aqui e serei pelo jamais visto.
 Em cada mundo que trovo,
 Percebo que de nada me valeu o drama,
 Visto que, lembrando Augusto dos Anjos,
 A mão que afaga é a mesma que engana.

IV.

Ó medo!
 “Mas do quê?” — pergunta-me o leigo da melancolia.
 De escrever.
 “Mas por quê?” — insiste o petulante.
 Porque escrevo,
 Mas tenho medo.
 Palavras,
 Ó quão és poderosa!
 És tu que remove montanha?
 Não conheço tal façanha...
 Respeitar-te-ei
 Em todos os séculos;
 Mas tenhas piedade,
 Livrai-me deste medo!
 Escrevo porque gosto,
 Mas existem palavras que me assustam...
 Palavras são como a água:
 Se misturadas com outras,
 Jamais serão as mesmas.
 E por isso,
 Torna-se eterna.

E agora,
 Faço a ti um apelo:
 Faz-me eterno
 E dar-te-ei a vez.

V.

Pobre cadáver putrefato,
Entranhas mórbidas,
Corpo pesado suportando o amor,
Massa morta que corrói seu cérebro fraco
E o faz diluir-se ao seu pranto
Empoçado ao redor de si.
Aparente feição fria
E que deixa a desejar muita coisa,
De modo que sua existência
Faz enganar-se a si mesmo.

Kauhan Sabino tem 17 anos, iniciou jovem no mundo literário escrevendo poemas inspirados em Raul Seixas. Mesclando seus estudos do ensino médio com seus textos, escreve poemas, artigos e contos envolvendo a sua paixão: a filosofia. Atualmente, é autor de cinco livros – incluindo sua novela literária “Riqueza Infame”.

LEANDRO HENRIQUE ZANÃO

ESPERANÇA

Ao fim de mais um dia monótono (trabalho, solidão e lágrimas), deito em minha cama, desfrutando do prazer do momento mais aguardado por mim, um momento de descanso.

Sinto mais uma vez a presença de lágrimas em meu rosto. Elas são minhas únicas companheiras. Envolvido pela negatividade do momento, sou levado a ter um sono e algo que ocorre raramente, acontece: tenho um sonho. No sonho, me encontro em uma planície com a grama verde. Um verde vivo e puro. O lugar me parece familiar, mas em primeiro momento, não me recordo de nada em especial. Olho para trás com o objetivo de reconhecer algo a mais, talvez entender onde estou e recebo um choque de emoções ao ver uma casinha de fazenda ao longe. Finalmente reconheço o lugar, é a fazenda do meu avô! Esse lugar é tão especial, grande parte dos meus momentos de felicidade foram nesse lugar.

Continuo observando a casinha ao longe e vejo que alguém está saindo correndo da fazenda. Percebo que é uma criança chorando e vejo quem ela é quando se aproxima o suficiente. Sou eu, muito mais novo. Me aproximo do meu outro eu e tento chamá-lo, mas ele – ou eu, sei lá – não me ouve. Tento tocá-lo, mas a minha mão atravessa o corpo, como se eu fosse um fantasma, ou como se eu estivesse apenas de espectador na cena.

Sem poder fazer nada, apenas assisto a cena. Apenas assisto o meu eu sofrer sozinho. O começo de tudo.

– Eu não quero crescer nunca! Não quero ter aquele monte de problemas! Não quero!

Pobre eu, mal sabia o que me aguardava daqui a 20 anos. É horrível pensar que o sofrimento começou desde cedo. Ao longe, se aproximando, vejo uma mulher, uma senhora muito bonita. Ela se aproxima do meu eu criança e o abraça.

– O que foi criança? – ela diz e me acolhe.

– Quem é a senhora? – pergunto como toda criança curiosa e desconfiada faria.

– Pense em mim como uma amiga. Mas, qual o problema, meu anjo?

– Sempre tem alguma confusão lá em casa. Eu quero ajudar, mas, sempre falam que é problema de gente grande e que eu vou ter esses problemas quando crescer. Se crescer é ter problemas e brigas direto, eu não quero crescer. Eu não quero sofrer.

– Não tenha medo criança. – a senhora diz tentando me tranquilizar
– Sofrer é parte do caminho, um caminho repleto de batalhas. Batalhas em que algumas há vitórias, em outras, derrotas, mas todas, independente do resultado, o fortalecem e o preparam para novos desafios.

– É?

– É. Lembre-se de uma coisa, mesmo que tudo esteja ruim, pense em mim e então, você se lembrará que vai ficar tudo bem, mesmo que não dê tudo certo. Eu vou estar sempre com você, mesmo que não me sinta por perto. – A mulher abre um sorriso encantador.

– Mas, qual é seu nome afinal?

– Esperança.

– Obrigado, Esperança.

Vejo meu eu do passado abraçar a Esperança, algo que significou muito para mim agora.

Como eu pude esquecer essa memória tão importante? Bom, é consideravelmente normal. Com a vida adulta, acabamos dando atenção maior para coisas que não merecem, dando mais atenção para os problemas e não para as coisas boas e que realmente importam.

Acordo novamente em meu quarto, dessa vez, sentindo um quentinho no coração, algo que não sentia há muito tempo. Pude sentir as batidas se tornarem mais fortes e escuto uma voz dentro da minha cabeça.

– O bem despertou em você, criança.

– Me perdoe por esquecer de você, Esperança.

– Tudo bem, sem culpa, meu anjo. Como se sente?

– Como aquela criança que você acolheu naquele momento.

– Ótimo. Agora durma um pouco. Eu estarei aqui com você, sempre estive.

– Boa noite, Esperança.

– Boa noite, meu bem.

A voz em minha cabeça diminui até sumir, mas sinto a presença agradável, protetora e acolhedora, as mesmas emoções daquela pobre criança com medo de crescer. Pelo menos por este momento, me sinto livre do mal que me atormentou por todos os dias da minha vida.

Leandro Henrique Zanão tem 19 anos, mora em Rio Claro desde que nasceu e ama escrever. Para ele, a escrita é algo muito importante e a considera uma das suas maiores paixões, sendo essa, uma oportunidade de expressar livremente sua arte e exercitar o escritor que há em si.

LÍGIA MARIA CASSAVIA KARAM

TEMPOS DIFÍCEIS

Um senhor meio gordinho, baixinho, careca e simpático. Seu nariz comandava o rosto. Andava meio encurvado, mãos cruzadas nas costas. Usava suspensórios e relógio de bolso. Chamava-me “minha netinha”. Meu avô Alfredo.

Tínhamos uma afinidade muito grande. Que fazia com que eu chegasse da escola correndo, para almoçar e sair logo com ele, no seu fusquinha. Nosso roteiro era mais ou menos fixo. Íamos até a chácara. Primeiro o eucaliptal, para respirar profundamente. O ar da cidade, ele dizia, não se comparava ao de lá.

Depois o pomar, onde colhíamos pitangas, jaboticabas, acerolas... Mangas e laranjas – sangue de boi e lima da pérsia – eram as minhas favoritas. Enquanto ele as descascava com o canivete, ia me contando histórias de outros tempos. Da sua infância em outro país, que era tão lindo quanto o nosso, mas muito menor. Da chegada ao Brasil. De como conheceu minha avó. E sua impressão dos fatos históricos que eu estava aprendendo na escola, e ele tinha acompanhado, pela vida.

Então me deixava andando de bicicleta ou brincando com as outras crianças, e se fechava no seu escritório, para tirar uma sonequinha e ler. Lia os jornais da cidade, da capital, as revistas da época: Realidade e Manchete. E livros, alguns escritos em árabe. Inteligente, ele. Fazia contas de cabeça. Tinha uma letra bonita, que os anos foram tornando cada vez mais tremida. Aprendeu nossa língua sozinho e a dominava perfeitamente.

Tinha lá suas tristezas. Profundas. Presenciei uma delas: o dia em que Beirute sofreu um bombardeio, ocasionando a destruição de parte da cidade e a morte de muitos civis. Falou então na importância da paz, no absurdo que é a guerra, na covardia que é matar gente inocente. Eu me entristeci com ele, mas as maldades do mundo estavam muito longe da minha compreensão de criança.

Tanto tempo depois, quem testemunha os fatos sou eu. Tenho visto muita coisa triste. Muita coisa sórdida. Uma das maiores é, sem dúvida, essa guerra covarde. Oportunista. Feita à revelia da ONU. Perigosa e desumana. Desnecessária.

Mas conservo a esperança e a alegria também.

Tem sempre alguém nascendo, alguém lutando para construir um mundo melhor. Pessoas se encontrando nas ruas, pedindo Paz. Manifestações contra todas as formas de violência. O sol rompendo

quase todas as manhãs. A chuva lavando tudo. Plantas germinando. Beija-flores cercando rosas nos jardins.

Um violão tocando uma canção bonita. Alguém escuta, canta e sorri seu sorriso mais branco.

Tem sempre uma criança aprendendo lições de alguém mais velho e mais sábio. Sentindo-se amada e encaminhada. E pisando firme em direção ao futuro. A passos largos. Confiante. Apesar de tudo.

[Março/2003]

Lígia Maria Cassavia Karam nasceu em Rio Claro, SP. Advogada e cronista, publicou crônicas do cotidiano assiduamente nos jornais "Jornal Cidade" e "Tribuna 2000", de Rio Claro, "O Arauto", de Santa Gertrudes, e "O Democrata", "A Tribuna" e "Jornal de Piracicaba", em Piracicaba. Das crônicas publicadas entre 1997 a 2003, reuniu algumas no livro "Um pouco de Leveza", lançado em 2003. E-mail: ligiakaram@terra.com.br.

LIGIA MARIA CERRI

A TURMA DA RUA 2

Passeando recentemente pelas calçadas onde tantas e tantas vezes andei da infância à fase adulta, fui olhando para as casas do quarteirão, uma por uma, recordando como eram as arquiteturas nos anos 60, lembrando as famílias e mentalmente citando seus nomes um por um. Lembro de todos, principalmente das crianças.

Dos moradores de minha época, não há mais nenhum ocupando sua antiga casa. Na verdade, há ainda uma pessoa que não chegou a compartilhar dos folguedos de minha turma, mas brincou com minha irmã caçula. Juliana permanece como representante da Rua 2.

Neste intervalo de quase seis décadas, houve uma mudança incrível no quarteirão e praticamente nada lembra o cenário de minha infância. Eram casas simples, outras um pouco mais elaboradas, mas sempre abrindo espaço para pessoas que valorizavam a amizade acima de tudo.

Não há como esquecer a residência do pianista Eugênio Benetti. Além do som belíssimo que se fazia ouvir, a família costumava colocar sobre as muretas na frente da casa, lindas e coloridas araras que lá ficavam enfeitando e encantando os olhos da meninada.

Nunca cheguei a ver, mas os adultos contavam que Geninho fazia suas serenatas à noite colocando o piano sobre a carroceria de um caminhão e percorrendo as ruas da cidade. Imagino a emoção de quem recebia tais serenatas!

Asfalto ainda não havia chegado e era sobre o calçamento de paralelepípedos que a criançada toda noite se reunia para as brincadeiras de rua. Eram muitas.

Lembro que quando íamos brincar do que chamávamos de Pai da Latinha (uma variedade de pega-pega), colocávamos uma lata bem no cruzamento da Rua 2 com a Avenida 8 e o dono da lata contava até 10 enquanto a molecada se espalhava pelo pedaço. Ele tinha que alcançar alguém sem deixar que ninguém viesse tocar na dita cuja lata. Se ao menos tocasse em alguma criança, ambas trocariam de função e ele ficaria livre de tomar conta da latinha.

Só de pensar no local já se conclui o pouco trânsito que havia nesta região. Neste mesmo cruzamento, sobre o bueiro que ainda deve estar lá, meu pai acendia fogos de artifício na época das festas juninas. Colocava o que se chamava vulcão e era lindo ver aquela explosão de cores e luzes subindo bem alto.

Futebol era meio constante. As portas de aço das casas comerciais serviam como gol. Entretanto, do que mais me recordo, são das turmas. Nós nos identificávamos como a Turma da Rua 2 e outros meninos moradores na rua de baixo, entre as mesmas avenidas (8 e 10), se intitulavam Turma da Rua 3. Como era de se esperar, havia rivalidade entre ambas.

Para quem morava na 3, passar pela Rua 2 a qualquer hora do dia significava provocação. O mesmo ocorria quando alguém da 2 ousasse passar pela Rua 3.

Lembro-me que toda vez que tinha que ir à antiga Padaria Gaib (esquina da Rua 3 com Avenida 10) eu ia e voltava usando apenas a Rua 2 e Avenida 10 como percurso.

De vez em quando uma guerrinha surgia entre as turmas. O campo de batalha era a Avenida 8 entre as duas ruas. Para estas ocasiões fazíamos estoque de munição: tampinhas de refrigerantes amassadas ao meio. Elas eram lançadas com estilingues.

Apesar de serem somente tampinhas, doía bastante quando éramos alvejados.

Muitos anos depois, em uma consulta a um dermatologista, ele reconheceu-me. Lembrou-se da infância e em particular das Turmas das Ruas 2 e 3. Éramos inimigos naqueles tempos.

Por um bom período fui a única menina do pedaço, já que, minha irmã nasceu anos depois. Não tive muita escolha: era entrar nas brincadeiras dos meninos ou ficar de fora olhando. Confesso que morria de medo do carrinho de rolimã (Geórgeres andava como se fosse piloto de Fórmula 1) e também não gostava de ficar no gol, pois tinha medo das boladas.

Flávio era o expert em empinar papagaios. Sempre os colocava nas alturas para orgulho do pai Euclides, proprietário da loja Bazar da China.

Até um ringue de luta de boxe como manda o figurino foi montado certa vez no quintal da residência do Beto, filho do dono da Casa da Borracha. Meu primo Francisco foi escolhido para massagista e adaptou uma malinha infantil de viagem com esparadrapos e que tais. Colou até uma cruz branca na tampa da mala. Lembro que a disputa mais esperada foi Beto x Luiz Angelo. Não me lembro quem ganhou, mas isso nem nos importava. O que valia era a festa que fazíamos nas brincadeiras.

A maior parte dos prédios abriga atualmente casas comerciais. A região central da cidade se expandiu e atingiu nosso reduto infantil. Novos tempos.

Não se vê mais turmas de crianças brincando nas calçadas e ruas. Na cidade como em todas as outras, os vizinhos mal se conhecem e se cumprimentam.

São as consequências do mundo moderno que nos trouxe tantos benefícios nas áreas da saúde, tecnologia, educação, etc, mas em contrapartida, acabou de vez com a alegria e com os gritos infantis que se ouviam nas ruas e esquinas de minha infância.

Ligia Maria Cerri, filha de Italo Cerri e Daisy Arnold Cerri, nasceu em Rio Claro/SP em 03 de novembro de 1951. Estudou nas escolas “Marcello Schmidt” e “Joaquim Ribeiro”. Formou-se em Biologia e Pedagogia. Foi professora e diretora de escola. Atuou como Assistente de Planejamento e Coordenadora do Núcleo de Tecnologia Educacional na DER-Limeira, onde se aposentou.

LUBIS MOTORHEAD

NA FILA DO BANHEIRO

Um motociclista estava viajando do interior de São Paulo para o litoral em um fim de semana prolongado. Ele estava sozinho em sua moto esportiva de 1.300 cilindradas, quando precisou parar em um posto de combustível para abastecer sua máquina. Aproveitou para tomar um café e comer alguma coisa na loja de conveniência.

Ao sair, resolveu ir ao banheiro antes de pegar a estrada novamente. Como o banheiro estava em manutenção, havia uma fila com algumas pessoas aguardando. Ele resolveu esperar.

Não muito depois, ele ouviu uma moto custom estacionando, e dela desceu um senhor, que usava um colete de moto clube. O homem era careca, tinha tatuagens no rosto e na cabeça, e sua barba branca tinha ao menos um palmo de altura. Quando o velho parou atrás do motociclista, a fila andou. O motociclista esperou para ver se o velho tomaria a frente dele, mas em vez disso, o senhor aguardou pacientemente ao seu lado.

Acostumado com o comportamento beligerante de alguns membros de certos moto clubes, o motociclista perguntou ao senhor:

– O senhor faz parte de moto clube, não?

O homem apenas concordou com a cabeça.

– E mesmo assim vai esperar a fila do banheiro?

O velho, que tinha um olhar sério e cansado, olhou para o motociclista e sorriu. E então, começou a falar:

– Sou presidente de um moto clube no interior de São Paulo, e com este moto clube aprendi muitas coisas que me transformaram em uma pessoa melhor ao longo dos anos. Como a fila ainda está um tanto quanto longa, vou tomar a liberdade de compartilhar essas coisas com você.

A primeira coisa que eu aprendi fazendo parte de um moto clube, é que nós devemos tratar uns aos outros com igualdade. Igualdade porque nós devemos entender que ninguém é melhor que o outro. Se eu desenvolvo uma tarefa melhor do que você, eu tenho certeza de que alguma outra tarefa você vai desenvolver melhor do que eu. Por isso, nós não devemos focar em nossas diferenças. Não podemos julgar o outro por aquilo que ele não sabe fazer e nós sabemos. O foco é justamente o contrário: devemos nos concentrar nas forças do outro, e tentar entender como as forças dele completam as nossas fraquezas, do mesmo modo que devemos sempre pensar em quais das nossas forças podem complementar as fraquezas do outro.

Outra coisa que aprendi ao longo dos anos foi humildade. A partir do momento que usamos nossas habilidades e conhecimentos para humilhar o outro, não passamos de pessoas arrogantes com um dom a mais. Conhecimento serve para duas coisas, e deve ser usado para essas duas coisas apenas: encantar e compartilhar. Encante as pessoas ao seu redor com aquilo que você sabe, independentemente do que seja. E quando alguém perguntar alguma coisa que você saiba, responda com humildade. Afinal, ajudar um irmão a crescer é recompensa sem igual, mesmo que haja ingratidão. Afinal, a ingratidão é uma falha do outro, que não devemos assumir para nós. E quando alguém perguntar algo que você não sabe, admita. E caso seja do seu interesse, aprenda.

A humildade também se aplica a quem é de fora do moto clube. Nós somos moto clubistas, e é muito comum que pessoas como nós sejam retratadas em filmes, seriados, livros e quadrinhos, como pessoas arrogantes e propensas à violência. Mas na maioria dos moto clubes não funciona assim. Quem pensa que esse tipo de atitude está certa, quem acha que tem que ser assim mesmo, e quer usar dos estereótipos norte-americanos para intimidar e constranger as pessoas e conseguir o que quer, essa pessoa ainda tem muito a aprender.

Para aqueles que fazem parte de um moto clube, o seu brasão é a sua imagem, e o nome do clube passa a ser o nome de sua família. Ambos são a sua identificação perante a sociedade. E qual seria a vantagem de transformar o seu símbolo em um símbolo de repulsa e medo, quando se tem a chance de fazer com que ele seja visto como um símbolo de esperança e admiração?

Quem gosta de chamar a atenção das pessoas quando passeia com sua moto, então que chame a atenção pelo motivo correto. Faça com que as pessoas se sintam admiradas quando você passar nas ruas. Deixe que elas falem “olha lá, é aquele rapaz que ajuda as pessoas carentes”, em vez de falar “olha lá, lá vem o encrenqueiro quebrar tudo e arranjar briga”. Sejam humildes, tanto uns com os outros, quanto dentro da sociedade em que vivemos.

Dentro do moto clube há também a questão da lealdade. Ser leal ao seu moto clube significa, em primeiro lugar, conhecer a sua história. Saber de onde surgiu, o porquê de ter sido fundado, quais são seus símbolos e o que eles representam e, acima de tudo, conhecer sua ideologia. Se concordar com a ideologia, e vier a fazer parte do clube, então siga as regras que lhe foram propostas e tenha sempre em mente sua ideologia. Se não concorda com a ideologia, você não é obrigado a ficar.

Mas se decidir ficar, então defenda seu moto clube com unhas e dentes. Se estiverem falando mal do seu moto clube, mesmo que estejam

cobertos de razão, defenda-o. Falar mal do seu moto clube é um direito exclusivo seu e dos seus irmãos, e esse direito deve ser exercido entre quatro paredes, a portas fechadas.

E por falar em irmãos, você deve também ser leal a eles. Respeite, acima de tudo, o relacionamento amoroso dele. Não seja o tipo de pessoa que cobiça a mulher dos outros. Caso perceba que um flerte seria correspondido, seu papel não é se aproveitar disso. Seu papel é advertir seu irmão sobre o que pode acontecer. Se ele ficar bravo com você, não insista. Sua parte você fez.

Você também deve respeito às posses dele, por mais humildes que sejam. Se o que ele tem é o que ele quer, ou é aquilo que ele consegue pagar, não cabe a você fazer julgamentos. A você cabe apenas oferecer ajuda quando acreditar ser necessário, ou quando solicitado.

Mais do que respeito às coisas de seu irmão, sua lealdade se deve ao indivíduo em si. Trate seu irmão com a mesma honradez e honestidade que você deseja ser por ele tratado. E se ele estiver com algum problema, é seu dever fazer tudo o que estiver a seu alcance para ajudar seu irmão a superar essa fase difícil, sem exigir ou esperar algo em troca. O que fazemos uns pelos outros, deve ser feito por amor, e não por interesse. Aliás, devemos tratar assim todas as pessoas, e não apenas aquelas que fazem parte do nosso moto clube.

Os motociclistas, em geral, façam parte de moto clube ou não, são uma “raça” unida. O que nos falta é perceber o poder que nós temos de mudar a vida de uma pessoa, de uma família inteira, ou mesmo de uma instituição.

O dia em que percebermos essa força, o dia que enxergarmos o potencial que temos em nossa união, independentemente se você for de moto clube ou não, o dia que percebermos e aceitarmos que os motociclistas neste país são milhares, talvez milhões de brasileiros que podem fazer uma enorme diferença no rumo desta nação – caso nós decidamos ignorar ideologias políticas, doutrinas religiosas e tantas outras coisas idiotas que nos separam – nós poderemos fazer deste país um lugar melhor, independentemente do Governo que nos administre.

Imagine só se um hospital da sua cidade está precisando de uma máquina de raios-X. Se nossa união fosse tão forte quanto eu aprendi que deveria ser, em uma semana, no máximo, esse hospital teria essa máquina à disposição. Porém, enquanto lutarmos contra o fato de que, se quisermos mudar este país, não há quem nos segure, só nos resta fazer o pouco que podemos, com o pouco que temos. E mesmo assim, fazemos muito mais do que muita gente por aí.

Mas é verdade que, antes de mudar o mundo, nós devemos olhar para o próprio umbigo. Primeiro devemos ajudar a nós mesmos. Devemos

nos tornar a melhor versão de nós. Não precisa se levantar da cama pensando "hoje vou ser tão bom em tal coisa quanto fulano". Basta que você queira ser hoje melhor do que você era ontem. Somente com a casa em ordem nos será possível ajudar os outros a colocarem ordem na casa deles. E quando for nossa vez de pedir ajuda, não devemos ter vergonha de expor nossos problemas para nossa família ou amigos.

Eu sei que parece utopia o que eu estou dizendo, porque dentro de moto clubes acontecem muitas coisas ruins. Mas muitas dessas coisas acontecem por ganância. Sede de poder, pura e simples. Isso não pode continuar assim.

Confesso que nós que somos de moto clube temos que melhorar o nosso processo seletivo, e evitar que qualquer um consiga ingressar. Eu sei que é gostoso ver o moto clube crescendo, sei que é legal poder dizer que nosso clube tem centenas, ou mesmo milhares de integrantes. Mas não adianta encher o clube de moleque, que só quer saber de pinga, pó e putaria. Não adianta encher o clube de gente de má vontade, que não quer saber de trabalhar nos eventos que realizamos, de comparecer nas reuniões, de participar das viagens e confraternizações. Afinal, todo moto clubista velho de estrada sabe que é melhor ter meia dúzia de pessoas comprometidas do que mil folgados que vão deixar o trabalho todo para os outros fazerem. Quando se trata de moto clube, assim como qualquer coisa na vida, qualidade supera a quantidade.

É melhor ter poucos integrantes dignos de carregar o nome da sua família nas costas, do que um bando de desinteressados que só vão denegrir nossa imagem. É melhor fazer uma viagem curta e aproveitar bastante, descansar, relaxar e confraternizar, do que fazer uma viagem longa e cansativa, para chegar lá, bater uma foto e voltar, só para dizer que rodou centenas de quilômetros. É melhor que você faça uma viagem a cada dois, três meses, e aproveite tudo com tranquilidade, do que viajar todo final de semana por se sentir obrigado, ou apenas para ter o prazer de apontar para seu irmão, julgando-o por não ter ido com você. Buda ensinou que "o melhor caminho é o caminho do meio". Sem privações, sem excessos.

É claro que os moto clubes estão evoluindo com o passar das décadas, e jamais voltarão a ser como eram nos bons tempos. Mas isso não significa que nós tenhamos que deixar o moto clube jogado às traças. Nossa meta, enquanto membros de moto clube, é fazer o melhor que pudermos, com o que temos à nossa disposição. O que nada mais é do que aquilo que fazemos em nossas vidas particulares.

Por isso eu insisto com meu pessoal que o objetivo de qualquer integrante deve ser cuidar do lado humano do clube. Devemos olhar

para os indivíduos que integram nossa família, e cuidar, como for possível, de cada um deles, sempre com o objetivo de vê-los bem, para que eles também possam dar o seu melhor para o moto clube. Se teu irmão cair, esteja lá para ajudá-lo a se levantar, para que ele possa se dedicar ao moto clube e à irmandade. Mas para isso, é preciso que haja confiança.

E aquele que assumir o papel de liderança dentro de um moto clube, deverá dar carta branca a todos os integrantes, desde o mais novo próspero até o mais velho dos brasões fechados, para que o corrijam se, eventualmente, ele se desviar do caminho. E se esse líder agir contra a ideologia ou as regras de seu moto clube, deve se certificar de que seus irmãos terão toda liberdade para cobrar respostas, ou mesmo removê-lo do cargo, se sentirem a necessidade.

Quando o velho terminou de falar, o jovem motociclista viu em seus olhos um brilho diferente. E pensando nas palavras do velho, ele percebeu que tudo o que aquele senhor havia dito, não eram regras apenas para serem usadas em um moto clube, mas que também podem ser usadas no dia a dia de qualquer pessoa.

Ricardo de Carvalho Tofolo, mais conhecido como **Lubis Motorhead**, é presidente do Motorhead Moto Clube de Rio Claro/SP, onde ganhou seu apelido de Lubis. Tem 37 anos, é escritor, servidor público estadual, formado em Direito, mestrando pela Unicamp Limeira, casado com Monique Aline Pereira Tofolo e gosta de escrever, desenhar, ouvir música, viajar com seu moto clube e brincar com seus quatro cachorros.

LUKS CARVALHO

RÉDEAS DA VIDA

A nossa vida é, muitas vezes, como uma carroça puxada por cavalos indomáveis. Num mundo repleto de distrações, compromissos e obrigações, é fácil deixar-se levar pelos cavalos desenfreados do passado e do futuro, enquanto o presente escapa despercebido.

Mas o que significa, afinal, estar em estado de presença?

Imagine a carroça da sua vida, puxada por esses cavalos intrépidos. Os cavalos do passado continuam olhando para trás, lembrando os erros, traumas e arrependimentos, como se esses fardos fossem eternos. Por outro lado, os cavalos do futuro sempre estão ansiosos, olhando para a frente, preocupados com o que está por vir, constantemente em movimento. Mas e você, o cocheiro, onde está? Você está presente na sua própria carroça, dirigindo o rumo, ou está sendo arrastado por forças incontroláveis?

A presença é a arte de estar plenamente consciente do momento presente, sem se deixar levar pelos fantasmas do passado ou pelas incertezas do futuro. É como segurar firmemente as rédeas da sua vida, direcionando a carroça na direção que você escolhe. Quando estamos em estado de presença, percebemos o mundo ao nosso redor com uma clareza vívida. Cada respiração, cada movimento, cada pensamento se tornam conscientes.

No entanto, estar em estado de presença não é uma tarefa simples. Exige prática e esforço consciente. É como treinar esses cavalos selvagens para que obedeçam às suas ordens, para que você possa conduzir a carroça com determinação e propósito.

No início da semana, temos uma oportunidade especial de estar em presença conosco mesmos. É como se fosse o momento em que você está ajustando as rédeas e se preparando para a jornada à frente. É um momento de renovação e reflexão, uma chance de alinhar seus valores, metas e intenções com o trajeto que você deseja seguir.

Cada semana é como uma página em branco, pronta para ser escrita com suas ações e escolhas. É um lembrete de que, mesmo que os cavalos do passado e do futuro tentem puxar a carroça em direções diferentes, você tem o poder de decidir onde deseja ir. É um convite para estar em estado de presença, consciente de si mesmo e das oportunidades que a semana oferece.

Portanto, agarre as rédeas da sua vida, domine seus cavalos indomáveis e esteja em presença consigo mesmo no início de cada semana.

Lembre-se de que a carroça da existência é sua, e você é o cocheiro. Você tem o poder de escolher o caminho que deseja seguir e a forma como deseja vivenciar cada momento.

A presença consigo mesmo é a chave para desfrutar plenamente da jornada da vida.

Luks Carvalho é um artista multidisciplinar e multimídia. Transita entre diversas superfícies, tanto digitais quanto analógicas, utilizando pintura, escrita e expressão verbal. É um empreendedor criativo que, com uma abordagem holística e sistêmica, busca inspirar reflexões por meio de estímulos, textos e composições. Tudo o que cria reflete a sua existência. A precisão e fluidez das formas, linhas e palavras representam sua verdade, e são um reflexo da disciplina e criatividade que fazem parte do seu dia a dia. Para ele, viver a arte é uma experiência que envolve inspirar e expirar profundamente. É abraçar a vida em sua totalidade, é estar presente.

LUCAS KAINAN ADLER PLANCKE

SONHOS, DENTRO DE NÓS

Sonhos são
pequenas fagulhas
que alimentam as esperanças
dos mais corajosos.
Muitos querem
apagá-las com um sopro
para esquecer
completamente,
por tristeza ou cansaço,
frustração, medo.
Tentam as esconder
em suas desculpas:
de que já estão velhos demais,
de que não tem tempo
de que já passou da hora
de que mais cedo
ou mais tarde
precisam ir embora.
De que não acreditam mais.
De que já passou a vontade,
de que até se esqueceu!
De que parou em um momento
e até se perdeu...

Mas, por outro lado
tem os que lutam
até o último fôlego
para que essa chama
nunca se apague.
Mesmo enfrentando
a pior tempestade
ou o frio mais rigoroso
mesmo que o fardo seja penoso
a vontade de realizar
é maior,
maior do que se pode pensar.

Há aqueles ainda
que infelizmente
não podem nem
acreditar em sonhar
por infortúnio
ou situação,
mesmo com um limite
encontram outra forma
de poder fazer queimar
sonhos
dentro de si
e assim mostram
com toda a beleza
que são é capazes
de semear
sonhos
dentro de nós.

Lucas Kainan Adler Plancke é nascido e criado na Cidade Azul, tomou gosto pela poesia desde os seus sete anos após ler um livro do gênero na escola. Conta atualmente com três publicações de forma independente no meio literário. Em seus poemas pode se notar uma escrita sem métricas predefinidas. Seus temas variam desde o amor até desigualdade social.

LUCAS ZAVARELLI

VÃO

Eis que em vão esvai-se a vida,
Vento voando sem direção.
Vida minha que está longe,
No tempo, espaço,
Em oração.
Foi-se o tempo, vai-se a vida.

Possuo somente o que eu sonho,
E o que eu sinto é o que há de mim.
Que esse sonho se realize,
A vida pela qual ansiamos...
O desejo de um presente,
Num futuro, aberto enfim.

AMOR CORINTIANO

Falo as línguas da terra e as celestiais;
Mistérios do saber, ciências, tudo eu sei.
Os meus bens reparti, ao fogo me entreguei;
Meus feitos, pela fé, são sobrenaturais.

Apaixonado estou, sofro como os mortais;
E como todos sou pecador sob a Lei.
Pois, em parte, conheço, e assim profetizei;
Mas vindo a perfeição, parte não será mais.

Quando eu era menino, inocente criança,
Como tal eu pensava e falava e sentia;
Logo, homem me tornei, águia que não se cansa.

Quebrantado aos Teus pés, minh'alma se esvazia...
Permanecem os três: fé, amor e esperança;
Mas o mais importante é o amor

Lucas Zavarelli é um ator e escritor brasileiro, natural de Rio Claro (SP). Formado em Teatro pela Keimyung University, atualmente mora no Brasil e se dedica às artes. Ele é autor dos livros "Antes do Amor Queimar Escarlate", "Natal em Branco", e também escreve em seu blog: www.LAmourVousAime.com.

MARCELA APARECIDA FRANÇA

MAÇÃ

Símbolo do meu pecado
Amostra de meu amor...
Sua semente cravou as raízes em meu imo,
Sugando diariamente minha alma
Fotossíntese do meu pudor...
Dos frutos colho todas:
Das do rubro sangue
Sinto seu aroma entorpecedor
Sinto seu excitante sabor
Doces, carnudas, cheias do prazer!
E das mais pálidas,
A ausência, a incoerência
A falta do amor...
O suco, metamorfoseado em veneno,
Escorre em meus lábios carentes
Deixando um rastro negro e infinito,
Suavizando meu semblante
E banalizando minha sanidade.

PÓ

Perdi a calma e o controle.

A minha mente agora é um labirinto. Meu cérebro não manda, é apenas um emaranhado de dúvidas, medos, ódio e lembranças.

Meu corpo, estático, busca uma reação. Não importa qual.

Minha alma foi sugada. Meus músculos se atrofiaram e meus ossos estão fracos, trincando ao menor movimento.

Não sinto mais fome. Sinto frio.

Em minhas veias ainda corre o sangue viscoso e contaminado pela sua incompreensão.

Meu coração está fraco por culpa sua. Foram tantas as expectativas que, agora, ele está prestes a parar.

Odeio admitir que ainda sinto você em mim, no corpo, na alma, no coração.

Mas me livrarei desse tormento, mesmo que seja meu fim.

Vomitarei seu nome, suas palavras, sua lembrança, quantas vezes for necessário, mesmo que, para isso, o avesso vire do avesso. Sangrarei até a minha última gota de sangue viscoso ser absorvida pela terra seca, nutrindo aquela rosa morta e ressecada.

Respirar? Para quê? Para sentir seu perfume novamente a me embriagar? Correr nos labirintos da mente?

Não! Pois poderei novamente tropeçar em alguma lembrança e cair na tentação de alguma promessa sua.

Desejarei que todos os meus ossos se reduzam a pó, assim não haverá o perigo de, ao caminhar, me deparar com sua figura.

Serei um fio de vida à beira do abismo, pronta para dar o passo da morte. Mas, se não o der, esperarei na escuridão as chamas do esquecimento esfecelarem o que resta do meu corpo.

Com o desprezo em meu domínio, finalmente, tudo acabará.

Restarão apenas cinzas. Cinzas que, presumo, algum dia serão levadas pela brisa da liberdade!

Marcela Ap. França é graduada em Letras e servidora pública municipal. Desde pequena é apaixonada pelas artes, desenvolvendo o desenho, a pintura e a poesia. Integrou o Centro Literário Rio Claro desde a adolescência. É apaixonada por gatos, cachorrinhos, filmes de terror e festas à fantasia.

MÁRCIA FÁTIMA SPAZIANTE LEME DA SILVA

OS DOIS IRMÃOS

Eram dois irmãos numa feliz família,
Maurício e Marcelino.
Mas o caçula era diferente no dia a dia,
Tinha autismo leve o menino.

Maurício não aceitava,
Que seu irmãozinho fosse especial!
Com ele não brincava,
Pois não o suportava assim, afinal!

Seus pais diziam estar errado,
Seu desprezo ao irmão!
Que só queria ser amado,
Ter um pouco de atenção!

Até que mudou-se na casa vizinha,
Isabela, linda adolescente!
Que Maurício achou uma gracinha,
E foi cumprimentá-la sorridente!

Ela estava brincando,
Com jeitinho meigamente.
Marcelino alegrando,
Sentadinho sorridente!

Maurício não entendeu,
Aquela bondade e aceitação.
Aprendeu naquele dia,
Uma grande lição!

Com os olhos de lágrimas molhados,
Disse a Isabela:
— Meu muito obrigado,
Por esta cena tão bela!
— agora sei que devemos conviver,

Com as diferenças de outrem!
Ajudá-los a bem viver
Amando-os muito também!

LINDA PRIMAVERA

O nosso "Divino Criador",
Com seu infinito amor,
Esculpiu a natureza...
Usando todas as cores,
Para todas as flores,
Espargindo perfume e beleza!

A humanidade presenteou,
A paisagem alegrou,
Nesta estação de sublimidade!
Para amenizar a tristeza,
Adornar o mundo de realeza,
Trazendo a paz e a felicidade!

Em cada Nação ela chega em época diferente
Mas sempre resplandecente!
No verde cobrindo cada recanto!
As borboletas com seu bailado vislumbrante!
Nas árvores as avezinhas cantantes,
Anunciando a primavera e seu encanto!

Márcia Fátima Spaziante Leme da Silva escreve poesias desde os 10 anos. Funcionária pública aposentada, tem poesias publicadas em antologias, um livro publicado e um livro digital. Aos 71 anos, é viúva e participa do Centro Literário Rio Claro (Clirc) desde 1997 e também no Grupo Ipsis Litteris.

MARCOS CLEMENTE

UM SONHO SEMPRE COMEÇA PEQUENO

Toda empresa é a realização de um sonho. E se você não acredita nisso, está na hora de rever algumas coisas, mas vou explicar o motivo daqui a pouco. Agora queria falar um pouco sobre sonho, é uma palavra que as pessoas usam muito e tudo que a gente usa demais acaba perdendo o sentido, ou ficando desgastado, como quando usamos muito uma mesma camiseta, o pano vai ficando fininho e logo ela não serve nem para limpar o chão.

Quando somos pequenos é bastante comum nossos pais, professores e colegas nos perguntarem qual é o nosso sonho, o que queremos ser quando crescer. Os mais comuns são os que querem ser policiais, bombeiros, médicos, professores; eu tive vários amigos na escola que queriam isso. São figuras que são vistas como heróis pela maioria das pessoas, aqueles que salvam vidas, que inspiram as crianças. Comigo não foi diferente, eu também queria ser um herói, queria ser alguém parecido com a pessoa que mais admirava: meu pai.

O senhor Eurípedes não era policial e nem bombeiro, mas talvez um médico dos carros e meu professor. Meu pai era mecânico e um grande mecânico. Além da paixão comum aos meninos da época por carros, eu era fascinado por tudo que o meu 'velho' fazia e pela forma como se envolvia com as suas obrigações. Não foi à toa que eu tentava imitar meu pai, quando eu era criança ele dava alguns brinquedos para mim, aqueles brinquedos para desmontar, que tinha chavinha de fenda, essas coisas, e ele sempre me presenteava com brinquedos assim.

Menino, minha família nunca teve muitas condições, afinal, somos cinco irmãos - eu sou o único homem - e meus pais sempre batalharam muito para que tivéssemos uma vida razoável. Então, eles não tinham condições de dar brinquedos bons para a gente, por isso eu criava os meus brinquedos, montava carrinho com madeira, fazia as rodinhas com tampinha de alumínio de refrigerante. Isso já mostrava qual era o meu sonho, a minha vocação, eu gostava, tinha habilidade e me sentia inspirado pela parte mecânica.

Além disso, era a década de 1980, comezinho de 1990, e quem nessa época não conhecia Ayrton Senna? O Senna era o ídolo da nossa geração, não consigo me lembrar de outro tempo em que o automobilismo tenha sido mais forte que o futebol, mas, nessa época, era. Meus amigos, vizinhos e família, todos, esperávamos pelo domingo de manhã para assistir as corridas na televisão. Mas o que eu mais gostava mesmo de ver

eram os 'pit-stops', a hora em que o piloto para e recebe a manutenção, eu achava aquilo mais legal do que a própria corrida. Por isso, queria ser piloto de Fórmula 1, mas depois de um tempo assistindo e vendo meu pai trabalhar, foi então que falei: quero ser engenheiro de Fórmula 1.

Meu pai ficava todo animado quando eu falava que queria ser engenheiro de carros, ficava orgulhoso de pensar que eu queria trabalhar com manutenção. E isso me dava ainda mais vontade de estar com meu pai, de participar do trabalho dele, foi então que ele começou a me levar na oficina. Bom, aí então vem uma história muito boa de quando eu tinha uns 12 anos de idade, essa eu tenho que contar para você. Era um sábado de manhã e meu pai me levou para a oficina bem cedinho, estava aquele ambiente escuro, e eu não sabia porque ele estava me levando lá no sábado. Quando chegamos, ele acendeu as luzes e eu vi um fusca parado no canto. Menino, esse fusca tem história para contar!

Ele só virou pra mim e falou: "- Hoje você vai desmontar o motor desse fusca aqui, não quero saber o tempo que você vai levar pra desmontar, mas quero que você desmonte peça por peça. Vai ter coisa que você não vai conseguir fazer sozinho, aí você pede ajuda pra mim". Não consegui nem acreditar no que ele me pediu, era como ter um brinquedo de gente grande e com responsabilidade, mas eu não tive medo, não, fiquei muito animado. Tem gente que fica paralisado quando encontra um desafio e tem quem fique determinado. Eu sou esse último, sempre gostei de uma nova empreitada.

Então, fui eu lá, comecei desmontando o capô, a tampa traseira e tirando as correias, os parafusinhos. Quando chegou a hora de sacar o motor, chamei meu pai, ele trouxe um jacaré grandão. Nossa! Foi uma alegria danada quando colocou o jacaré e tirou o motor. Bom, aí as coisas começaram a se complicar. Meu pai não falou qual chave usar, não, só me mostrou onde ficavam e falou pra eu me virar. Foram dois meses ali, trabalhando dia e noite pra desmontar, eu até perdia o horário do almoço, vinha correndo da escola para continuar mexendo, era o meu divertimento.

Quando eu finalmente desmontei, meu pai me entregou as peças novas para trocar, uma correia, um filtro de óleo, polia e aí foi recomear. Era um quebra-cabeças pra mim, só que daqueles bem grandes, porque eu demorei uns quatro meses para montar esse carro. Meu pai fazia tudo isso em muito pouco tempo, em dias, mas eu ia devagar, observando, olhava ele fazendo as coisas em outros carros e ia tentando aprender pra fazer o certo. Quando eu terminei, aí sim veio o medo de não ter dado certo.

Meu pai chegou e falou: "- Agora a gente vai testar, só que você não vai dirigir porque você é menor de idade, mas vou deixar você ligar o

carro". A única coisa que eu pensava era que eu tinha conseguido e que agora ele ia funcionar. Menino, quando eu fui ligar o fusca, ele não funcionava, o motor não ligava de jeito nenhum! Imagine a decepção. A minha sorte era que meu pai era o "chefe" e ele tinha paciência. Ele perguntou se eu tinha montado tudo certo e fez eu observar o barulho que fazia quando tentava ligar, aí que ele explicou que a polia que faz rodar o motor estava frouxa, não estava encaixada. Ele montou a polia e o carro começou a funcionar.

Só sei dizer que ele deu uma volta comigo no Fusca aquele dia e eu fiquei todo emocionado, é uma história que eu não esqueço nunca. E tem vários motivos para ela ser tão importante e o porquê de eu querer contá-la para você. Foi praticamente um teste que meu pai fez para ter certeza de que meu sonho era verdadeiro e que poderia se tornar uma profissão no futuro. E, olha, muita gente duvidou e foi contra.

Teve um senhor, por exemplo, que me olhou ali desmontando o carro e veio questionar o meu pai, falando que ele era doido, porque eu não tinha idade para aquilo. Mas, sabiamente, o Eurípedes respondeu: "- Se eu dei é porque eu conheço meu filho, eu não ia dar para qualquer um, e eu quero ver até onde ele vai".

Foi uma forma de testar a minha persistência e a minha determinação. Porque é exatamente isso, se eu não fizer, se eu não executar, eu não vou saber se consigo ou não. Eu nunca vou saber se dá certo, se não insistir. Existe uma frase que os vendedores costumam repetir, aquela que diz que 'o não eu já tenho'. É assim, um 'não' de 'não vai dar certo', 'você não vai conseguir', 'não vai ter resultado', 'não vai prosperar', isso eu já tenho, já é uma probabilidade, agora é preciso lutar contra esse 'não' e transformá-lo em 'sim'. E só depende de persistência e perseverança.

Marcos Clemente é empresário do ramo de lubrificação industrial, herdou do pai a paixão pelo setor de manutenção e da mãe a aptidão para o empreendedorismo. Filho de mecânico e cozinheira, ele passou por diversos setores de manutenção em multinacionais até entender o segredo por trás das grandes empresas e começar a aplicá-lo em seu próprio negócio. Está escrevendo seu primeiro livro com foco em empreendedorismo e dicas para liderar pessoas e tirar seus projetos do papel.

MARCUS VINICIUS FARBELOW

A TIRANIA DA RAZÃO

Razão, deixa-me em paz!
Esconda-se imediatamente no recôndito
Mais obscuro que encontrares.

Envergonha-te do nefasto domínio,
Da nefanda ditadura que impuseste
à minha atribulada alma.
Outrora tão leve e despreocupada,
tão alegre e ingênua,
tal qual criança vestida de anjo
no meio da procissão.

Hoje, sob o rigor de teu látego,
minh'alma geme e chora
pela falta de sentido e de ilusão.
Hoje, quando grito,
ouço o eco de minha voz
que se repete incontáveis vezes
pelo vazio sombrio de meu corpo.

Permita, pois, que meu coração pulse
desimpedido e inteiramente livre,
como os pássaros na grande festa
do alvorecer primaveril.

Deixa-me atordoar pelas
emoções à flor da pele.
Deixa-me singrar pela correnteza
do rio mais revoltado e caudaloso.
Deixa-me ir por caminhos desconhecidos,
por estradas poeirentas,
por ruelas escuras,
por atalhos mal-assombrados,
por encruzilhadas funestas,
até não encontrar o caminho de volta.

Quero me perder de mim mesmo.
Quero correr nu pelos campos floridos,
gritar imprecações como um louco,
cantar como um bêbedo,
abraçar o mundo como um gigante benevolente.

Quero comer, beber e fazer amor
sem me preocupar com o amanhã.
Quero viver sem a tua companhia,
ó imperiosa e sufocante Razão.
Não és a luz do mundo.
És a escuridão da alma.

Marcus Vinicius Farbelow tem 44 anos e trabalha no IBGE desde 2006. Nasceu em Caieiras, na Grande São Paulo, no tempo em que Caieiras ainda tinha pinheiros e se parecia com uma cidade do interior. É formado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo e atualmente mora em Araras. Trabalhou durante vários anos na agência do IBGE de Rio Claro.

MARI NANDES

CAOS!

Esta palavra define exatamente este momento, esta reunião.

Estou em minha sala de reuniões desde às sete da manhã com minha equipe de relações públicas, assessores de imprensa e advogados, eles tentam neutralizar um escândalo causado por uma foto minha estampada nos jornais, internet e programas de fofoca nesta manhã. Onde supostamente especulam um affair entre eu e uma... adolescente.

Tentam encontrar uma forma para que isso não prejudique tanto a imagem da empresa. Minha vida particular não costuma estampar notícias desse tipo, o que faz com que um “furo” desses seja dificilmente esquecido. E se tem algo que não suporto é ter minha vida exposta por esses abutres oportunistas.

Um total de quinze pessoas na sala assistem ao programa de TV matinal. Enquanto estou de cabeça baixa e olhos fechados, escutando a voz da apresentadora: “Fotos de CEO do império Empaire está dando o que falar nesta manhã, ao ter imagens vazadas de um suposto affair entre ele e a estudante e também digital influencer mais queridinha das redes sociais Myia Bae. Fotos dos dois semi-nus, entrando na residência dele na noite de ontem é um dos assuntos mais comentados desde então. Nenhum dos dois se pronunciaram sobre o suposto envolvimento até o momento. Mas como podemos observar pelas fotos, uma imagem fala mais que mil palavras não é? ...”

Meu sangue ferve. Passo as mãos sobre meu rosto e tento controlar a vontade insana de cometer um assassinato. Enquanto lembranças passam como filme em minha mente, mal consegui dormir noite passada, tudo por causa dessa loucura.

— Acho melhor ele dizer que é sua vida pessoal e que quer apenas manter sigilo. — Chan comenta desligando a TV.

— Como alguém com a sua posição fala uma merda dessas Chan? Está maluco? Isso seria assumir que ele está realmente tendo um caso. A foto e as filmagens estão bombando na mídia, foi impossível intervir a tempo, e é muito clara. A moça é arrastada para dentro da casa dele por ELE. E com o agravante dele ainda estar sem camisa. — Jin se altera.

— Se realmente ele estivesse em um caso resolveria boa parte de todos esses problemas. — Anni minha assistente pessoal se intromete. — Só precisa ser a pessoa certa, para acabar com todos os boatos. — Eles falam entre si, como se eu não estivesse presente.

— Acabem com toda essa bagunça imediatamente. — grito irritado, querendo que tudo acabe de uma vez por todas, todos se calam e me olham assustados.

— É o que estamos tentando fazer desde a uma da manhã, quando ficamos sabendo. — Jin intervém.

— É muito simples, qual a parte de que quero que processem-na imediatamente vocês ainda não entenderam?

— Choi, como iremos causar outro alvoroço desses na mídia? Precisamos apagar um incêndio de cada vez.

— Está me dizendo que não posso processá-la? — exaspero-me.

— Não, estou dizendo que agora não é o melhor momento para isso. Afinal, por mais que você diga que não a conheça e que não aconteceu nada, não é segredo para ninguém que a mídia vive atrás de você só esperando algo desse tipo acontecer. As mulheres fazem fila para estar com você. Você sempre esteve inacessível, o que piora a situação é que, ao contrário de você, ela costuma aparecer frequentemente. Ela é considerada uma “influencer” e tem milhões de seguidores. Se você mover um processo contra essa garota agora irá piorar tudo, afinal, não temos uma posição da envolvida sobre isso ainda. Ela é bem mais nova que você, uma estudante... O que acaba agravando a situação e deixando a mídia em estado de alerta sobre você. E “uma imagem fala mais que mil palavras” não é assim que a apresentadora usou a expressão agora mesmo? Você está com ela nos braços, nada consegue ir contra essa imagem. Acalme-se vamos encontrar uma solução.

— Conseguiram as imagens do estacionamento, pelo menos? — se aquelas imagens e áudios vazarem, tudo o que lutei para construir durante minha vida iria por água abaixo, eu estava muito possesso naquele momento, fiz coisas que não devia e até tirei minhas roupas em local público...

— Sim, já neutralizamos essa parte. — Chan garante.

Sua afirmação não consegue me deixar tranquilo. Nada podia piorar. NADA! O bipe do telefone soa sobre a mesa, Anni atende, arregala os olhos e vira-se em minha direção.

— Sua secretária disse que sua avó acaba de entrar na empresa.

Mas é claro que poderia piorar.

Abaixo a cabeça e tenho a sensação de que estou caindo em câmera lenta dentro de um furacão. Respiro fundo. A porta é aberta de uma vez, todos olham na direção. Vovó entra com sua aparência tranquila, porém somente quem a conhece sabe que ela está muito, muito irada.

— Saiam todos. — ela fala calmamente e fica parada à minha frente. Todos a obedecem imediatamente. Chan é o último a sair e fecha a porta.

— Vovó, antes que comece, já estou resolvendo tudo...

— Cale-se. — ela levanta a mão, em sinal para que eu me cale, e senta-se com sua pose tranquila. — Você armou toda essa bagunça apenas para tentar atrapalhar meus planos de ontem à noite, não foi?

Minha cabeça lateja, de um jeito que eu conseguia sentir a pulsação em minhas têmporas. Mas nego-me a interrompê-la ou mesmo tentar expor meu ponto de vista sobre aquele assunto novamente, meu mundo está neste exato momento desabando. No entanto, sua única preocupação há alguns dias é essa insistência para que eu me case, o mais rápido possível, com uma suposta herdeira ao qual nossa família firmou compromisso anos atrás. Minha avó está sentada à minha frente, suas mãos agitam-se para os lados enquanto fala sem parar.

Um homem pode ser testado de várias maneiras durante sua vida, um dos meus testes foi ter perdido meus pais quando tinha apenas dez anos em um acidente de carro. Foi uma época difícil.

Meu segundo maior teste foi ter sido criado pela minha avó materna, agradeço sua atenção e carinho, mas acabo sempre cedendo aos seus caprichos e vontades. E isso, na maioria das vezes, me coloca em sérios problemas.

Mas essa bendita história de casamento arranjado? Ultrapassou todos os limites. Não tenho saco para lidar com isso. Eu poderia até jurar que já conheço seu discurso decorado. Inclusive alguns trechos repito-o em minha mente enquanto ela fala. Noto que ela parou de falar e aguarda alguma resposta. Droga! O que ela estava dizendo?

— Vovó, de novo essa história? — Tento escapar da pergunta que ela acabou de fazer, mas ela é esperta demais para deixar passar.

— Não sei qual a parte nisso tudo me irrita mais, se sua falta de interesse nos assuntos que acabei de listar, ou sua mania de tentar me fazer de boba. Fiquei sozinha ontem esperando você no jantar com a família da sua noiva, enquanto você estava tramando pelas minhas costas. E toda essa bagunça nos jornais e internet pela manhã?

— Sobre os negócios da empresa, vovó, fica tranquila, assim que terminarmos nossa conversa resolverei tudo...

— Não tenho dúvidas sobre isso, caso contrário, você não seria o herdeiro e CEO desta empresa. Quero saber da sua vida pessoal, apenas uma coisa. Será que pode me esclarecer apenas isso?

— Diga, vovó. — minha voz revela minha falta de paciência e cansaço.

— Quem é a garota que estava com você ontem à noite? — ela encara-me desconfiada.

— Não sei. — Isso está realmente deixando-me muito irritado, porque, por mais absurdo que possa ser, é a verdade. Será que nem minha própria avó acredita nisso?

— Eu sabia! Nunca vi você se envolver em um escândalo antes. Ainda mais envolvendo mulher. Você armou toda essa cena apenas para tentar me fazer desistir dos meus planos sobre seu casamento, não foi?

— Vovó, não armei nada e, de verdade, não sei quem é aquela..., a história é bem maluca, mas meu pessoal já está resolvendo tudo, estão fazendo uma investigação, assim que terminarmos a reunião te passo todas as informações, pode ser?

— Meu querido neto, você foi fotografado saindo do SEU carro ontem à noite seminu arrastando aquela garota para dentro da SUA casa. Que explicação seu pessoal precisa te dar para isso? — ela sorri de forma estranha, como se estivesse feliz com toda essa bagunça.

— Vovó, será que podemos conversar mais tarde, por favor? — estou no meu limite.

— Só digo uma coisa. Isso não irá mudar nada sobre minha decisão. Se toda essa bagunça foi armada por você ou não, hoje não vou deixar passar, você não me escapa. — ela levanta-se e abre a porta ruidosamente, todos que estão aguardando em frente à sala de reunião levantam-se espantados. Sua secretária está próxima à porta aguardando-a. Ela volta a virar-se novamente em minha direção, sorri e completa. — Se bem que parando para pensar, não poderia ser mais perfeito. — ela acena sorrindo, e segue em direção ao elevador. Ela é uma mulher difícil. Vai saber o que está se passando naquela cabeça agora? Respiro fundo tendo uma sensação ruim, dou sinal para que toda minha equipe entre novamente na sala.

Novamente todos debatem, tentando encontrar uma solução. Minha raiva só aumenta e tenho a sensação de que minha cabeça irá explodir a qualquer momento. Cenas da noite passada voltam, fecho minha mão e aperto com força tentando controlar minha ira.

Mari Nandes nasceu na cidade de Lins, interior de São Paulo, mas atualmente reside na cidade de Rio Claro. Casada e com duas filhas, admite ser uma romântica incurável, e uma leitora assídua. Com o lançamento de seu romance “Armadilhas do Coração” se tornou best seller na Amazon e na livraria Saraiva.

MARIA DE LOURDES FRANÇA

VERÃO

O verão me lembra
Sol abrasador,
Pele morena,
Sorvete de flocos de neve...
No verão
Sinto a areia quente
Sob os pés descalços
À beira mar.
As noites de verão
São propícias para o amor!
O ar abafado,
O corpo suado
E quente
Transforma a gente
Em amor amante!
O verão é curto,
Pois as águas
De janeiro
Ocupam seu lugar!

O sol escaldante
É o primeiro
A me torturar

Mas logo vem
O pequeno fevereiro
Com gingados, samba
E folia!
É carnaval
E todos esquecem
A quente agonia!!!

As águas de março
Fecham o verão
E acabam com minha poesia!

DORAÇÃO DO POETA

Poesia nossa de cada dia,
simplificado seja teu verso.

Venha a nós com inspiração.

Espalha-te pelo universo,
tanto na mesa, como no chão!

Poesia nossa de cada dia
dê-nos hoje a alegria.

Perdoa as nossas ausências,
assim como nós perdoamos quem vai
e que não suporta nossas presenças!

Não nos deixe sem o que fazer
e não nos livre, também,
de gostarmos de escrever!
"Amém"

Maria de Lourdes França é pedagoga, pintora, poetisa e escritora, desde criança gostava de contar histórias. Depois de aposentada como professora, resolveu entrar para o Centro Literário Rio Claro (Clirc), em 1997. Entrou em concursos literários a partir de 1999. Recebeu prêmios em diversas Academias de Letras em São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Brasília, Bahia, Rio de Janeiro, Santos etc. No exterior, possui dois prêmios em Portugal, levando o nome de Rio Claro além das fronteiras.

MARIA DO CARMO SPATTI LOURENÇO

DEIXE DEUS AGIR

Sinto que Deus está me chamando
Para seguir os passos seus
E que Ele por mim tem apreço
Eu digo que não sei de nada
E que Ele errou de endereço

Ele então chega pertinho
E em meu ouvido vem falar
Mas eu coloco as mãos
Para não ter que escutar

Então Ele vem me mostrar
O que eu preciso saber
Mas eu fecho os olhos
Porque não quero ver

Ele então vem de mansinho
E entra em meu pensamento
Mas eu logo me distraio
Para não viver esse momento

Vai ficando mais difícil
Para Ele chegar até mim
Só que Ele não desiste
Porque Ele gosta de mim

Eu vou e saio para a rua
E Ele vem atrás, então
Sem querer tropeço e caio
E me esborracho no chão

Rapidinho eu me levanto
E vejo que nada está doendo
Eu lhe digo: fale logo, Senhor
Antes que eu saia correndo

Mas aí Ele me mostra
Que é mais forte do que eu
E para que eu não tenha medo
Que Ele só quer poder ficar ao lado meu

Para tanta insistência
Eu tiro o meu chapéu
Diante de tanto amor
Eu me rendo a esse céu.

Maria do Carmo Spatti Lourenço nasceu aos vinte e um de julho de mil novecentos e cinquenta e seis, na Fazenda São José, mas viveu a vida toda na cidade de Rio Claro. Sempre gostou de ler e começou a escrever no ano de dois mil e quatro. Entre seus escritos estão poemas, crônicas, mensagens, abordando especialmente temas relacionados à natureza, religiosidade e histórias de vida.

MÁRIO MARIONES

SONECA E O PRÉDIO DE PICKLES OU DIGRESSÕES EM PARAFUSÁLIA

"Pensar na atividade humana me faz rir" - Louis Aragon

Sente muito sono, o Nelsinho. Baba copiosamente no sofá. Todo tor-to. Esparramado. Está de bruços. O suor? O suor não, o suor não secou. Segue invicto. Persegue de olhos cerrados, de lacrimosos olhos o enredo a pele do parceiro. Desceu sem esforço. Enredou-se aos pelos pelo corpo literário do Nelsinho.

Diria você que a cena é mais um babado que aponta para o cabisbaixo sofá verde veludo velando o sonhador sob o manto cremoso-sudorese em suas digressões em Parafusália. "Sei lá", como cantou Guilherme Arantes. Sente muito sono, o Nelsinho. Da ampla testa, gotículas detestáveis pinicantes prorrromperam pequenas piscinas — como se fretassem sem pressa caravanas de cecê.

Soneca entrou na sala, suas movediças vestes encharcadas, os olhos exibindo sessão escarlate, mas em qual sentido? Sei lá! Saiu fora! Soneca entrou na sala mesmo, era o rei dos sentidos na situação ao redor do Nelsinho, que remoía teimosia, tiquetaqueava trombones preocupados, insone, até que dois disparos foram ouvidos por uma série de pescoços. Deve ser o GTA que o Sidney joga no volume duzentos, ela arriscou, a Valéria, vizinha amiga do Edward Hopper.

— Sejam bem vindos, meu nome é Leléco — "fiquem à vonts"!

(Ele merece! Ele merece!)

Começando agora, ao vivo, exclusivo, mais um programa "CONHECENDO VOCÊ NA TEVÊ". E aí, qual é a boa, meu amigo, Gelinho?

— Ééééé!! Olha só! Mas que audiência ca-pri-cha-da! Tantos olhares atentos nas poltronas aqui do auditório! Olha, sinto olhares de gente letrada! E... (mini silêncio constrangedor) qual é o tema mesmo, Leléco?

— (Vixi...)

Nelsinho conseguiu. Está de pé. Remove remelas. Canta na voz de gargarejo com areia o refrão "o prédio de pickles livre reflete o céu", antigo sucesso do Eriberto Martins, no comecinho da década de 70. Quem não se lembra? Sucesso da Rádio Parafusália, por sete semanas na semântica da eufonia, como celestiais serenatas — especialmente serpenteando fruição aos amigos da sambarilove melodia de uma grudenta canção aos sentidos em erupção. É. Nelsinho conseguiu. Está de pé. No entanto, parece sonocar ainda, bocejando montanhas de arroz remeloso...está pausado ao dito concreto mundo exterior, sob lenta sinapse ao lento batimento

acorda coração, como se sonambulasse dentre ardentes remelas as nostalgias dos seus vinte e poucos anos de egocentrismo lírico-delinquente. Era ousadia no traquejo, ao estilo jovem Jack Kerouac com o velho Dead Kennedys. E enquanto bebe o forte metafísico café desprovido de açúcar, admite: cansei, cansei. Cansei que virxi, agora aos quarenta e seis...será que o Nelsinho mesmo jogou a salada pro alto pra deriva ruir no devir e afins no modo aleatório? Está na pior. Vivendo de parca renda, num mínuscuro cafofo, batalhando todo sérião por emprego, ah, o Nelsinho precisa é urgente de trabalho fixo, gente. Abandonou a condição de professor de português há oito meses, e também de ser humano.

— Ah, lembrei! Lembrei! Puts, Leléco, puts, auditório, agora esqueci mesmo (silêncio constringedor no Bódegas Estúdio).

— Gelinho, Gelinho, você sempre salvando a minha ansiedade, né? Olha aí, que beleza! Eu vou te ajudar, meu amigo; pode ir “ao toailete”, tá liberado.

(na plateia, aplausos e apupos ciscando histérico-digitais)

Seguinte, pessoal: o tema de hoje do CONHECENDO VOCÊ NA TEVÊ é: “SEU GOSTO ARTÍSTICO DEFINE VOCÊ?”. Vamos discutir ao lado de dois especialistas se as escolhas de livros, filmes, pinturas, canções e versos definem a personalidade da pessoa. Vamos, então, receber o Doutor Egito!

(música fake faraônica ao fundo é dança)

— Vem cá, pessoal! Olha aí o Doutor Egito, neurologista nas horas vagas, e o estoico Ranir, o astronauta aposentado, que aqui nos bastidores já causou muita polêmica no passado, com sua teoria das seis pirâmides, mas passemos a bola, vamos ao Doutor, por favor:

— Que legal estar com vocês, pessoal!! Audiência rima com polêmica né, Leléco?

(vaias varrem você em lá-mentável)

— Antes do programa começar, eu disse que você não é nada gentil com o teu organismo, Leléco! Afinal, como você mesmo pra quê dormir deixando de fundo a tevê ligada no Cinema Paradiso? Nem, nem com luz amarela e nada! Precisa descansar a cabeça dessa “pensação”, chega de pensação-pensação — chega de vigília! Falando em pensação, você lembra do que aconteceu com a Virginia?

— Lembro, ô se lembro! Tinha que ser o Doutor Egito! Sempre faminto quando o assunto é microfone! Dormir ouvindo Ennio Morricone é o que me basta, doutor! É bálamo sim, senhor, (larga a mão de) ...olha aí, o Gelinho voltou! Lavou a mão?

Nelsinho está de pé. Quem o observa sem reserva ao lado do baba-do-sofá é o tapete Júnior, que carrega em sua essência ele, Verniz, ventilador resmungão, repetindo às remelas do Nelsinho o mantra do purê

da derrota pura: com você não quero trabalhar, nem quero morrer, nem quero continuar assim, mas eu não vou mudar não, nem vou. Nelsinho dá de ombros sem se mexer. Verniz o encara. Franco, franzindo o semblante. Está severo. Nelsinho está de pé. Verniz exhibe telepata a saúde de suas pás. Nelsinho sabe: o amigo sofrera pequenas escoriações após aquela queda “incidental”, do banheiro pra cozinha da cozinha pro quarto e póft — sequela navega diante daquela morfiosa atmosfera, segundona de sol abrasador, assim como hoje. Verniz ventila ruidoso, bafinho de mortadela: “não quero mudar”, e o tom irônico não surte efeito, nem dedilhando sarcasmo na sonoridade do mefistólico nada do Nelsinho, que entrevê antes do último suspiro ante o puxão da tomada, o que o Verniz na bufa de saideira soltara: deixa disso Nelsinho, perfeição não existe. Ideal de totalidade, mundo binário, sai dessa! Ou não?

Nelsinho, longe das agora remotas remelas é o descontentamento completo, com muita maionese. Agacha e vê Verniz em câmara lenta apagando as pás. Aponta o longo indicador para ventilar o vozeirão cavernoso: “E confiança é nome de biscoito”.

Meio lesado, meio leléco, encara o semblante dela, a tomada. Crê, confere e crê novamente que Verniz desligado não dará mais trabalho. Vou sair! Volta ao banheiro cantando, só que, quando Nelsinho vai ao banheiro cantarolando Prédio de Picles e vai tocar a torneira, de súbito salta! Baita sufoco às remelas restantes, aos sentidos, são dois disparos, pláu pláu, bem próximos da sua esfera, na hora ele abaixa, rasteja e com o nariz esbarra em pequeninos vestígios de novas remelas e uma possível semi-fatia oficial de mortadela.

(aplausos)

— Gelinho, diz aí pra galera: qual é a citação do dia?

— “Uma citação é apenas um dado.” Sabe de quem é essa frase famosa, Leléco?

— Claro que sei. É do Voltaire, não é? Que foi, Doutor Egito?

— Prefiro aquela outra dele: “a originalidade nada mais do que uma imitação criteriosa”.

— Doutor Egito, o senhor me dê licença, que agora eu vou receber nosso outro convidado! Vem pra cá Ranir! Chega mais campeão! Que aperto de mão suado, rapaz! Ô Ranir, vem cá: fala pra gente — você, que é fera, que astronauta que pendurou as lunetas e manja muito de programação e linguagem desses softwares que fazem tudo pra gente virar robô, me diz uma coisa: você aprecia a proposta dessa galera digressiva, viúva da Parafusália, que diz que o Balzac batalhou o bolígrafo a escrever tomando tonéis de café não antes amassando o tempo lendo o Molière, o Voltaire?

— Depende,

(E a plateia cai na gargalhada, enquanto que com as mãos na cintura Ranir está muito sério — será que ele entrou no programa certo?)

— Tá certo, Ranir! Sempre surpreendente!

— Talvez,

(risos para o raro, rara leitora)

Muito bom! Senta lá ao lado do Doutor Egito. Eu vou me sentar aqui, o Gelinho pode ir embora. Agora é a hora que vocês tanto gostam, antes do tema do principal vem aí o quadro “Mau Gosto sem frescura” (abraços, eu e você, óbvio). Roda a vinheta, produção!

A polícia arromba a porta do cafofo. Nelsinho é algemado junto à latrina, mas já não respira.

Mário Mariones nasceu em Rio Claro, em 1981. É escritor, professor (Língua Portuguesa/Literatura) e jornalista (Cultural/Esportivo/Assessor de Imprensa). Atuou como educador e alfabetizador na Fundação Casa. Locutor profissional, foi editor do *Jornal da Manhã* no início dos anos 2000 pela Rádio Excelsior Jovem Pan. Escreveu artigos para revistas, jornais, sites e portais. Desde 2009 mantém o *Garrafa Vazia*, como compositor, baixista e vocalista. Atualmente prepara seu livro de estreia e também marca constante presença na página dois do centenário *Diário do Rio Claro*, em crônicas e artigos que revelam a força de seu estilo.

MASSANORI TAKAKI

A PROMOÇÃO

Passei hoje pelo bar da esquina e aquele cheiro de café sendo coado, me fez parar, voltar e entrar naquele lugar, que não me lembro de ter visto antes.

Entrei, olhei para o balcão, alguns trabalhadores com os olhos remelentos, ainda sonolentos, de faróis baixos, estão debruçados sobre o balcão, esperando o dono passar o café.

Olhei para aquela banqueta, meio engordurada, depois para o porta-guardanapos, peguei alguns guardanapos e comecei a passar no assento, e o rapaz do lado, olhou para mim, me medindo de cima a baixo, e balançou a cabeça não aprovando o que eu tinha feito. Ele se levantou, olhou para o seu traseiro e uma bela mancha de gordura estampada na calça. Aí, dei um riso maroto e logo fechei a cara, quando ele me encarou.

Sentado, olhei para a estufa com alguns pastéis que foram fritos ontem, pelo jeito, todo murcho, coxinhas com varizes rompidas com um líquido escuro incrustado no osso, que sai de alguns salgados, e ovos empanados. Ao lado um vidro com ovos coloridos, um outro vidro com sardinha enrolada e espetada com palito, mergulhado em um líquido com alguns temperos boiando, junto com uma nata de óleo, um outro vidro com tremoço, provavelmente, na salmoura, e vários porta-guardanapos colocados um ao lado do outro.

O café está sendo passado em um coador de pano colocado dentro de um reservatório de aço inoxidável e o cheiro inebriante me fez continuar naquele lugar. Um outro rapaz, no canto do balcão está tomando uma cerveja e dando mordidas naquela coxinha com varizes. Rapaz, a essa hora da manhã? Mas pensei, ele pode estar saindo do turno de trabalho dele, e dando uma guaribada no estômago, antes de ir para casa dormir. Vamos parar de julgar os outros.

O dono do bar, com a toalha enrolada colocada no pescoço, me olha desconfiado, e eu de terno e gravata, e maleta tipo 007, e deve imaginar que sou algum advogado pronto para entregar um mandado de busca e apreensão, ou que sou da vigilância sanitária, pronto para interditar o local insalubre. Ele arregala os olhos quando eu abro a maleta, mas fica tranquilo, quando eu tiro um caderninho de anotações e uma caneta Bic escrita fina. Olho desconfiado para ele, e volto o olhar para o meu caderninho para anotar um lembrete. Comprar um enxaguante antisséptico bucal, logo que eu sair dali.

O dono pergunta o que eu quero, digo que um cafezinho puro. Ele pergunta se eu quero pão na chapa e um pingado, que está na

promoção. Olho para aquele bule com leite colocado dentro de uma espécie de banho maria, com nata grudada no bico. Será que eles lavam os utensílios? E aquele leite, será que é sobra de ontem e misturam com o leite da caixinha tetra pak, que está ao lado?

O rapaz com a mancha de gordura na bunda, diz que quer a promoção ao ouvir o dono do bar.

— Não, só quero o cafezinho.

— Tu quem manda — diz o dono.

O dono vira a torneirinha e coloca o café em um copinho, tipo de tomar cachaça, e coloca na minha frente, pega o açucareiro engordurado e deixa ao meu alcance. Aquele cheiro maravilhoso do café e aquele açucareiro, pensei comigo, ah dizem que café tem que ser tomado puro sem açúcar, vai ser hoje que vou experimentar.

Enquanto tento tomar o café fervendo, o dono coloca a promoção na frente do rapaz ao meu lado. E não é que aquele cheiro de manteiga derretida me aguçou a fome?

Pergunto para o dono se posso mudar o meu pedido para a promoção. Ele não diz nada, pega o meu copinho de café, despeja o conteúdo em um copo americano e completa com leite daquele bule com leite de ontem misturado com o leite novo.

Pega uma faca e abre um pão francês, passa uma generosa quantidade de manteiga, ele diz que não usa margarina, que é um veneno, todos os clientes balançam a cabeça concordando, e quando me vejo, estou balançando a cabeça também. A chapa onde o pão aberto é colocado nunca deve ter visto uma esponja e muito menos um detergente, a espátula de pedreiro, colocada de pé no canto da chapa está com algo preto grudado na lâmina.

O dono do bar coloca a promoção na minha frente, fico parado um pouco, e fico olhando para o pão e o pingado. Olho para os dois lados, e todos estão olhando para mim, inclusive o dono que está de braços cruzados.

Crio coragem, fecho os olhos, e dou uma mordida no pão. Gente, que delícia, arregalo os olhos e sorrio, todos no bar batem palmas. Fico sem graça e sorrio para todos, continuo comendo o pão na chapa e olho para o pingado, crio coragem e tomo.

Pago a promoção, me levanto para sair, mas volto e peço um cafezinho. O dono dá aquela risada. E não é que o cafezinho é maravilhoso, me arrisquei a colocar um pouco de açúcar. Vou pagar, e o dono diz que é brinde da casa.

— É brinde da casa. Volte sempre. A casa é do cliente.

Digo que estou vestido daquele jeito porque vou a uma entrevista de emprego. Ele comenta que seu nome é Manuel, como o pai e o avô, que vieram de Portugal; o café é de Minas, e o tremoço, ele mesmo prepara, como a sua mãe fazia, cozinhando por horas em uma lata de vinte litros.

Agradei e saí, na calçada, olhei para a fachada, e com certeza, amanhã passarei para comer aquela promoção e depois o café mineiro para ficar com aquele gosto final na boca. Penso comigo, não precisa de muito para ser feliz.

Massanori Takaki é escritor e roteirista de cinema, biólogo graduado pela UNICAMP, com mestrado e doutorado pela UNIFESP, e pós-doutorado na Universidade de Wageningen, Holanda. Lecionou durante 35 anos na UNESP. Lato sensu em Cinema e Linguagem Audiovisual, e em Jornalismo Digital pela Universidade Estácio de Sá. Cozinheiro pelo SENAC de Gramado, RS.

MAURO PUCCI

TATUAGEM IV

Aparecem lentamente
Ranhuras do riso
Irregulares linhas
Finas teias de aranha
Vincos circunscritos
Delineiam o rosto
As mãos e as costas
Mostram-se plurais nas dobras
Fissuras expostas
Erosões da pele
Perturbações sísmicas sutis
Registram na repetição
Um balé intermitente
Desenho do movimento
Precioso e vão

Agora mesmo
Aonde nossas placas tectônicas se acariciam
Dobra-se imenso um lento tsunami
Coreografia não ensaiada, grande onda
Tatuagem-origami.

TATUAGEM V

Existem tatuagens que são para sempre
Vivem longe da impermanência
Essa breve organicidade corpórea
Levam com o seu papel transitório
A pele fina ao toque leve
Tela de instantes frágeis
Signos e imagens que se desfazem
Além de nossa cognição
Somos condensação
Inevitavelmente temporal
Sobram suportes
Dentes e ossos
A dureza dos objetos de metal
Ou algo de arquitetônico
Em proporção monumental

Talvez existam em uma gravação na pedra
Aonde os discos rígidos resistam
E durem na solidez, sem pressa
Ou em uma cósmica impressão digital
Backup rupestre na nuvem ancestral
Pintura Neandertal

Mauro Pucci é artista visual, designer gráfico, diretor criativo e escritor. Explora possibilidades da relação entre o desenho e a palavra escrita, sua pesquisa aborda signos e imagens, sua visualização, projeção e conservação em diferentes suportes físicos e digitais. Colabora com diversos tipos de mídia, publicações e clientes, e, atualmente, trabalha com espetáculos de teatro independente. Participou de mostras coletivas e individuais em espaços de cultura e arte de São Paulo, também em projetos coletivos colaborativos de alcance global. Participa da ColetivaZona, um coletivo paulistano de ações poéticas ao lado de artistas multidisciplinares, e em 2022 foi um dos finalistas no Prêmio Off Flip de Paraty na antologia de poesia.

MILLO RIBEIRO

A ESTRELA LUZ MARIA

Luz Maria era a mais velha de três irmãs que moravam com o pai e a mãe em Punta Negra, cidade do interior do Peru.

Na véspera de Natal, a mãe de Luz Maria a chamou e disse-lhe:

— Pegue um pedaço de pão e coloque na sacola de pano, coloque este xale em volta do rosto que não temos nenhuma máscara para que se previna do vírus e vá até o povoado de Punta Hermosa procurar pelo seu pai. Ele trabalhou durante toda essa semana na reforma da estrada e deve ter recebido o salário. Com certeza, está em algum lugar gastando, bebendo e jogando até perder tudo o que ganhou. Você sabe que o povoado fica a mais de duas horas a pé e o pedaço de pão vai matar a sua fome. Procure pelo seu pai em uma casa que esteja tocando música e com algumas mulheres na janela ou em pé na porta.

Luz Maria obedecendo à sua mãe, prontamente pegou a sacola com o pedaço de pão e tomou o rumo do povoado. Era uma criança fraca e desnutrida como as suas duas irmãs e a mãe. Deixavam muitas vezes de comer para que o pai que trabalhava pudesse se alimentar bem.

Caminhou por mais de duas horas naquele sol que prometia uma boa chuva e, no meio da tarde, conseguiu entrar pela rua principal e em alguns minutos avistou uma casa como a mãe tinha descrito. Pediu licença para as duas moças da porta e entrou perguntando pelo pai.

Não estava lá — lhe informaram — Talvez esteja na casa ao final da rua. Luz Maria se dirigiu para a outra casa e também foi entrando porque nessa casa não tinha ninguém à porta. Perguntou pelo pai no balcão e mesmo antes de ter a resposta, o seu pai gritou de uma mesa no canto onde jogava cartas com outros senhores:

— O que está fazendo aqui Luz Maria? Levantou-se e foi em direção à filha, pegou-a pelo braço e praticamente a arrastou até os fundos da casa.

Entrou em um quarto vazio e já tirando a cinta aplicou-lhe uma surra dizendo que ali não era lugar de uma menina como ela entrar. A tempestade prometida chegava. Luz Maria não entendeu porque não podia estar ali se o seu pai estava. Depois da surra, o pai fez Luz Maria sair por uma porta dos fundos e mandou-a tomar o rumo de casa. Luz Maria esqueceu-se de pegar o xale, que caiu enquanto o pai lhe batia, debaixo daquela forte chuva, atravessou a rua correndo até o abrigo da loja em frente. No caminho, viu uma carteira sendo arrastada pela correnteza e só conseguiu pegá-la porque parou na grade de um bueiro. Já protegida

da chuva, abriu a carteira e viu que tinha o endereço do dono e muitas notas que ela sabia ser uma quantia razoável de dinheiro. Entrou na loja e perguntou pelo endereço ao senhor que atendia ao balcão.

— Esse endereço é do povoado que fica a mais de uma hora de trem daqui — respondeu.

Então, Luz Maria entendeu que aquilo podia ser um presente para resolver o problema de sua família. Comprou mais uma sacola e procurou por tudo aquilo que mais precisavam em casa, inclusive alguns presentes para a mãe, para as irmãs e para si mesma. Pagou tudo aquilo e ainda sobrou muito dinheiro para levar e dar à sua mãe.

Feliz como estava, não se intimidou com a chuva e foi embora de volta para casa, mesmo porque tinha medo que o pai a visse ainda por ali. Caminhou novamente por um tempo maior, pois as sacolas estavam bem pesadas e cansando-se parou por algumas vezes no trajeto.

Quase no final da tarde, foi chegando e não via a hora de contar à mãe o acontecido. A mãe vendo Luz Maria com aquelas duas sacolas cheias e pesadas correu ao seu encontro para ajudá-la. Entrando pela casa, Luz Maria foi colocando tudo sobre a mesa sob os olhares de espanto das irmãs e da mãe.

À medida que colocava as coisas ia também contando sobre a carteira e a surra que o pai lhe tinha aplicado. A sua mãe ficou indignada com aquilo e procurou além de confortar a filha com um banho quente colocou-a para descansar na cama. Aquela chuva não fez bem para Luz Maria que começou a tossir e em seguida a mãe colocando a mão sobre a sua testa, percebeu que estava com uma febre muito alta. Deu-lhe um chá e pediu às irmãs que deitassem uma em cada lado de Luz Maria para aquecê-la.

Luz Maria foi piorando, a tosse aumentando, sua mãe foi ficando desesperada, porque não tinham ninguém que a pudesse socorrer naquele fim de mundo. A mãe acendeu uma vela à Nossa Senhora do Carmo e junto com as filhas rezaram por meia hora. Infelizmente não aguentando a febre e a tosse, Luz Maria agonizando chamou pela mãe e segurando em suas mãos deu um último suspiro. As três se ajoelharam ao lado da cama e prantearam com uma dor imensa que não cabia em seus corações. Arrumaram Luz Maria para ser velada em sua cama mesmo e ficaram ao seu lado. No começo da madrugada, ouviram barulho na porta e viram que o pai chegava bêbado e sem entender o que estava acontecendo foi até o quarto e não acreditou no que via. A mãe de Luz Maria não dirigiu uma única palavra ao marido. Dizem que ele saiu pela porta deixando-a aberta e foi pelo mundo andando sem rumo de tão louco que ficou e nunca mais foi visto por alguém naquele vilarejo.

Durante a noite, enquanto velavam Luz Maria, apareceram alguns anjos para confortar o sofrimento daquela perda irreparável e, antes que amanhecesse, disseram que levariam Luz Maria com eles e que a colocariam em um lugar especial. As três ficaram confortadas e felizes com o destino final de Luz Maria.

A lenda conta que ela foi transformada pelos anjos na estrela mais bonita que existe no céu e o melhor de tudo isso é que toda família que passa por necessidades, quando chega uma semana antes do Natal, ao pedirem à estrela Luz Maria, conseguem algum trabalho e dinheiro para poderem comprar suprimentos e até algum brinquedo para os filhos.

Millo Ribeiro é o pseudônimo de Reinaldo Rodrigues Ribeiro, formado em mecânica geral pelo SENAI, trabalhou 35 anos nas indústrias de papel e celulose pelo país em diversas áreas. Aos 50 anos, ingressou em um curso de Artes Cênicas e formou-se em 2004. Participou de 18 peças, 8 curtas metragens e 2 comerciais para a TV. Diretor de teatro, compositor de temas para teatro, regente de coral durante 15 anos, atualmente aposentado está fazendo o que mais gosta: escrever.

NATHALIA SORGON SCOTUZZI

QUIETA NON MOVERE

Este é um relato de como liguei os pontos.

Nascida em Americana, interior do estado de São Paulo, mudei-me com minha família para uma cidade próxima, chamada Rio Claro, quando era adolescente. Rio Claro é uma cidade pacata, plana e com muitos idosos. A população, quando me mudei, era de cerca de 180 mil habitantes. Hoje, há 10 anos que moro aqui, esse número continua o mesmo. Rio Claro tem indústrias, seria um bom ponto de partida para fazer a cidade crescer, mas ela não cresce. As pessoas da cidade culpam a maçonaria por isso.

Viver no Brasil nunca fora muito instigante para mim. As histórias que eu lia em livros se passavam sempre na nebulosa Londres, na remota Arkham ou em Nova Orleans. Achava curioso como Anne Rice conseguia criar todo um contexto para dar à luz a seus vampiros fantásticos. E acreditava que uma cidade comum do interior brasileiro nunca poderia oferecer um plano de fundo para uma história de terror.

Rio Claro tem alguns pontos turísticos interessantes, como o Horto Florestal. Fundado pelo ministro da Agricultura Edmundo Navarro de Andrade, no início do século XX é até hoje um patrimônio da cidade, possui um belo lago, além de museus. O horto fizera parte de um projeto de Edmundo, que implantou reservas desse tipo em várias outras cidades do estado de São Paulo. A intenção primária desses hortos era o abastecimento de madeira nas construções ferroviárias do estado e assim o eucalipto foi trazido para suprimir essa demanda. O prefeito ficaria orgulhoso de mim com a quantidade de informação que sei sobre esse local. Ou não. Acontece que Navarro de Andrade passou grande parte de sua vida em seu casarão aqui em Rio Claro, gastando a maior parte de seu tempo no estudo e plantio do eucalipto. Mas não todo o seu tempo. Algumas casas do horto são abertas à visitação, outras estão caindo aos pedaços e há ainda algumas que fazem parte apenas de lendas locais, como a de que uma bruxa habitaria uma delas, atraindo pessoas para lá, pessoas que nunca mais voltam a aparecer.

De qualquer forma, sempre segui minha vida nessa cidade, sem grandes ambições, acompanhando novidades na medida do possível. Aos domingos frequentava a igreja da Matriz, aos sábados ia à piscina e às festas do clube de campo e depois de todo esse tempo estava bastante habituada com a pacata vida rio-clarense.

Certo dia, ouvi uma história que despertou minha curiosidade. Sob as ruas de Rio Claro, há túneis que percorrem quilômetros, se entrecruzam

e possuem entradas em diversos prédios da cidade como a própria igreja da Matriz, algumas escolas e monumentos nas praças do centro da cidade. Há diversas especulações sobre sua origem e uso, entre elas de que seriam locais para escravos se esconderem, serem traficados, sacrifícios feitos pela maçonaria e até um esconderijo para Hitler após suposta fuga da Alemanha. Acontece que ninguém tem fontes para descobrir a verdade sobre estes túneis e por isso sempre ficaram nesse nível de mistério para os rio-clarenses pouco curiosos. Mas eu não sou rio-clarense. E eu sou curiosa. Então decidi ir atrás.

Contando com a ajuda de um amigo meu e vereador da cidade, chamado João Waldmann Neto, tive acesso a arquivos e plantas da cidade, com os quais passei a semana trancafiada em meu quarto. Apesar de haver dicas sobre os túneis, não encontrei nada de efetivo sobre sua construção, nem planta alguma. Apesar de estar disposto a me ajudar, Neto não me ofereceu grandes esperanças de realmente descobrir alguma coisa. A única pista que eu tinha era uma casa localizada no centro da cidade que estava abandonada. Pelas janelas estilhaçadas é possível ver uma entrada para algum desses túneis, porém a casa está sempre fechada e nunca é posta à venda. Mesmo assim persuadei Neto para que conseguisse alguma chave na prefeitura (a casa aparentemente não tem dono).

Em um domingo pacato e com a chave em mãos, eu e Neto (que demonstra um pouco mais de curiosidade do que seus conterrâneos) fomos àquela casa que se apresenta como apenas mais uma casa abandonada e deteriorada. Era de manhã e a luz do sol iluminava bem seu interior pelas janelas quebradas. Logo na primeira sala, encontramos a entrada, que nada mais era do que um buraco no chão. Tinha cerca de um metro de diâmetro e tudo que conseguíamos ver era o preto da escuridão. Obviamente havíamos levado lanternas e também uma escada para poder descer naquele antro de enigmas. Retiramos mais algumas tábuas para alargar a abertura e com nossas lanternas conseguimos enxergar uma espécie de sala subterrânea, toda feita de tijolos e vazia. Apesar de parecer abandonada ela não parecia suja e também não pude ver teias de aranha. A escada que levamos tinha o tamanho exato para que pudéssemos descer e assim o fizemos. Com cerca de vinte e cinco metros de área, esse cômodo interligava dois túneis estreitos, possíveis de passarmos lado a lado sem muita folga. Apesar de parecer assustador, decidimos seguir pelo túnel que ia para o lado direito da sala. Andamos durante alguns poucos minutos e então o túnel se alargou consideravelmente, se tornando amplo e mais fundo. Apesar da escuridão, novamente consegui ver que tudo era irritantemente limpo. Ouvia apenas algumas goteiras que pingavam aleatoriamente e uma leve brisa

inexplicável. Após andarmos cerca de quinze minutos nesse túnel desolado nos deparamos com uma grande porta de metal. Trancada. Era uma porta minuciosamente detalhada, provavelmente feita de ferro e completamente impenetrável. Só nos restou então retornar pelo caminho que viemos e planejar algo novo.

Qual o motivo de uma porta tão grossa e ameaçadora no meio daquele túnel? E mais importante, como iríamos atravessá-la? Por sorte, Neto tinha um tio que era chaveiro e assim conseguimos emprestado algumas chaves-mestras de portas antigas, expostas em sua loja, que além de chaveiro era um pequeno museu de antiguidades. Não custava tentar. Partimos novamente para aquele túnel escuro e inquietante. Eu nunca fui uma pessoa de ter muita sorte, mas foi ridiculamente fácil a forma com que logo uma das primeiras chaves testadas conseguiu abrir aquela porta. Minhas palpitações atingiram uma altura preocupante. Eu estava realmente muito ansiosa para ver o que havia ali. Acontece que o mistério não seria resolvido tão fácil. Por detrás daquela porta havia novamente túneis, oito túneis, indo a todas as direções e sem dica alguma do lugar a que levariam. Foi ao mesmo tempo decepcionante, mas instigante. Utilizando então um pequeno caderno que eu levava comigo, fiz um esboço dos túneis para que pudéssemos explorá-los um pouco a cada dia.

Seguimos então pelo primeiro à esquerda. Era um túnel curto e logo nos deparamos com uma porta de madeira bastante desgastada. Não havia tranca e foi necessário apenas um pequeno empurrão para abri-la. Dentro dessa sala havia prateleiras vazias e nada mais. Seguimos para o segundo túnel, tão curto quanto o que nos levou a outra sala vazia. O terceiro túnel era mais longo e mais sufocante à medida que a cada passo que dávamos parecia que o chão descia de nível. Ao final de dez minutos de caminhada chegamos a uma grade de ferro que separava o túnel de uma espécie de pequena caverna. Na caverna não havia chão, mas sim um pequeno lago ou então acúmulo de goteiras durante anos. Por causa da grade não pudemos entrar, mas afinal não teria o que fazer ali já que era apenas pedra e água. Apesar de não ser ruim, aquele lugar exalava um cheiro leve e desconhecido.

O quarto, quinto e sexto túnel levavam a outras salas, menores ou maiores, mas sempre vagas e com prateleiras vazias. A sétima sala estaria nas mesmas condições se não fosse por um baú que encontrei por acaso atrás de uma prateleira. Estava vazio, porém entre ele e a parede havia uma espécie de livro ou caderno que parecia ter sido escondido ali. Guardei-o em minha mochila e nos dirigimos ao último túnel.

É interessante notar que apesar de meu amigo, Neto não era muito de conversar, mas era sempre educado e prestativo. Eu não sabia muito

de sua família, apenas que estava em Rio Claro há algumas gerações, sendo uma família muito tradicional e importante na história da cidade. Os Waldmann já haviam levado seu nome à política, quando seu avô fora prefeito, às ciências quando um de seus tios-avós havia trabalhado no cultivo do eucalipto junto de Navarro de Andrade e uma de suas tias distantes havia alcançado interessantes avanços na botânica. Agora, novamente, o sobrenome Waldmann estava na política. Em seu trabalho, Neto se dedicava especialmente às causas ambientais da cidade, criando projetos para preservação do horto, combate à poluição do ar e dos rios e lagos da cidade. Em questões pessoais, Neto era solteiro e não parecia demonstrar muito interesse em arranjar algum relacionamento; entre nós nunca houve nada.

Mas retomando minha história, parei para dar essa explicação, pois ao entrarmos na sala a que ele levava, Neto teve uma reação muito estranha. Ele estava na frente e ao dar o primeiro passo ele se tornou alarmado e irritado. Entrando logo depois não pude identificar nada que pudesse ter causado aquela reação. Sua explicação foi de que se dera conta que se alguém descobrisse que estávamos nessa empreitada ele poderia colocar o nome de sua família em jogo. Não achei muito convincente, mas mesmo assim deixei para lá e fomos embora.

É notável comentar também que a maioria dos túneis possuíam “portas” no teto, parecidas com a que utilizamos para entrar na sala principal. Essas portas com certeza correspondem com as entradas que fazem parte das lendas sobre os túneis.

No final de uma semana havíamos explorado todos aqueles túneis e não havíamos encontrado nada. Nada além daquele caderno que eu achei e que era a mesma coisa que nada. Isso porque ele continha apenas figuras estranhas e sem sentido e, no fim das contas, não consegui tirar nada dali.

Decidimos dar um tempo em nossas aventuras, tanto para descansar, quanto para não levantar suspeitas. Neto ficou com o caderno para tentar decifrar mais alguma coisa, mas não teve grandes avanços. Estagnados e frustrados, deixamos para remarcar nossos encontros dali algum tempo.

Após três semanas de vida pacata eu estava ficando ansiosa para voltarmos aos túneis. Acontece que o Neto andava meio evasivo e se dizia sempre ocupado. Impaciente, decidi seguir sozinha. Com medo, mas fui.

O túnel do lado esquerdo daquela sala subterrânea era estreito como o outro e mais longo. Dessa vez não me deparei com porta alguma e nem ramificações de túneis. O que encontrei foi um grande salão de tijolos, com suportes para velas nas paredes, algumas mesas e cadeiras e

portas distribuídas por todos os lados. Sem grande surpresa, descobri que todas essas portas estavam trancadas. Trancadas, mas, intrigantemente, passavam a ideia de que não estavam abandonadas. Havia uma sensação no ar de que aquele lugar não estava tão em desuso assim.

Decidi retornar no dia seguinte com as chaves-mestras, porém tive um imprevisto e acabei indo em um horário mais tarde que o comum. Ao entrar novamente no corredor esquerdo, todos os pelos do meu corpo se arrepiaram, pois eu ouvi um som. Vindo da direção do salão parecia uma música, ainda que estranha e dissonante. Ao chegar cada vez mais perto, percebi haver luz no salão e desliguei minha lanterna, assustada. Há apenas alguns metros daquele local, escondida pelas trevas do corredor, percebi que havia gente. Três pessoas para ser exata. As três figuras vestiam capas com capuz inteiramente pretas. Uma delas estava sentada em uma das mesas e anotava algo em um caderno. Uma das outras figuras estava a sua frente como que aguardando. Após alguns instantes, a figura sentada retirou uma chave de uma gaveta da mesa e a entregou para o outro. Recebendo a chave, a pessoa se dirigiu a uma das portas, destrancou e a adentrou, fechando-a novamente. O mesmo aconteceu com a outra figura encapuzada, que se dirigiu para o interior insólito de uma das outras portas.

Aquele que estava sentado continuou a escrever em seu caderno, quando outra figura encapuzada surgiu. Mas de onde? Pelo que eu tinha observado no outro dia, o túnel em que eu estava era o único caminho para aquele salão. Bem, aparentemente não. Eu não tinha reparado, mas havia uma parede “falsa” no fundo da sala, que, logicamente dava entrada para outro túnel ou porta. Durante o tempo que fiquei ali observando, mais quatro figuras apareceram e, assim como as outras, se fecharam em cada uma das salas. Aquela música que eu havia escutado no início voltara a tocar e agora percebi que vinha detrás de uma das portas. Outro som, esse irritante e estridente, vinha por detrás de outra. Decidi não arriscar mais tempo ali e voltei para minha casa.

Por fim, parecia que Rio Claro, essa cidade sem graça e monótona, realmente escondia algum segredo. E pensar que eu achava que nunca teria alguma aventura em minha vida. Animada, liguei para Neto e pedi que nos encontrássemos para que eu contasse as novidades. Assim, marcamos um café. Logo que contei o que havia visto, Neto ficou extremamente alarmado, olhando de um lado para outro como se eu tivesse contado um segredo seu. Disse que eu não tinha noção da gravidade do que eu estava falando e que deveríamos conversar em algum local em que ninguém mais poderia nos ouvir. Assim, fomos ao horto.

Escolhemos para conversar num dos casarões abertos à visitação, pois era uma tarde de terça-feira e dificilmente alguém estaria por ali. Esse

casarão ainda era decorado com a mobília original, então nos acomodamos em uma saleta com sofás. Neto me disse que apesar de as histórias dos túneis serem lendas para os cidadãos rio-clarenses, se realmente houvesse algo ali, era algum segredo guardado a sete chaves. Se alguém desconfiasse do que eu havia feito, as consequências seriam inimagináveis. Pelo visto, enquanto me acompanhara pelos túneis ele não nutria esperança de que acharíamos alguma coisa. Talvez seja por isso que tenha desistido. E talvez seja por isso que agora ele parecia tão chocado.

Enquanto eu pensava no que iria fazer a partir daquele momento, me levantei e comecei a andar pela sala, distraída e observando levemente a decoração. Neto se levantou para me acompanhar e, mudando de assunto, passamos a andar pela casa como visitantes. Foi quando eu vi aquela entrada. Embaixo da escada que levava ao segundo andar do casarão havia quase que imperceptível uma porta igual a todas aquelas portas que eu vira nos túneis! Acontece que o horto fica muito distante do centro da cidade e, caso aquela porta desse realmente em algum túnel, isso significaria que as proporções daquilo tudo tinham um tamanho inigualável! E sim, ela dava em um túnel. Perplexa, olhei para Neto que, com um olhar malicioso, me disse para entrar.

Parecia o mesmo lugar. Um túnel que levava a um salão cheio de portas trancadas. Mas, dessa vez, Neto tinha a chave. Neto tinha a chave e sabia de tudo:

— Sabe, quando você sugeriu fazer essa busca pelos túneis eu não discordei. Eu sabia para que lado ir sem encontrar nada. — Ele começou. — Ao ver sua reação de decepção achei que logo iria desistir da busca e esquecer tudo aquilo. Mas você não desistiu. Pior, você encontrou.

A essa altura eu estava parada em surpresa no meio daquela sala apenas ouvindo o que meu amigo tinha a me dizer.

— Não há lenda que alcance a realidade do que há aqui. Há quase um século, desde que o horto foi criado e os mestres descobertos, nós somos seus guardiões. Entenda, Navarro de Andrade tinha as melhores das intenções com seus eucaliptos e paixão pelo avanço do país. Só que, no fundo, na terra desse lugar, já havia algo, havia algo que por acidente se tornou maravilhoso. Navarro, junto de meu tio-avô, Franz Waldmann, fundou uma sociedade para manter tudo aquilo escondido. Assim nasceu a Ordem do Lodo.

Vendo minha expressão de quem não entendera nada, virando os olhos Neto continuou:

— Olha, existem coisas no mundo que as pessoas não acreditam que existam. Quando começamos a revirar o solo dessa região para a construção dos casarões descobrimos um segredo que não deveria ter sido

descoberto. Em alguns pontos dessa região existem portais, portais que nós abrimos por acaso. Desses portais vieram criaturas que não são terrestres e não sabemos de onde elas vêm. Eu não sei como, mas os portais foram fechados, mas não antes que uma boa quantidade de mestres tivesse penetrado a nossa dimensão. O que conseguimos fazer foi guardá-las atrás dessas portas e túneis que foram construídos árdua e rapidamente, com muito suor e sangue derramado. Os túneis que andei com você estão hoje abandonados. Tudo que resta são as câmaras e a Ordem. Nós então mantemos os mestres atrás dessas portas, em um ambiente que lhes agrada e lhes é suficiente. Apesar disso, com o tempo sua vitalidade parece diminuir, então nós as alimentamos.

Sem entender, contestei:

— Por que vocês alimentariam algo que mantém preso? Por que não os deixam morrer?

— Morrer? Não se deve matar algo lindo, algo que dá razão ao nosso viver. Nós aprendemos que mexer onde não se deveria nos faz encontrar deus, mas isso não é para todos. Você não conhece o lema da cidade, *Quieta non movere*? Acontece que tendo descoberto essas exímias criaturas a nossa existência agora tem mais sentido. O mundo não é o que parece e por que deveríamos destruir aquilo que nos dá contato com o fenomenal? Lodosos, é assim que os chamamos. Sim, nossos lindos Lodosos com suas canções esplêndidas e seus ensinamentos sobre a arte da inércia. Venha ver por si mesma.

Então Neto abriu uma daquelas portas. E eu os vi. Em uma sala negra onde parecia não haver tempo ou espaço, estavam dois Lodosos, sem cor, levemente translúcidos, ainda que relativamente antropomórficos. Não tinham pele, mas um líquido viscoso que lembrava o lodo parecia constantemente escorrer e subir novamente por seus corpos. Encontrei seus diversos olhos e então entendi. Ao ouvir sua música, me senti como nunca antes e ainda não há palavras para descrever aquela experiência.

Acordei de meu torpor ao ouvir alguém conversando com Neto e vi que essa pessoa puxava um jovem por uma corda. Dizendo algo que não entendi, o jovem foi empurrado em direção aos Lodosos que, ao estender suas mãos em sua direção o paralisaram e sugaram algo de dentro de seu ser. O rapaz saiu de lá ainda vivo, mas apático, como tantas pessoas que conheço nessa cidade.

Assim, agora nos dividimos: os membros da ordem; as vítimas que nunca saberão por que sua vida é tão descartável; e cidadãos comuns, que nunca desconfiarão do que há nessa cidade.

Agora encontrei uma razão para viver. A energia que recebo desses mestres é suficiente para encher minha vida de propósito e, agora como

membro da Ordem do Lodo, compreendo tudo que Neto quis dizer. Agora, uma vez por mês é meu dia de levar uma vítima para meus mestres, aqueles com quem tive o primeiro contato, e assim todo mês recebo uma dose de inspiração. Cidade quieta, parada. Cidade misteriosa e sublime. Oh, Rio Claro, cidade maravilhosa por ter descoberto tamanha soberania. Quieta non movere.

Nathalia Sorgon Scotuzzi é pesquisadora de literatura fantástica, em especial, a obra de H. P. Lovecraft. É mestre e doutoranda em Estudos Literários (UNESP/FCL-Ar) e, atualmente, investiga como se configura o terror cósmico. É editora na *Diário Macabro* desde 2016 e, quando sobra um tempinho, aventura-se a escrever contos e traduzir.

OLGA GEROMEL FISCHER

ALICE

Minha mãe não queria uma princesa, queria que a filha vivesse muitas aventuras, e por isso meu nome é Alice. De tanto ouvir as histórias da menina que foi parar no País das Maravilhas e, também, do outro lado do espelho, eu, hoje, já não sei diferenciar com exatidão quais foram as aventuras da Alice de carne e osso e quais as da Alice do livro. A Alice do livro nasceu em 1865 e a filha da minha mãe muito depois disso. Hoje, as duas Alices formam uma única Alice de setenta anos: eu.

Quando criança, eu vi um coelho branco apressado, correndo. Movida pela curiosidade infantil, segui o bicho e, entrando no mesmo buraco que ele, descobri um mundo muito diferente do qual até então eu conhecia. Estou lembrando disso porque me parece que estou entrando, hoje, num mundo com leis lógicas tão absurdas quanto as leis do mundo do coelho. O coelho dizia que estava atrasado; ao contrário dele, eu me sinto, hoje, adiantada. Eu acho que setenta anos é cedo demais para chegar neste encontro, que me disseram que eu tenho que ir.

Quando entrei no buraco, vi que havia um túnel, um túnel vertical. Me lembro que eu caía muito devagar. Dava para ver que as paredes eram cobertas de prateleiras repletas de livros. Eu olhava tudo e ainda conseguia pensar. Hoje, estou caindo num poço. Talvez exista um livro em alguma prateleira que possa me ensinar a não me machucar na queda. Claro que tem um livro, claro que é possível sair bem disso. Eu me lembro que quando eu estava entrando no País das Maravilhas eu pensei: poucas coisas são realmente impossíveis.

Eu acho que eu dormi, e hoje já deve ser o amanhã de ontem. Está na hora de tomar o meu remédio. Algum remédio vai funcionar. Eu me lembro que quando estava no País das Maravilhas eu tentei muitas poções antes de achar a poção certa. Eu não vou fazer agora como eu fiz quando estava experimentando as poções. Eu fiquei triste e chorei. Isso só me atrapalhou porque a poção diminuiu o meu tamanho, e eu quase me afoguei nas minhas lágrimas. Não vou chorar porque, mesmo sem poção, eu posso me afogar nas lágrimas. Uma pessoa triste se sente muito pequena diante da vastidão do mundo.

Estou olhando para os porta-retratos em cima do piano. Em cada foto apareço de um jeito. Se hoje a Lagarta do País das Maravilhas me perguntasse novamente “quem é você?”, minha resposta seria a mesma: Eu não sei, eu mudei tanto. O médico deveria se chamar Dr. Lagarta porque insiste na mesma pergunta. Eu até pensei em mudar de médico, mas

depois concluí que seria tão ridículo quanto o que fez a Rainha ao mandar os jardineiros pintarem as rosas brancas com tinta vermelha, só porque não aceitava que as rosas fossem brancas.

A campanha está tocando... Voltei. Era uma pessoa igual a qualquer outra, com dois olhos, um nariz no meio e a boca embaixo. Claro que eu não reconheci quem era, e ela ficou me olhando de boca aberta. Ao vê-la indignada por não ter sido reconhecida, falei a mesma coisa que o Ovo, do outro lado do espelho, me disse: Se você tivesse o nariz dos dois lados da cabeça, a boca no lugar do olho, aí sim, você seria uma pessoa diferente das outras, e eu iria poder me lembrar de você com facilidade.

Meu gato está ronronando. No País das Maravilhas também tinha um gato. Ele tinha um jeito de aparecer e desaparecer que desafiava as leis físicas. Primeiro aparecia, suspenso no ar, um sorriso, e aos poucos, o resto do Gato. Quando o Gato ia embora, acontecia o contrário. O médico disse que devo anotar tudo, que isso vai me ajudar, vai retardar os sintomas desta doença precoce.

Eu acho que todos os rostos conhecidos vão acabar indo embora da minha memória. Esses rostos conhecidos estão indo embora aos poucos, assim como o gato do País das Maravilhas. De alguns rostos partem primeiro os olhos, de outros a boca, mas o inacreditável é que o olhar parte depois dos olhos e o sorriso depois da boca. Estou começando a compreender que a "substância" da vida não é feita de carne e osso, e isso me deixa maravilhada.

Olga Geromel Fischer reside em Rio Claro há mais de trinta anos. Graduada em matemática. Mestre em Educação Matemática pela Unesp de Rio Claro. Leitora voraz. Dedicou-se atualmente a escrever pequenos contos, na maioria inspirados em clássicos da literatura.

PEDRO H. MOUTINHO ZAMPOLLO

PARA VOCÊ EM ALGUM LUGAR

Apegados a filmes fotográficos do passado,
Nós somos engolidos por um timão de argila,
Como se estivéssemos endurecendo com o tempo
A cobrança sobre as palavras não vai ser suficiente
Então gentilmente rabisco com força os rascunhos que encontro
Vai ficar tudo bem, provavelmente alguém vai,
Confiei em uma pessoa invisível
É, hoje estou péssimo, novamente
Estou enxuto através desse visor
Poderia por favor chover sobre mim?
E não importa quantas vezes eu limpe, sempre volta a borrar
Essas letras não alcançam mais nada
Eu dou o meu melhor para trabalhar com palavras vagas
E elas ainda não são suficientes,
Mesmo que tomem forma
Quando é que tudo se tornou tão superficial?
É como se o abstrato nem sequer seja levado em conta.
Por favor, não misture com a chuva
Não quero que essa solução gasta seja desperdiçada novamente.
Tudo que amo desaparece engolido em azul.
Investigações baratas,
Detetives autoproclamados,
Simplesmente se perdem.
As gotas pingando das vitrines estão evaporando
E antes que a chuva pare de uma vez,
Vou guardá-las com cuidado no meu USB.
Me ame a partir disso, algum dia
Eu mordo minha língua e culpo a chuva.
O zero se tornou um pouco solitário
Você não vai voltar, você não pode voltar, eu não posso voltar
Rápido. Mais rápido. Eu preciso ir mais rápido
Até conseguir me tornar assim
Eu prendo desesperadamente a respiração
O descanso de tela que me atrapalhava
De jeito nenhum vou esquecer
Amanhã
Se o meu visor estiver borrado

Será que então você poderia apenas dar um sorriso pra mim?
Para que não borre nunca mais
Espero que essa letra chegue até você algum dia
Eu comparei coisas demais, estava com medo,
Não conseguia fazer nada
Então tentei apelar com cobranças inferiores, a hierarquia de dentro
do meu cérebro.

Só nos deixe dizer “boa noite, durma bem”
Mesmo que seja incerto, nós continuaremos
Esperando no nosso limite
Esse ponteiro continua me perseguindo
Você vai estar me esperando no próximo número, certo?
Seria bom mesmo,
Sendo uma ilusão
É, hoje estou péssimo, novamente
E mesmo que me belisque provavelmente tudo isso já seja um borrão
Desde muito tempo, estive esperando a chuva secar.

Pedro H. Moutinho Zampollo nasceu em São Paulo, mas desde poucos meses de idade criado em Campinas, atualmente, cursando Biologia em Rio Claro e escrevendo às vezes.

RAFAELA FAVARIN SOMERA

.
Dez vezes digo
Dez vezes canto
Dez vezes ouço
Dez vezes grito

Grito o digo
Ouço o canto
Vivo o não vivo
Sinto o que não é
Será que tudo

Não é apenas desejo
De ter dez mil vezes
o que dez vezes
não consigo ser?

.
Moscas voando
Na carniça de concreto
Não verdes pilares
que o impedem de tornar
o mal
que sucumbe às larvas
na servidão do abismo do poder

.
Minha pequena querida
Tão distante e tão minha
Perto estás
mas não se pode ter

Como ser minha
Ao mesmo tempo não ser
Estais aí perdida
Deveras caída

Habita a minha alma
Paixão que grita
Queima querida
Queima
Meu poder sobre ti

.
Seu corpo se perde no meu
Entre caminhos e curvas
Perdidos em sussurros
Sinto a ternura presente na alma

Percebe quanto sou feliz
ao seu lado
Mesmo sendo pura sensação
Sentimento agregado em meu ser

Linhas separam os corpos
Mas em um momento
O dois se torna uno.

Rafaela Favarin Somera, nascida em Rio Claro em 1990, viveu na cidade até ir à São Paulo estudar História na Universidade de São Paulo. Com formação em bacharelado e mestrado em Letras-USP, sempre foi fascinada pelas formas da arte, como a dança, pintura – que sempre fizeram parte de sua vida –, fotografia e poesia. Foi pela poesia que estudou Fernando Pessoa na pós-graduação e que é apaixonada por essa forma de arte.

RANI GOUVEIA

CARTA ABERTA À VIDA

Minha amada,

Acabo de enviar duas cartas para dois grandes conhecidos teus. O Amor e o Tempo me visitaram algumas vezes ao longo desses anos. Trouxeram uma infinidade de momentos e, com eles, trouxeram sentimentos bons e ruins. Eles fazem parte de ti, eu sei. Você toda complexa e tão diferente para diferentes pessoas, não poderias ter contigo seres menos complexos quanto eles.

Eu não te desvendei ainda, acho que ninguém um dia conseguirá realmente. És a mais bela e mais incrível, tu ensinas com o passar do tempo, tens tantas fases e etapas, cada uma com seu ensinamento. Admiro as belezas de suas diferentes formas, estando presente nos seres de diferentes origens. Mas fora tua beleza, agradeço todos os dias por ter-te; és minha amada, sem dúvida. Triste daquele que não te ama como mereces. Por meio de ti, conheci coisas e lugares incríveis, lugares em que estavas presente em cada detalhe: nas cores; no cheiro; em tudo ao redor. A sua complexidade encanta de tal forma que me vejo muitas vezes sem palavras, de tão bom que é por ter-te.

Te ter proporciona uma infinidade de possibilidades; quando valorizada, te renova a cada dia, dá-nos a chance de nos renovar e nos reinventar. És bela, apesar de tanta coisa que te torna meio difícil às vezes. Mas tuas possibilidades, o simples fato de existir, dá até aos menos afortunados a possibilidade de vencer, crescer, reinventar-se, sorrir... acreditas? Tu tens o poder de fazer sorrir por simplesmente existir, por termos a ti. Saiba que não sou a única que te acha assim tão bela. Já vi pessoas com lágrimas nos olhos e feridas profundas, dizerem que tu és importante apesar de qualquer coisa. Já vi a dor personificada, até mesmo a frustração, dizer que “tudo bem, ela é bela mesmo assim, ela traz momentos bons e ruins, mas nos dá todo dia a chance de correr atrás”. Já vi também, infelizmente, pessoas que deixaram de enxergar tua beleza e decidiram por não te ter mais; é louco isso, tu és tão complexa que cada um te enxerga de uma forma totalmente diferente. Uns como presente, outros como punição. Mas saibas de uma coisa: És única e os teus muitos caminhos espero trilhar da melhor forma possível e com toda a confiança de que podes sempre ser melhor.

(texto retirado do livro Garota Astronauta)

A VIDA PEDE PRESSA

A vida cobra velocidade, entendimento, nos atropela e nos faz caminhar a tropicões e passos rápidos. Passamos a nos cobrar também, estabilidade, sabedoria, maturidade e felicidade. O tempo passa, a gente cresce, a vida ensina a amar, sofrer, superar e se entender. E tudo que vivemos anteriormente nos acompanha no caminho, quando viver no mundo da lua já não é mais opção, como se houvesse uma poeira (resquícios) do que passamos... nos ensinando todos os dias um pouco mais, pois cada coisa que vivemos e sentimentos ao longo dos anos, nos formou em quem somos. A vida vai passando e tudo que nos resta é ter calma com nós mesmos.

(texto retirado do livro Garota Astronauta)

Rani Gouveia nasceu em 1997, mas poderia facilmente ter nascido em 1970 (para ser adolescente nos anos 80 e curtir muito uma discoteca usando boca de sino). Publicou o primeiro livro intitulado Garota Astronauta, em 2020, com um compilado de textos do seu antigo blog. Mas foi em 2021, que lançou seu primeiro romance, "No meu caos, ela", que tem todas as características que mais gosta de colocar em seus livros: muito drama, pitadas de ação e reviravoltas emocionantes.

RAPHAEL CARBINATTO DIAS

MAD GOD E A ESPIRAL DO SOFRIMENTO

Mais um ano, mais uma tentativa, mais uma primeira resenha que vai falar de muita

coisa aleatória antes de falar do filme. Sendo sincero, acho que nem mesmo eu tenho a esperança de conseguir assistir um número perto dos 31 filmes que almejo. Mas, hoje em dia, acho que o importante é tentar. A vivência diária, com suas dificuldades de sempre, necessitam que essas pequenas atividades, vinculadas a pequenos objetivos, sejam perseguidas.

Esse olhar é muito informado pela minha depressão, doença que me aflige por mais que metade da minha vida, e também pelo meu atual estado emocional, que está, digamos, fragilizado. Recentemente, trabalho em excesso, erros idiotas, fraquezas emocionais e pouca resiliência fizeram com que me afundasse numa poça de auto-ódio, machucando não só a mim como também as pessoas próximas de mim. Tive comportamentos injustos, egoístas e, infelizmente, recorrentes na minha vida. E, por incrível que pareça, consegui enxergar um pouco disso no filme que assisti hoje, Mad God.

Lançado em 2021, mas imaginado há mais de 30 anos, Mad God é o projeto da vida de Phil Tippett, artista de efeitos especiais que já trabalhou em vários filmes. A especialidade de Tippett se dá na modalidade do stop motion, técnica que é empregada quase que na totalidade desse filme. Estava completamente ignorante disso quando optei por assistir esse filme e me peguei tentando decifrar se o filme era em stop motion ou computação gráfica — demorei um pouco, mas eventualmente me dei conta de que se tratava da primeira opção.

Stop motion é uma das técnicas mais antigas da indústria dos efeitos especiais, usando a fotografia como seu principal elemento. Os objetos são fotografados, movidos e então fotografados novamente. Esse processo é repetido até toda a animação ser concluída, quando então as fotografias são utilizadas para compor as cenas. É um conceito similar ao das animações em flipbook; aquelas nas quais desenhos em um livro se movimentam ao folhear as páginas rapidamente. Já tive a experiência de fazer uma animação em stop motion e, mesmo sendo um curta-metragem muito simples, posso afirmar que é um processo extremamente árduo e cansativo. Então, ao menos pelo aspecto técnico, é impossível não ficar boquiaberto com a maestria que é demonstrada em Mad God.

Tippett também é um experiente designer, sobretudo de criaturas, e muitas das aberrações que aparecem ao longo do filme são aterrorizantes, usando elementos de anatomia humana, animal, elementos escatológicos... É uma miríade de bizarrices, gerando constrangimento, confusão e medo.

Os cenários e situações variam entre as seções do filme, mas pen- dem em especial para os mais sombrios, niilistas e bizarros possíveis. Inicialmente vemos uma longa descida por civilizações e cavernas con- fusas, depois estranhas comunidades que realizam atividades braçais com propósitos incertos, uma cidade desolada pela guerra que está acontecendo no deserto adjacente, o macabro lar de um alquimista. A animação por stop motion dá um ar ainda mais sobrenatural para tudo isso, como um véu artificial sobre a suposta naturalidade dos mundos que estão nos sendo apresentados.

Talvez seja evidente que ainda não mencionei o enredo do filme, seus personagens e outras características corriqueiras. Isso se dá porque *Mad God*, na verdade, não tem isso como seu foco. Não chega a ser uma obra completamente abstrata e há histórias e personagens em seu meio (apesar de sem muita substância), mas é um filme sobretudo técnico e sensorial. Apesar de tematicamente distante, me lembrei muito de *Sonhos* (1990) de Akira Kurosawa. Nele, o mestre japonês representou alguns sonhos recorrentes que tinha, resultando na experiência mais surrealista de sua carreira. Em contraste, acredito que *Mad God* apresenta os pesadelos que Phil Tippett teve ao longo dos 30 anos em que o projeto cozinhou em sua mente.

Não posso embasar essa afirmação, mas o surrealismo e absurdismo do que é apresentado no filme, juntamente ao título, me levam à interpretação de que Tippett se vê nesse papel de deus insano. Onipotente, cria situações terríveis a seu bel-prazer, alimentando-as com todos os sombrios devaneios que surgem em sua insanidade.

Ao longo do filme, também fui lembrado do *Inferno* de Dante, no qual os pecadores são separados em nove círculos distintos, com os habitantes dos mais profundos sofrendo punições mais severas. *Mad God* não apresenta uma progressão de sofrimento conforme nos aprofundamos em seu mundo, mas seus habitantes levam vidas aparentemente cíclicas, tortuosas. Foi quando me dei conta dessa temática cíclica do filme que vi-me um pouco nele.

Como disse no começo, muito dos males que passo vem de atitudes errôneas e recorrentes. Independente da causa ou do quão justificada ela possa ser ou parecer em dado momento, independente do fato de que possuo noção dos problemas, suas possíveis soluções e formas de lidar... Ainda me pego nesse ciclo. É uma espiral de sofrimento que nos leva ao ódio, à violência.

Mad God não possui um final feliz; longe disso, o final simplesmente mostra que a espiral não tem fim. O ciclo não tem fim. O sofrimento dos seres que vislumbramos ao longo da duração do filme persistirá — talvez em outros formatos, mas ele estará ali. O universo envisioned por Phil Tippett, seus pesadelos e devaneios enquanto deus dele, está fadado a correr essa espiral por toda a eternidade. Mas, felizmente, não faço parte desse universo.

Ver os estranhos habitantes do mundo de Mad God servindo esse propósito vazio, simplesmente perpetuando a violência interna e externa pela qual passam, ajudou-me a refletir um pouco sobre minha própria vida. Refletir sobre como, apesar da aparente futilidade de certas ações ou acontecimentos no dia a dia, não estou preso nessa espiral. Eu posso, com esforço suficiente, sair dela. Está longe de ser fácil, mas aos poucos, com cada pequeno objetivo, vou conseguir.

Causar uma reflexão, para mim, é um dos sinais exemplares de uma essencial obra de arte, e só tenho a agradecer pelo acaso de ter escolhido assistir esse filme no dia em que o fiz.

Raphael Carbinatto Dias é formado em Cinema e Audiovisual, tendo sempre se identificado com a arte da escrita. Acostumado a produzir roteiros cinematográficos, logo viu que tinha um gosto ainda maior por textos de caráter crítico como resenhas e ensaios, passando então a desenvolver sua escrita nessas áreas. Atualmente trabalha como fotógrafo cultural em Rio Claro.

RODRIGO GOMES LOBO

ELEGIA PARA VÓ DININHA

Saravá, Vó Dininha!
Bisavó mãe-de-terreiro.
De tantos filhos.
De fé.

Foi na força poderosa das rezas e das velas
que ajudou muita gente.
O Senhor fez dela instrumento de paz:
deu passagem a vários Guias de luz.
Fez benzimentos para cortar medo de pesadelo nas crianças.

Natalina, ela escondia sua idade e batia bingo de cartela cheia e cinquina.
Fez macarronada, pudim de pão e bolo para deixar saudade em mim,
seu neto que chora
e reza no congá
e lembra
e chora mais ainda...

A sineta do céu bateu.
Oxalá disse que era hora.
Ela se foi.
Fica com Deus e Nossa Senhora.

Prajinquem tem fé.
Prajinquem não tem.

O QUE HÁ NO TERREIRO

Xingam de macumba o que há de nagô
nos tambores da minha família
sem saber que macumba
não é xingamento para os iorubás.

Xingam Xangô
quebrando o respeito que rege o terreiro de gira.

Minha família de macumbeiro tem tio rico que deu certo na vida.
Tem maconheiro e crackeiro,
tem dondoca,
evangélico,
estátua de exú na garrafa de vidro.
Tem bastante gente cuidando de gente.
Tem bastante gente descuidando de ser gente também ao fofocar
das feridas.

No terreiro, Rita Lee de Cássia já papeou com Sete Estrelas.
No terreiro, a criança faz médium austero
sorrir e distribuir bala e benzer de joelhos.

No terreiro, o porteiro do clube do sindicato
incorpora um caboclo boiadeiro
no aparelho que adora as almas.

No terreiro, Dona Santa dorme serena
aquecida de sete cobertores
entre Sete-Capas
e suas sete Pomba-Giras.

No terreiro, tem o médium ensurdecido.
No terreiro, tem o couro endurecido do bатуque cupinchado.
No terreiro, resta a mão estropiada de tanto tocar ponto pra santo.
No terreiro, todos tem concentração nos conselhos benzidos.

A macumba da minha família despista chamando umbanda de
centro espírita.

Chama quimbanda de linha de esquerda.
Faz fundanga explodindo círculo de pólvora numa fumaça que purifica.

A macumba da minha família tem espírito de gato preto atropelado e desfigurado e sacralizado e estatelado, comendo carne crua com vinho, no chão de cimento queimado.

No terreiro, tem coisa falada no engringolado mascado que inventa trava-língua.

No terreiro, tem Erê tão pequeno que quando vêm do Olorum só faz chorar o ogã barbudão.

No terreiro, tem receita de garrafada de boteco para o povo da rua.

No terreiro, tem coração de doce de abóbora para Cosme e Damião.

Cristo também arreia no santo terreiro.

Cristo nosso senhor Jesus Preto menino no Egito, papeando com sábios matreiros.

São João Batista Xangô ensinou o batismo ao nazareno que faleceu no desmazelo,

em louvor de encanto para assim orixá continuar sendo.

Ogunhê contra os engenhos romanos de tortura!

Ogunhê contra os livros pregados no sermão do ódio!

A macumba da minha família resolve demanda em conversa gritada ao pé dos tambores.

Os covardes xingam a mironga porque a mironga impõem sua magia.

Senão, pra quê o pontapé contra o despacho e sua bonita chama que brilha?

Não há cruzada que acabe com todos os alguidares e suas velas pretas e vermelhas

nas esquinas.

Nas encruzilhadas, a oferenda alimenta com farofa quem ali passar com fome de vida.

Rodrigo Gomes Lobo, 39, nasceu e mora em Rio Claro, na borda da floresta antigamente chamada de "horto". Escreve sobre a espiritualidade da cidade, com um olhar cômico, crítico e multi-religioso.

ROGÉRIO ANTONIO DE OLIVEIRA

O LIVRO

Assassinaram o sábio!

Ainda pude ver a última pedra atingindo o corpo inerte do velho, tingindo-a de vermelho sujo, a depositar-se junto às outras que ficaram tão avermelhadas quanto ela. Assim tudo se tornou pedra, púrpura e silêncio.

Esperavam temerosos que algo acontecesse, que os elementos se revoltassem e o mar tragasse a todos com ondas negras. Ou que as montanhas rolassem suas rochas e servissem à vingança. Mas tudo continuou pedra, púrpura e silêncio.

Arrojaram-se então sobre o Livro, arrancando-o dos dedos esfacelados do velho e gritando insanamente, tingindo também os seus pés de púrpura. Ergueram sobre as cabeças o Livro e gritaram: Agora a sabedoria é de todos! Agora a sabedoria é de todos! E foi-se a turba, deixando em seu lugar terror e vazio.

Aproximei-me com cuidado, para não tingir os joelhos de púrpura, e olhei com saudades a face disforme do sábio. Não sentia tristeza nem horror, apenas saudades da voz e da verdade que enebriavam minha alma. Tantos como eu saíam de suas casas, somente para encontrar o sábio, e pedir que ele abrisse o Livro e lesse para nós. Era como bater à porta do Criador.

Ele sorria, perguntava qual era nosso temor e abria o Livro, falando longa e pausadamente durante horas. Falava de Deus e nos sentíamos deuses. Falava da Verdade e nos sentíamos sábios. Falava da Esperança e já voltávamos para nossas casas como imortais. Não escolhia a quem falar, nem nunca interrompeu sua fala porque estivesse cansado ou sedento. Nunca era cedo demais, ou tarde demais. Nada havia que não soubesse ou mistério que deixasse de o ser, depois que ele falasse. Quem o olhava dizia: Lá vai o sábio e seu Livro.

Pensando bem, fora por causa do Livro que ele havia sido transformado em pedra, púrpura e silêncio. Com o passar dos anos, alguns começaram a desejar conhecer o seu Livro e pediam que ele o mostrasse. Mas com o mesmo sorriso com que falava, dizia que não era possível para ninguém lê-lo, apenas ele. Insistiam com o sábio e este dava a mesma resposta. Como o temiam, nunca desrespeitaram sua vontade. Muitos anos se passaram no convívio do sábio. Mas parece que mesmo o medo envelhece e morre, pensei.

Voltei-me para onde todos haviam saído e passei a procurá-los, não demorando muito a encontrar o lugar onde se reuniram, depois do

crime. Era um elevado largo à beira do penhasco. Encontrei seguindo as marcas dos pés da multidão, porém não havia ninguém ali.

Somente o Livro. Estava sobre uma pedra larga como um altar, fechado. Procurei com meu olhar pela multidão mas todos haviam desaparecido. Senti-me corajoso e curioso e abri o Livro, olhando de vez em quando para ver se alguém aparecia. Sua capa de couro grossa dobrou-se facilmente e pude ver seu interior.

Eram páginas de linho fino, brancas. Em branco. Estavam marcadas apenas pelas bordas, completamente puídas pelo constante folhear dos dedos. Fui virando as folhas com avidez e assombro, procurando por algo escrito. Finalmente encontrei, na última página.

Dizia lacônico, em antiga caligrafia: “Se pudéssemos encerrar a Verdade e a Sabedoria em tinta e folhas vazias, teria fracassado Deus em depositar Suas memórias no coração do ser humano”.

Fechei o Livro e atônito fui até a borda do penhasco. Olhei para o fundo.

Tudo era pedra, púrpura e silêncio.

Rogério Antonio de Oliveira tem 55 anos, mesmo tendo vivido em muitos lugares distantes, nasceu em Rio Claro e para cá retornou. Origem e reflexão sobre a existência exigem que retornemos para casa, sempre. Escrever, de alguma forma, é a mistura de lembrança e esquecimento, de tudo aquilo que lemos, vivemos, amamos.

SAMUEL CHAGAS

CAMINHO DA ROÇA

Na nascente que já às tantas ia formando um pequeno brejo ao redor da entrada para a chacinha, o primeiro raio que inaugurava a manhã batia um quanto reluzente. Ao contrário do que se costumava assistir, o espetáculo de veraneio dava lugar, por aquele tempo de fim de abril, às ventosidades do inverno que ficava à espreita.

Ao pé-de-urucum nos fundos do lote, a grama verde tentava proteger a raiz da friaca que a cepa frívola assoprada pelo vento, pelo campo caminhava. As bananeiras pouco pareciam se importar com o dilúvio de ar frio que entornava para fora as pequenas névoas de cerrado que jaziam em toda a relva. As flores, pobres coitadas, relutavam com seus botões para manterem-se firmes ao gelo. Atrás dos tijolos do casebre, avistava-se um pequeno caminho de roça que cruzava todo o terreno e desembocava numa porteira feita de paus com um arame mal empunhado.

“Deus é bom o tempo todo”, dizia ele, quando ao descer do carro – um fusca de um amarelo ofuscado pelas mazelas do tempo – se dirigia à cerca. “Essa merda ainda há de me machucar”, e pensava já se censurando quando na volta tangia os pensamentos à fonte-mor das divindades daquela terra de gente crente. O carro, agora engatado, ia cantarolando o pio do motor. Passava-se um terço do lote, e trepada na cerca a viuvinha esperava ele descer.

“Ô bixinha, ocê tá aí?”, perguntava ele para o bichinho. Rasante, um cama-de-gato assustava a pobrezinha, e como se nadasse entre as ventas, quem olhasse dava nota para o selvagem artista. “Bicho escroto”, e olhava com desgosto para a árvore que se encarava longe. Um tipo longo, com braços retorcidos, ramificados, lembrando a copa dum pinheiro, onde rainhas-do-sol, camas-de-gato, quero-queiros e demais passarinhadas dormiam às escondidas das velhas raposas que comiam as galinhas. “Mas eu ainda ei de lhe catar pelo chumbo”, rasgava o verbo ele.

Não se demorava muito aparecia, do alto do montezinho que ia se esfarelando a estrada em pequenos entulhos de pedras e azulejos, dejetados pelo caminhão que plainava toda a ruazinha que ficava em frente ao lote, uma moça muito da bonita que se achegava num destes golzinhos de motor – como se dizia – milzinho. Ele, de jaquetão, a barba pouco rala que se misturava aos cabelos do peito na camisa de flanela, parava a fitar a mocinha que desajeitadamente dirigia a carroceria daqueles tempos.

“Opa!”, garganteava ele. Encostado o carrinho, ela primeiro descia um pé depois outro, sempre delicados, roçando-os um no outro como de costume, e metia-os nas sandálias de couro barato compradas na cidade, os pés enfiados em meia de lã. “Vim cedo”, “Eu bem vi”, conversavam após trocarem no rosto um beijo seco pelo frio. “Vou ali esquentar lenha”, dizia enquanto ela sentava as sacolas nas cadeiras que ficavam debaixo do rancho.

O forno compunha-se de outras duas câmaras para cozinhar com panelas e assar na brasa. De machado na mão, ele deitava a lenha ao corte do maroto. A cada machadada, ela apenas olhava-o no contorno do braço descoberto pelas mangas arregaçadas da camisa, que fazia-lhe os pelos da nuca pularem. Uma, duas, três, quatro. “Pronto. Temos lenha pra assar o pão e esquentar a água. Você passa o café?”, “Por que não?”, e ia ela ao encontro do balde de alumínio dum prateado bonito que ficava em pé na mureta do poço, nos fundos do lote.

As pernas metidas nas calças dum jeans que lembravam o céu no azul de verão, o passinho sempre desengonçando pra um lado do trejeito de andar, ele a observava, as costas do traseiro gorduroso que mexia como das éguas que marchavam por ali. E como que soubesse, e fizesse por pura e espontânea vontade de seduzi-lo, ela virava os olhos de relance pelas costas, como quem quer pegar um moleque sacando doce na despensa da cozinha. Sem jeito, ele fingia que apertava os olhos, sem saber o que estivesse olhando, com luvas às mãos para amassar o cabo da machadinha, e recolhia para fora o maço de cigarros para pitar unzinho.

No canto do sorriso dela, a curvinha que brincava com a maçã do rosto, voltava para o que estava fazendo e descia o balde até a água fria do poço. De volta a ele, entregava-lhe o balde ao que ele o aceitava com a mão quente sobre a dela. “O caneco tá ali”, apontava pra ela um canecão estendido sobre um louceiro. Acompanhando de volta o passinho da potranca, ele ia aprontando a lenha. Com o papel em combuca, fazia uma piscina de óleo de banha do porco comido ainda outro dia. Chamuscava o papel com as chamas do isqueiro e transformava em labaredas os recortes da lenha seca do sitiozinho.

Com ela preparando a água, ele se sentava à luz do sol que saía agora entre as ventas e metia-lhe mais um cigarro entre os lábios secos. De pernas cruzadas na cadeira de madeira, ele abria o jornal e começava a ler. Ao longe, vez ou outra para descansar a vista da gazeta, avistava o brejo que ia se assentando em torno do terreninho. “É mesmo uma puta merda.” De cinzeiro a mão, tornava o cigarro para deixar ali as cinzas e respirava-o a boca depois de fazer o gesto. Não gostava do

descuido do vizinho. Mas, não se zangava de todo, pois, ali havia a mulher para lhe tirar um sôfrego parafuso qualquer da cabeça.

Samuel Chagas, nascido em 1995, é jornalista formado pelas Faculdades Integradas Hélio Alonso, no Rio de Janeiro. Embora carioca de berço, morou em Rio Claro por dez anos, onde completou o Fundamental e Ensino Médio. Amante da música por influência familiar, também descobriu o gosto pela escrita com Histórias em Quadrinhos e Clássicos da Literatura.

SELMA DELIMA

ARMAZÉM DA AVENIDA 7

(à família Barsotti)

Passos alegres marcaram
no assoalho da sala
risos amplos
que a vida determinou
num metrônomo.
Acertavam-se
arestas em longas conversas
no café da tarde
entre parentes, amigos e partituras.

Janelões se abriam
para o sol e o sabor
das azeitonas
do armazém.
Corria pelos cotovelos a
água salgada. . . risos infantis eram
encobertos por trás da cortina
e abafados por Beethoven
que separava
as pausas
dos bemóis
do susto em si.
Era só um suspiro!
e a vida voltava ao normal.

O TEAR DE DEUS

O avesso ainda será perfeito
porque a vida
é como bordado
e renda de bilro
casulo e teia
ninho e flor
pérola e concha
arquitetura trançada
no tear preciso de Deus.
E
quanto de tato
precisa-se
pra tecer fios de seda
ao longo do tempo!
Desfazer os nós
que nos ata ao eu.
Refazer laços frouxos,
porque o que queremos
são abraços apertados
e
para com as mãos livres de anseios,
urdir a paz que cabe a nós por direito.

Selma Delima é poetisa, ilustradora intuitiva e Arteterapeuta, nascida em 1961. Em seu currículo estão: premiações em concursos literários, inserções de poemas em mídias sociais, participação ativa nos anos 80 em Grupos Alternativos de Poesia, nos estados de SP e SE. Atualmente, engajada num grupo de mulheres do lambe @papel.mulher e publicação em parceria do Livro "A Colheita das Mandalas".

STHEFANI FERRAZOLI

SONETO DA DESILUSÃO

Eu fiz a poesia como forma de calma-
ria.
Forma de melodia.
Deslumbrando o meu amor.
Aquele que sonhei nunca diminuísse.

Escrevi uma poesia formal.
Métricas e metáforas formavam o neologismo, só me esqueci que
você nunca valeu uma rima.
Nunca soube interpretar, era a mais pura, pensei que pelo menos
consideraria.
Camuflei em poema para a elite, já que foi maior redondilha.

Apanhei de letras e métricas para entender que eufemismo nunca
foi seu forte.
Sempre estive no arcadismo.
Aquele que um dia, fui dócil.

Hoje, espero não encontrar pleonasmo no meio dos versos.
Não saberei suportar hipérboles depois de virgulas.
No Romantismo já não me encontro mais.

PAPEL RABISCADO

Me deslumbrei na minha última carta de amor que escrevi,
Fantasiei um livro,
Com diversas cartas de amor,
Pensei tanto antes de pontuar,
Acabei utilizando mais vírgulas,
Nunca soube usar a pontuação corretamente,
Uma vida repleta de ciclos,
Me esqueci de pontos finais,
Me deslumbrei em travessões -
Esses que simulavam diálogos -
Transformados em peças teatrais, referentes ao lado triste da máscara,
Contei todas as palavras das minhas cartas de amor,
Percebi que não faziam sentido,
Pareciam vazias,
Não estranhei,
Virgulas servem para isolar rabiscos,
Rasguei meu coração para escrever todas as cartas de amor.
Pensei em reescrever a última delas.
Dada a você.
O único problema é que nunca foram cartas de amor.

Sthefani Ferrazoli é rio-clarense, nascida em 18/06/2004. Começou a escrever os primeiros versos na escola e se descobriu poeta, amante de romances e de poesia.

TEREZINHA REGINA LORENZON RODRIGUES

AS PIPAS NO AR

Olha as pipas no ar.
Elas dançam pra lá e pra cá.
Balançam na sintonia dos ventos.
Sustentadas por uma simples linha, ficam lá.
Guiadas por meninos oferecem encantamento.
O céu ganha cores.
O firmamento torna-se palco de linda coreografia.
Encanta os espectadores
Era assim nos meus tempos de infância.
Brincadeira sadia.
Proporcionava prazer, alegria.
A brincadeira foi corrompida.
As rabiolas fazendo acrobacias não tem mais valia.
Foi substituída pela queda vertiginosa da pipa, causada pela linha cortante.
A mesma linha que sustenta a beleza no ar, tornou-se arma mortal.
Que pena...meninos voltem a enxergar a beleza das pipas no ar.

VIAGEM

Hoje acordei viajando, sem sair de casa.

Aquela viagem que não precisamos de carro, de trem, de avião.

Vamos com nossas próprias asas, bem acompanhadas da imaginação.

O céu tá do azul mais lindo que já vi.

Vejo montanhas, vales, de vários tons de verde, parecem tapetes, assim os percebi.

Tem outras cores variadas, são os flamboyants, vermelhos, alaranjados, os ipês amarelo, roxo, branco.

Meus olhos estão cheios de encantamento, meus cabelos balançando com o vento.

Lá embaixo contemplo passarinhos, um bando de baitacas, verdinhas, barulhentas.

Beijando as flores, lindos colibris.

Depois de tanta beleza da natureza, mudo de rumo e me vejo por dentro.

Primeiro vejo minhas alegrias, meus pais, meu casamento.

Aprecio o nascimento dos meus filhos, das minhas netas, família em crescimento.

Tem alguns cantinhos mais escuros, cor de luto, esses faço de conta que não os vejo.

Hoje é dia de olhar só para as coisas belas e boas, por hora é isso que almejo.

Minha imaginação me proporcionou essa viagem, que agora escrevo.

Terezinha Regina Lorenzon Rodrigues nascida em Rio Claro - SP, bibliotecária de formação, exerceu sua profissão na Biblioteca do Campus de Rio Claro – UNESP. Atualmente é escritora, poetisa, autora de Alinhavos de Bem Querer, publicado em 2022, e Sou a Margarida, livro infantil, diferenciado (no prelo).

VAIL JOSÉ SANT'ANNA

O QUINTAL DA CASA DE MINHA AVÓ

Lembro das partidas disputadas
no estreito corredor
Mais aos fundos,
o chão de terra batida,
me recordo sonhador.
No começo do chão de terra,
um baixinho limoeiro,
mais ao fundo
um pequeno rancho,
ao lado tinha um canteiro.
Saudoso hoje revivo
as disputas acirradas,
Dribles e belos gols,
times de irmãos e primos,
a "torcida" inflamada.
Da sombra gostosa da tarde,
eis ali o limoeiro,
testemunha da fantasia,
e das geladas limonadas,
solitário companheiro.
O canteiro de plantas,
palco de índios e soldados,
miniaturas de brinquedo,
em batalhas davam vida,
a heróis imaginados.
O barco na chuva,
as tormentas enfrentava,
nas poças do quintal,
o frasco de shampoo,
valente navegava.
O pequeno rancho,
uma nave espacial;
um planeta, um castelo;

ontem sonhos de menino;
hoje sublimes lembranças,
desse mundo especial!!!

Vail José Sant'Anna escreve contos e crônicas e, às vezes, tenta cavar o coração e escrever poesia. Na quinta série, escreveu sobre a Praça da Santa Cruz e ganhou um Certificado e um livro, como uma das cinco melhores redações de Rio Claro. Teve duas poesias publicadas em um Concurso Nacional de Novos Poetas e recebeu o Segundo Lugar no Concurso de Poesias do Dia da Cidade de Rio Claro, em que falava sobre a Estação Ferroviária, organizado pelo Gabinete de Leitura.

VERENA VENANCIO

O CAFÉ

Era cedo, muito cedo, quando Juliana levantou. A lua ainda brilhava no azul do céu. Acendeu o fogo com a lenha que restava. Aqueceu o pouco da água para fazer o café. Sentou-se na única cadeira que havia no cômodo, olhou em volta. Casa pequena, dois cômodos na imensidão do verde, agora cinza. Chão batido, paredes de pau a pique, teto de palha. Bebeu o café. Sorveu cada gole como se fosse ouro. A cadeira rangia, balançava. O olhar de Juliana continuava a percorrer o ambiente. O fogo se extinguia. Panelas vazias. Latas vazias. Armário vazio. O café era o último alimento. Levantou, olhou através da janela. O amanhecer vagarosamente se abria diante de seus olhos. Pegou a vassoura, varreu a porta da casa. Silêncio. Voltou a olhar a casa, profunda e pausadamente, como se quisesse absorver cada canto para si. Na cozinha, o fogão à lenha, já sem lenha. Um armário de madeira, velho, quebrado. Uma pequena mesa com a única cadeira. A pia, pequena, com um pedaço de sabão em cima e a caneca em que bebera o café. No quarto, a cama em que dormia. Colchão de palha, lençóis velhos e gastos. Um guarda-roupa sem portas, com as poucas roupas que tinha. Olhou os bolsos, vazios. Uma pequena televisão de quatorze polegadas, preto e branco. Juliana sentiu uma lágrima cair de seus olhos. O coração suspirou. Ainda havia café. Passou o resto da água da caneca e derramou ali os últimos goles do café. Levou a cadeira até a porta que dava vista ao campo. Sentou-se. Bebeu aquelas últimas gotas do café. Ficou ali, a olhar o horizonte. Sentiu uma nuvem envolver seus olhos e eles se fecharem vagarosamente, assim como o raiar do dia.

[Piracicaba-SP 06/07/07]

IMPOSSÍVEL AMOR

(Narigada da música Estrela do Mar - Dalva de Oliveira)

Era um amor
Impossível de ser.
Ninguém acreditava
Que poderia acontecer.
Ele, tão pequeno e frágil,
Ela, grandiosa,
No firmamento, majestosa.
Enquanto a admirava
Apenas com o coração sonhava,
Que aquele amor brotara
Pela sua beleza rara.
Nunca tinha visto,
Igual estrela mais bela,
Logo ele, um simples grão da terra.
Sonhou por várias noites
Aquele amor figurante
Dele, tão distante.
Será que ela assim o via?
Um simples grão passante
Que o vento logo levaria?
Mas o destino lhe reservava
Uma dádiva da vida.
O amor venceu a distância tão temida.
Ninguém soube o roteiro,
O que aconteceu,
Mas viu-se o fruto
Daquele amor que ao impossível sobreviveu.

O PODER DO CAFÉ

Quero molhar no café, os meus lábios.
Regá-los com chantilly,
sugar o aroma deste fruto.
Embebedar-me com o cheiro da bebida.
Não importa o que digam,
mastigo o grão e o saboreio.
Planto a semente e a espero crescer,
rego-a com água.
O amor faz parte do meu ser.
Com açúcar, creme, ou simplesmente puro,
é fantástico sentir o poder do café
em meus poros ardentes, feito maré.
E minha garganta ainda que seca,
em contato com o precioso líquido
torna-se suave e melancólica.
Destila em minha alma,
a doce e apaixonante calma.

Verena Venancio é professora, formada pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em Letras Português/Inglês (1996). Desde 2005 é professora efetiva no Estado de São Paulo. Possui, ainda, certificação em ministração – Oficina de Contos – pelas Faculdades Asser. É presidente do Centro Literário Ipsis Litteris, em Rio Claro-SP.

VIRGILIO DE OLIVEIRA JUNIOR

A COLHEITA

Brilhando diante de mim,
com as asas resplandecentes,
o anjo, com a voz de sutil trovão, falou:
— Erga-te e colha os frutos de teu jardim!
Me ergui e fui à colheita dos frutos.
Mas, os frutos estavam podres.
Eu os colhi mesmo assim.
Tive nojo, porém.
Larguei-os. E fugi, já estando sujo.
E onde me escondi,
o cheiro ainda me incomodava.

Novamente, o anjo me apareceu e disse:
— Erga-te e volte ao jardim.
O teu destino é colher aqueles frutos.
Respondi: Não tenho força!
O anjo altivo, brilhante, ordenou: Vá!
E fui. E recolhi os frutos podres.
E já não tinha mais nojo.
Havia compreendido
Estar vencida a surpresa
e que eu havia perdido a inocência.

O anjo me apareceu pela vez terceira.
Pareceu-me estar sorrindo.
Havia nele piedade.
E, em mim, as marcas da colheita.

AS OVELHAS

O mundo tem segredos de guerra e de ódio.
a vida está desavisada dos planos dos generais
dos facinoras e dos missionários da libertação.

Como esperar que sejam salvas as ovelhas
que labutam no dia a dia em silêncio
com o rosto da fome e os passos da escravidão?

As ruas da cidade escondem armadilhas.
As praças visitadas por viciados e traficantes
as crianças, como podem ter ilusão?

Não se vire à esquerda ou à direita
olhos traiçoeiros te espreitam, olhos do mal,
pois que olhos do mal são.

Humildemente siga a rota das ovelhas,
sem indagar sem blasfemar nem correr,
indo assim sem nenhuma direção.

E quando estiveres cansado de andar,
pisando esse chão duro e inaproveitável,
não olhes para trás, com saudade, não!

O teu corpo poderá ser petrificado
e a tua alma esquecida nesse canto,
escondido de toda e qualquer oração.

Virgílio de Oliveira Junior, nascido em Rio Claro, em 23/05/49, é filho de Virgílio (portiguar) e Élide (rio-clarense). Neto da bela Amélia Correa. Aluno do 'Joaquim Ribeiro'. Formado em Direito pela PUC-SP, em 1974. Magistrado desde 1982. Casado com Jonize e pai de Rachel e João Lucas. Planeja editar o livro de poesias – Cantos Diversos.

VIVIAN GUILHERME

ALEATÓRIOS

se é possível ser alegre o tempo inteiro, não é. o riso turvo a alma triste. repleta do amargor da vida que se espalha pelas possibilidades do que não foi. nunca é. e apesar de tudo que poderia ter sido. há aí, a possibilidade do que foi. e aqui onde todas as coisas são. o são simplesmente por ser. e o sentido do que encontro, nas brechas, nas pequenezas. nelas sou. elas são.

SOPRO

Sobe o sopro
Sob um sopro
Sabe eu soffro
Mais um sopro
que já se foi
Em vida soffro
Sobro e corro
Sopro de vida
Mais um outro
como eu soffro
Já tão oco
Um tão pouco
Oh, eu morro
Assim tão louco
Que o grito é mouco
Sabe o sopro?
Por ele soffro,
por ele morro,
Por ele pouco,
Eu que sou oco
Te deixo ir...

POR MUITO TEMPO

Eu sabia desde a primeira vez que vi aqueles olhos: iria durar por muito tempo. E não seria o muito tempo do “felizes para sempre”, nem o muito tempo dos casais de velhinhos na porta das casas, seria o muito tempo daquilo que não seria nunca.

Não porque ele era um cara super inteligente e hiper descolado, ou porque mandava flores, falava poemas, cantava bonito, nada disso...era só porque eu tinha decidido que não queria ficar com ninguém, mas quando olhei lá dentro, vi que era ele mesmo. Não o cara pra ficar até morrer, ou morrer até ficar... mas o cara que eu nunca iria ficar até morrer. Bem complexo assim.

Complexo como o que eu senti, complexo como o que eu sinto e como nós somos quando estamos juntos. E aí, eu sei que eu não quero estar com ele até morrer, porque, afinal, ele não é um cara super príncipe encantado e não tem cavalo branco e tem um péssimo gosto musical. E, na verdade, tudo isso não importa, porque o maior problema é que ele não soube que iríamos durar por muito tempo quando olhou nos meus olhos. E então eu disse: “parece que eu te conheço faz tanto tempo”.

E dói. Não dor de amor, pra rimar com flor. Dor de saber que podia ser aquilo que eu esperava que fosse ser, mas que não vai ser. Dor de tentar dizer que não é pra ser e não conseguir entender. Dói de doer os ossos da mão, de tanto segurar com força, pra não deixar escapar.

E escapa, né? Nada é da gente, e nada é pra sempre e acaba, sabe? E dói, dói. Dói de saber que é que nem quebra cabeça de 100 peças...que tudo se encaixa e fica bonito no fim, mas só tem um pra tentar fazer tudo ficar bonito. E penso que acho que estou cansada de segurar, de encaixar, de amar, de gostar, de me preocupar e de não conseguir ignorar tudo que dói.

Mas, né! Dói, ué! Fazer o quê...Dói porque eu gosto...E porque ele não gosta. E fica um sim e um não. E eu quero transformar sim em não e não em sim, e são palavras tão diferentes, e tão difíceis de combinar. Que não combinam, verde com laranja no inverno. E eu me pergunto se junho não passa logo. . .

Ah! Eu soube que eu iria durar por muito tempo...

[Excerto do livro “NMO”, no prelo]

Vivian Guilherme é jornalista e escritora, nascida em Rio Claro/SP. Publicou seu primeiro romance em 2022, intitulado “O cara do pôster”, teve textos publicados em coletâneas do Centro Literário Rio Claro de 2003 a 2009. Foi colunista nos jornais Diário do Rio Claro, Jornal Cidade e Jornal Regional. Premiada personalidade musical do ano pelo projeto Festival Rock Feminino. É idealizadora desta coletânea de autores de Rio Claro.

YAYÁ DOMINGAS

A COR-AMOR

As cores me fazem viva
trazem alegria ao olhar
me lembra que dentro de mim
há um arco-íris
com bem mais de sete cores
milhões de tonalidades
que expressam sentimentos

Vermelho, sangue, vida
Amarelo, luz, ilumina, alumia
Verde, folhas, frescor, saúde
Azul, céu, calma
(o azul jamais será agito)

E neste momento, eu invento a cor-AMOR
A cor mais linda de todas
Aquele que o espectro ocular não vê
Mas o corpo humano sente em
cada pedacinho seu
E ela é mágica
Opera milagre
cessa guerras
acolhe o outro
Resgata lá do fundo do poço

Que a cor-amor esteja vibrando dentro de cada um de nós.

IMENSIDÃO

Sou livre, imensidão
nasci como um afloramento de água
em meio a mata fechada
protegida
Segui o curso, encorpei
Recebi afluentes, chuvas
passei por períodos de secas e cheias

Fui abrigo, mistério, fresco
fonte de alimento
receptor de despejo
de sujeira, dejetos
Me purifiquei
e seguí com águas calmas
e límpidas

Até que me deparei com a vastidão
Encontro com outras águas
de outros caminhos, origens, lugares
Para enfim, imensidarmos
juntas,
Aguarmos em um sem-fim
de junção, conexão, amplidão.

Yayá Domingas, geógrafa e pedagoga. Aventurou-se a começar a escrever após a pandemia para expressar seus sentimentos. Em 2022, escreveu seu primeiro poema e, desde então, vem fazendo uso das palavras e das cores para trazer os textos e desenhos. Acaba divulgando as artes na página do Instagram: @artes_de_yayá.

ZAB FARIAS

QUANDO ACELERA O CORAÇÃO (MEDO)

Há muito o que o coração teme,
Que sente
estar com pouco tempo.
Se apressa,
Buscando correr daquilo que o aflige.
Fugindo sem sair do lugar.
Amarrado,
O peito aperta,
Aperta o passo,
Aperta o laço,
E o sufoca.
Em apuro, afogo,
No peito há falta de ar.
Corre uma lágrima,
Comunicando que o interno tem pressa.
Inspiro.
O peito enche,
E o coração, refém,
Amarrado se mantém.
Mesmo que pensando em fuga,
Não tem chance de sair do lugar.

-

Zab Farias nasceu no estado de São Paulo, viveu grande parte de sua vida em Itapetininga-SP, de onde saiu aos 18 anos quando ingressou na Universidade Estadual Júlio Mesquita Filho (UNESP) de Rio Claro. Em suas obras, tende a retratar sentimentos que o atravessam como modo de melhor processá-los.



“Nas linhas aqui escritas, tem-se memórias, paixões, sentimentos, alegrias, lembranças, sonhos que fizeram e fazem parte de cada veia poética que marca essas páginas. Os textos conversam com leitor, que poderá se emocionar, rir, chorar, se identificar com os poemas, com as histórias contadas, com as conquistas alcançadas.”

VERENA VENANCIO

“É lindo demais ver todos esses talentos reunidos, histórias sobre a nossa cidade, relatos de dramas pessoais, ou simplesmente ficção bem escrita, daquelas criativas, instigantes e de belos versos. Tenho certeza que, assim como eu, muitos de vocês desconheciam todo esse talento que habita a nossa querida Cidade Azul!”

VIVIAN GUILHERME

ESTA É UMA PRODUÇÃO INDEPENDENTE COM DISTRIBUIÇÃO GRATUITA DA EDIÇÃO DIGITAL. TODA A RENDA ARRECADADA COM A VENDA DA EDIÇÃO FÍSICA SERÁ REVERTIDA PARA A INSTITUIÇÃO CASA DAS CRIANÇAS.

ISBN: 978-65-00-83891-6

CCL



9 786500 838916